

1951 e 1953: Duas Exposições de Arquitectura no Porto

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Joana Marques | FAUP 2010-2011

1951 e 1953: Duas Exposições de Arquitectura no Porto

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura orientada por Doutor Rui Ramos

Joana Marques | FAUP 2010-2011

FUNDAÇÃO
MARQUES
DASILVA

Este trabalho contou com o apoio da Fundação Instituto
Arquitecto José Marques da Silva.

Agradecimentos

Ao Professor Rui Ramos, que primeiro discutiu esta hipótese de trabalho comigo.

À Fundação do Instituto Marques da Silva, pela disponibilidade e apoio na consulta do respectivo arquivo.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Resumo / Abstract

Este estudo pretende enquadrar duas Exposições de Arquitectura realizadas no Porto, a primeira em 1951, promovida pelo grupo ODAM (1947-1952), e a segunda em 1953, promovida pela Escola Superior de Belas Artes do Porto em homenagem ao arquitecto José Marques da Silva (1869-1947).

Assumiui-se, como elemento agregador, a Escola de Belas Artes do Porto e, como personagens fundamentais, os arquitectos José Marques da Silva e Carlos Ramos (1897-1969), cuja afinidade se justifica pela actividade pedagógica realizada e conseqüente responsabilidade que tiveram na formação de arquitectos na primeira metade do século XX.

O objectivo principal é fazer um reconhecimento dos acontecimentos referidos, reunir a informação e sistematizar os dados de uma forma operativa, criando um corpo de conhecimento que os permita (re)conhecer. Paralelamente, pela exposição e confrontação de ambos os acontecimentos, pretende-se perceber o seu significado no contexto espaço-temporal em que se inserem, reconhecer e enquadrar os seus intervenientes, esclarecendo algumas circunstâncias da sua formação e da sua actividade profissional, e contextualizar alguns eventos culturais realizados na cidade do Porto durante a época estudada, nunca antes submetidos a uma análise comparativa.

This study attempts to frame two Architecture Exhibitions held in Porto, the first in 1951, promoted by the group ODAM (1947-1952) and the second in 1953, by the ESBAP, in tribute to the architect José Marques da Silva (1869-1947).

It was assumed, as an aggregator, the ESBAP, and as key characters, José Marques da Silva and Carlos Ramos (1897-1969), whose affinity is justified by the educational activity at the school and the consequent responsibility they had in the formation of architects in the first half of the twentieth century.

The main objective is to make a recognition of the events, gather and systemize the information creating a body of knowledge that allows its recognition. Alongside, the exposure and confrontation of the two events intends to clarify its objectives in its context, to recognize its the actors, explaining the circumstances of their formation and work, and contextualizing some cultural events held in Porto during the time studied never subjected to a comparative analysis.

Lista de Abreviaturas

AMS – Arquivo Marques da Silva

ANBA – Academia Nacional de Belas Artes

APBA – Academia Portuense de Belas Artes

CIA – Congresso Internacional de Arquitectos

CIAM – Congrès Internationaux d' Architecture Moderne

CMP – Câmara Municipal do Porto

CODA – Concurso para Obtenção de Diploma de Arquitecto

EBAL – Escola de Belas Artes de Lisboa

EBAP – Escola de Belas Artes do Porto

ESBAP – Escola Superior de Belas Artes do Porto

FUV – Federación de Urbanismo y de la Vivienda

ICAT – Iniciativas Culturais Arte e Técnica

MRAR – Movimento de Renovação da Arquitectura Religiosa

ODAM – Organização dos Arquitectos Modernos

SAP – Sociedade dos Arquitectos Portugueses

SNA – Sindicato Nacional dos Arquitectos

SNBA – Sociedade Nacional de Belas Artes

SPN – Secretariado de Propaganda Nacional

ÍNDICE

Resumo /Abstract	5
Objecto/objectivo/metodologia	11
Nota Introdutória	15
PARTE I	
1. Compromisso Cultural	25
1.1. Academias de Belas Artes de Lisboa e Porto	25
1.2. Novas Associações – Marcas de uma afirmação	31
PARTE II	
2. APBA/EBAP/ESBAP	41
2.1. Marques da Silva na APBA/EBAP	44
2.2. Carlos Ramos e a EBAP/ESBAP	59
PARTE III	
3. As Exposições	71
3.1. 1951: Exposição de Arquitectura Moderna do Grupo ODAM	73
3.2. 1953: Exposição de Homenagem a Mestre Marques da Silva e alguns dos seus discípulos	91
Nota Final	101
Bibliografia	105
Referenciação de Imagens	113
ANEXO	115

Objecto/objectivo/metodologia

Este trabalho tem como objecto de estudo duas exposições de arquitectura realizadas no Porto, a primeira em 1951, promovida pelo grupo ODAM, e a segunda, em 1953, promovida pela ESBAP, em homenagem póstuma a Mestre Marques da Silva (1869-1947). Ocupando um campo específico, o das manifestações culturais, é preenchido por uma história, revelando não só fenómenos datáveis e definíveis nas suas componentes materiais, mas também percursos notáveis de figuras/personagens, factos/acontecimentos e obras/produção, balizas de um campo de estudo.

A opção temática radica, por um lado, na inexistência de uma descrição ou confronto de ambos acontecimentos, várias vezes referidos mas nunca tratados na sua especificidade, e por outro, na possibilidade de olhar a arquitectura através das suas manifestações públicas, da sua vontade de se mostrar ao mundo e de se divulgar.

Incide-se no registo de eventos culturais, mais especificamente, exposições. Foca-se essencialmente a primeira metade do século XX e manifestações realizadas no Porto por arquitectos formados na EBAP sob a alçada de Marques da Silva e Carlos Ramos. Tendo como alicerce estas duas figuras, aborda-se ainda o percurso da escola e de alguns dos seus mais significativos figurantes.

Sustentando-se em um território, uma escola e duas personagens em concreto, o campo de estudo acabou impreterivelmente por se alargar. No entanto, não se pretende fazer um ensaio sobre a cultura arquitectónica portuense mas sim recolher e mostrar uma serie de situações que parecem passar despercebidas ou ocultas, procurando que o trabalho possa clarificar e trazer nova informação (mesmo que parcelar) sobre o desenvolvimento da arquitectura moderna em Portugal.

Em que nos pode ser útil este estudo?

O que acontece em muitos dos trabalhos já realizados sobre a arquitectura moderna portuguesa na primeira metade do século é, no geral, uma certa invariabilidade dos autores e dos casos estudados, incidindo, por um lado, nos registos monográficos e, por outro, numa aceitação da história da arquitectura

como a história do edifício – monumento de excepção. De facto, para além das obras mais divulgadas, existem muitas outras doadas ao abandono, muitas vezes, e por um preconceito geral pela época em que se inserem, consideradas obras anónimas ou de uma arquitectura de regime. Genericamente constatou-se ainda um ancoramento a alguns momentos específicos e privilegiados, geradores de uma mitologia da circunstância da arquitectura portuguesa¹.

A consciência dos temas a tratar em torno da arquitectura em si mesma por vezes esquece outros dados que lhe são complementares, nomeadamente, a actividade cultural, a formação/ensino do arquitecto e o seu papel não só como projectista mas também como doutrinador, não só de arquitectos mas também de uma sociedade.

A utilidade deste trabalho manifesta-se quando, ao focar e desenvolver um estudo apoiado em dois momentos até agora (quase) ignorados², se reconhecem obras e arquitectos, circunstâncias da sua formação e actuação, se justifica a evidente constância de algumas personagens.

Algumas questões se levantam na realização de um trabalho deste género. Em primeiro lugar, qual o significado destes acontecimentos no panorama arquitectónico em que se realizam? O que une os autores e os respectivos projectos nestas exposições? É revelada uma consciência e/ou uma reflexão de conjunto? É possível identificar nos seus intervenientes a afirmação de uma determinada prática pedagógica ou de uma geração de arquitectos com práticas comuns? Haverá, na obra individual de cada autor, um fio condutor, uma lógica e uma atitude colectiva que revele um espírito de conjunto ou deverá cada caso ser interpretado na sua especificidade? Denota-se uma iniciativa pedagógica, polémica ou apenas informativa?

¹ Menciona-se, a título de exemplo, a Exposição Universal de Paris (1900), o I Congresso Nacional de Arquitectura em 1948, o Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa (1956-1961).

² A exposição da ODAM é usualmente nomeada em vários trabalhos sem no entanto ser desenvolvida reflexão sobre o seu significado ou um enquadramento dos seus participantes. Sobre a Exposição de Marques da Silva e alguns dos seus discípulos não foram encontradas referências num âmbito geral e, até agora, não foi realizado nenhum estudo.

E duas grandes dificuldades. Por um lado, a fragmentação e a escassez da informação referente a ambos os acontecimentos, aos seus intervenientes e ao período em que se inserem. Por outro, o sentido interpretativo, pessoal ou direccionado para assuntos específicos, dos poucos documentos escritos acerca da época tratada.

Tendo estes factores em consideração optou-se por uma divisão do trabalho em três partes que se organizam à luz de uma linha cronológica. O arco temporal circunscreve-se entre 1902 e 1953, justificando-se o seu início por ser o ano de formação do SAP, correspondendo também ao início da actividade de pedagogia de Marques da Silva na APBA, culminando em 1953, ano em que se realiza a exposição de homenagem ao mestre. Apesar de se ancorar em alguns momentos específicos, não se pretende que a sequenciação revele uma estanqueidade mas sim uma continuidade.

Na primeira parte faz-se uma aproximação ao contexto das exposições, tendo em conta o ensino de arquitectura e a actividade cultural dos arquitectos portugueses na primeira metade do século.

Numa segunda parte, articula-se a existência de entidades vitais, Marques da Silva e Carlos Ramos, que procuram justificar, por uma condição centrífuga, os componentes temáticos subjacentes, a saber: personagens, ensino e actividade cultural.

Na terceira parte, faz-se uma análise descritiva de ambas as exposições e um contraponto com alguns eventos que aconteceram na época.

Nota Introdutória

Realizar uma exposição de arquitectura revela algumas dificuldades, não só na escolha dos materiais a expor, mas também na criação de um contexto expositivo, ou seja, na forma como se organiza e constrói um diálogo entre o objecto e o observador (em função de uma mensagem que se pretende transmitir).

Apesar de um acto deste género invocar uma vontade de abertura, uma exposição de arquitectura adopta códigos que muitas vezes só são acessíveis a quem os domina, ou seja, os arquitectos. Na sua comunicação com o público, e uma vez que o objecto representado não está presente (impossibilitando um confronto directo, uma experiência real do espaço), é exigida uma certa capacidade de abstracção para ser possível perceber e participar, impedindo que a arquitectura se feche sobre si e deixe de fora os seus fruidores.

Com um objecto ausente, apenas é possível expor-se o que o representa, ou seja, desenhos, maquetas, fotografias, etc., procurando sempre que essas representações sejam originais. Ao serem expostas, as obras adquirem um sentido de ícone, alterando a sua relação com o espectador. Para além disso, ao retirar as obras já construídas do seu contexto, a obra deixa de fazer parte de um todo e torna-se possível acrescentar-lhe valor na sua especificidade.

Hoje em dia, com a evolução das técnicas computadorizadas, temos um universo de possibilidades e de materiais que podem ser expostos, reproduzidos e divulgados. No entanto, quando se fala sobre exposições do passado, acontece que muitos dos elementos que figura(ra)m simplesmente desapareçam ou não foram devidamente identificados para futuras considerações. Além disso, são raros os casos em que é feito um estudo prévio do material apresentado ou se procuram opiniões sobre o impacto público que causaram, como aconteceu, por exemplo, na Exposição Retrospectiva da obra do arquitecto Raul Lino³.

³ Denominada *Raul Lino. Exposição Retrospectiva da sua Obra*, realiza-se em Lisboa, entre Outubro e Novembro de 1970, na Fundação Calouste Gulbenkian. É ainda publicado um catálogo com estudos sobre a obra do arquitecto realizados por Pedro Vieira de Almeida, José Augusto França, Manuel Rio-Carvalho e Diogo Lino Pimentel. Estes ensaios irão instalar alguma controvérsia e contestação entre os arquitectos, sucedendo-se debates, declarações e publicações de artigos nas revistas e jornais da época.

Em Portugal, a actividade cultural ligada à arquitectura na primeira metade do século, escassa e pouco diversificada, é inevitavelmente reflexo de uma situação política conturbada e reveladora do afastamento que a sociedade portuguesa manteve face às manifestações culturais, apenas acessíveis a um círculo restrito⁴. E se, por um lado temos uma desfavorável situação política e uma sociedade desinteressada, por outro, no seio das instituições ligadas à arte (e à arquitectura) encontramos uma carência de agentes activos e de iniciativas impulsionadoras.

Ambas as exposições tratadas neste trabalho se inserem num momento de intensas alterações no panorama da arquitectura portuguesa. Estamos no início dos anos 50 e após toda a problemática que foram os anos 40, já é notório o aparecimento de uma nova geração de arquitectos modernos⁵.

Apesar da diferença de carácter de ambas as exposições, a proximidade temporal com que se realizam e os seus intervenientes justificam a sua abordagem conjunta. Entre uma mostra de um grupo independente e, uma outra, de uma escola, encontrou-se como elo comum: a formação e o território de actuação, a Academia/Escola de Belas Artes do Porto, e o Porto.

A primeira exposição estudada ocorre em Junho de 1951, iniciativa do Grupo ODAM, no Salão Nobre do Ateneu Comercial, completando-se com algumas conferências e palestras. Ao mesmo tempo realiza-se no Porto o VI Congresso Luso Espanhol⁶, relevante para este trabalho pois, para além de algumas personagens e temas em comum, revela-nos uma actividade nacional articulada com entidades estrangeiras.

⁴ Jorge Figueira afirma que “Nem com a Revolução Republicana, que altera o poder institucional, as manifestações culturais se agitam decisivamente, permanecendo a perspectiva nacionalista perfeitamente assimilada, quer pelas elites culturais que a alimentavam, quer pela burguesia emergente que a utilizava como legitimação, consolidação e representação de um novo poder.”
In: FIGUEIRA, J., *Escola do Porto : um mapa crítico*, p.75.

⁵ Referimo-nos a uma terceira geração de arquitectos modernos em Portugal, nascidos “entre 1917 e 1927, que principiam a prática profissional no final da década de 40 e começam a ter obra significativa a partir de 50”.

In: MENDES, M., ““Nós”. Uma Modernidade de Fronteira – Nós para uma Passagem Inconclusa”, p.19.

⁶ Realizado entre 18 e 23 de Junho de 1951.

Sobre a ODAM e a demonstração do seu trabalho podem indicar-se dois momentos de excepcional importância. Em primeiro lugar, o Congresso de 48, onde expõem 11 teses, e três anos depois, em 1951, a Exposição de Arquitectura Moderna no Porto, acontecimento que Ana Tostões afirma ser “a mais importante manifestação pública”⁷ do grupo.

É necessário perceber que a exposição revela um debate e um manifesto colectivo, apoiado no trabalho individual dos seus intervenientes. Irá funcionar como veículo de divulgação e defesa da produção arquitectónica e da ideologia moderna, como fenómeno cultural onde se pretende uma interacção com o público e um esclarecimento deste, demonstrando as linhas de pensamento dominantes e dando a conhecer uma produção que, em alguns casos, não sairia do atelier ou da escola.

A consciência colectiva do grupo, que se vai estabelecendo nas difíceis condições do exercício da profissão, apoia-se em princípios teóricos e projectuais das tendências internacionais dos anos 20 e 30, na linguagem austera, despojada e igualitária das experiências racionalistas centro europeias, com especial enfoque na figura de Le Corbusier. Mas este apoio tardio contraria o facto de que alguns documentos agora defendidos, como é o caso da Carta de Atenas⁸, já serem anteriormente conhecidos. Porquê só agora se revelam? Talvez pelo atraso apontado pelo grupo⁹ aliado à escassez de reflexão e produção teórica nacional.

No confronto entre os anos 20/30 e os anos 50 em Portugal constata-se uma grande diferença entre as realidades sociais, económicas e políticas. Na arquitectura, João Vieira Caldas afirma que, nos anos 20, três factores determinam e conformam a mudança: o uso do betão, a formatura de uma geração que “troca o

⁷ TOSTÕES, Ana, “O Congresso e os “verdes anos” 50”, p.16.

⁸ A “Carta de Atenas” é um texto publicado em 1941 (com redacção de Le Corbusier), que reúne as conclusões do IV CIAM (do qual não resultou nenhum documento oficial), realizado a bordo de um navio, em viagem de Marselha a Atenas, em 1933.

In: BENEVOLO, L., *Historia de la arquitectura moderna*, p.555.

A primeira tradução da Carta de Atenas em Portugal é feita por Nuno Teotónio Pereira e Manuel Costa Martins e publicada entre 1942 e 1944 no nº147 da revista *Técnica* (da Associação de Estudantes do IST), em artigos intitulados “A Arquitectura e a Engenharia na Construção” e “As Necessidades Colectivas e a Engenharia”. Uma segunda tradução é realizada por Celestino de Castro e Francisco Castro Rodrigues e é publicada pela revista *Arquitectura*, repartida em 12 partes, começando no nº 20 (Fev. de 1948) e terminando no nº32 (Ago. /Set. de 1949).

⁹ “O atraso em que se mantém a Arquitectura Nacional pode computar-se em mais de cem anos.”
Cit. de Odam, In: *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos, 1947-1952*.

eclético da sua aprendizagem por uma concepção claramente modernista” e a substituição de um regime republicano por uma ditadura¹⁰. Nuno Portas foca, para essa geração, a “emergência e ensaio de uma linguagem de ruptura”, em grande parte gerada “pelo vazio teórico e ao quase isolamento da movimentação internacional”¹¹. Assim sendo, se nos anos 30 a modernidade foi reduzida a uma “expressão resultante das ilações formais que os novos materiais sugeriam”¹², com o pós guerra não é mais possível “manter-se o isolamento que o Poder tinha sujeito ao país” e os “livros vão chegando; com estes novos modelos, a consciência dos novos problemas, e hipóteses de soluções diferentes”¹³, tornando possível desenvolver agora uma dimensão ética e moral e alargar a escala de abordagem da cidade a um território mais amplo.

E é em torno desta dimensão ética e moral que a ODAM se revela como grupo organizado com objectivos específicos e ideologia comum.

No entanto, um outro ponto é importante referir: o início de uma viragem, de um debate que se vincula ao regionalismo, à tradição, ao nacional, mas agora com uma consciência renovada que se pretende crítica, consciente e articulada com o tempo presente¹⁴.

A segunda exposição abordada é realizada em Dezembro de 1953, na já então Escola Superior de Belas Artes do Porto¹⁵, em homenagem ao falecido Mestre Marques da Silva, expondo-se os seus trabalhos conjuntamente com obras de discípulos que formou.

Não deixa de ser curioso que, ao realizar uma exposição de homenagem a um determinado autor, se complemente o campo expositivo com obras dos seus

¹⁰ CALDAS, J. V., “Cinco entremeios sobre o ambíguo modernismo”, p.23.

¹¹ PORTAS, N., “A evolução da arquitectura moderna em Portugal: uma interpretação”, p.724.

¹² TOSTÕES, A., “O Congresso e os “verdes anos” 50”, p.12.

¹³ FERNANDEZ, S., *Percurso / Arquitectura Portuguesa / 1939 / 1974*, p.48.

¹⁴ “A «frente» moderna do pós-guerra, na sua luta contra um regionalismo fascizante, assumida numa aparente plataforma unitária reivindicativa da arquitectura moderna como única via, perdia sentido. Esboçava-se uma procura de autenticidade, de fixação do tempo e da história, denunciando a preocupação de tornar possível a integração da modernidade na tradição.”

In: TOSTÕES, A., “Modernismo e Regionalismo, 1948-1961”, p.48.

¹⁵ A reforma do ensino de Belas Artes que o eleva a Ensino Superior é instituída na Lei nº 2.043, de 10 de Julho de 1950, mas apenas vigorou com o Decreto-Lei nº 31.362 e 41.363, de 14 de Novembro de 1957.

discípulos. Este facto será talvez revelador de uma consciência do valor do Arquitecto aliada ao valor do Mestre, ou seja, para além da obra marcante que legou ao norte do país, demonstra-se a importância que teve como pedagogo no desenvolvimento de uma escola e na formação de arquitectos¹⁶.

Sobrepõem-se as obras do Mestre, realizadas ou em projecto, e ainda alguns concursos, aliada a uma vasta variedade de novos programas realizados pelos discípulos, obras no geral já construídas. Entendida mais como revisitação “na fidelidade, no formalismo ou na acautelada pendência”, deixa ainda transparecer um confronto entre “nacionalistas e racionalistas”, visível na “convivialidade de modelos” e “cruzamentos de linguagens”¹⁷.

No geral, foca de uma forma mais clara alguns “critérios de inserção e representatividade urbana” do que propriamente as experiências individuais, descontínuas e ecléticas, marcadas por um “regionalismo colado ao funcionalismo ou com os retornos racionalistas”¹⁸.

Para além de uma homenagem, a exposição parece surgir como pretexto de uma síntese possível do contexto portuense e da sua produção arquitectónica na primeira metade do século.

¹⁶ Sobre o percurso de Marques da Silva na EBAP ver Parte II.

¹⁷ CARDOSO, A., *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX*, p.596.

¹⁸ Ibid.

PARTE I

“Los fines a que aspiran los maestros del Movimiento Moderno hacen de sus relaciones con el público un tema delicado.

Al querer influir sobre la producción de edificios es necesario que sus ideas salgan del círculo cerrado de sus estudios y sean presentadas al gran público, no sólo a un círculo de iniciados.(...)Por todo esto, nadie se preocupa mucho por demostrar la bondad de los nuevos principios con discursos y proyectos teóricos, antes bien, se busca cualquier ocasión para que estos principios puedan ser aplicados, con éxito, a problemas concretos. De hecho, el argumento decisivo es de naturaleza experimental; es necesario persuadir que la nueva arquitectura funciona mejor que la antigua. Sólo así la demostración puede llegar a todos y la nueva arquitectura puede apoyarse en las exigencias generales y no en la orientación cultural de una minoría.”¹⁹

¹⁹ Leonardo Benevolo, *Historia de la arquitectura moderna*. [1ª Ed. Original 1960].

1. Compromisso Cultural

A primeira parte deste trabalho divide-se em duas fases distintas.

Na primeira, procura-se esclarecer o modelo de ensino ministrado nas Academias de Belas Artes Portuguesas, focando o seu papel na mediação entre escola/cidade, produção/público. Neste enquadramento, inserem-se ainda alguns dados sobre o SAP²⁰ e a sua influência no desenvolvimento do ensino em Portugal. Com efeito, esta primeira fase termina sensivelmente em 1911, ano em que se faz reforma do ensino, continuando-se a sua caracterização no capítulo seguinte, já em associação ao percurso de Marques da Silva e Carlos Ramos na escola.

Na segunda fase faz-se uma contextualização mais aproximada cronologicamente aos eventos estudados onde se insere e justifica o aparecimento do grupo ODAM e o contexto em que são realizadas ambas as exposições.

1.1. Academias de Belas Artes de Lisboa e Porto

“A Arquitectura portuguesa é terreno de cruzamento de culturas. É na forma como interpreta os modelos exteriores e os adapta à sua realidade que encontraremos a sua especificidade.”²¹

Este cruzamento característico da arquitectura portuguesa encontra-se também no ensino, sempre conduzido por uma conciliação entre os modelos eruditos internacionais, de importação lenta e essencialmente de fundamentação teórica, e um sistema local, manifestado nas suas técnicas e tradições²².

²⁰ Sobre o SAP referencia-se:

RIBEIRO, A. I., *Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953*, Porto, Faup Publicações, 2002.

²¹ COSTA, A. A., “Arquitectura Portuguesa”, in: *JA Antologia*, p. 205.

²² CALADO, M., “O Ensino de Arquitectura em Portugal: Abordagem Histórica”, p. 6.

O ensino ministrado nas Academias de Belas Artes de Portugal²³ é herdeiro do sistema da École des Beaux Arts de Paris, onde a formação tinha uma vertente mais artística, de tendência clássica, com pouca insistência na especialização técnica²⁴. No modelo francês, o estudante de arquitectura aprendia a desenhar no atelier²⁵, cabendo à escola apenas a realização de leituras, emissão de programas e avaliação dos concursos²⁶. Os ateliers funcionavam então como escolas privadas de arquitectura onde se desenvolvia uma relação mestre – aluno, e uma relação aluno – aluno, permitindo uma variada partilha de conhecimentos não só pelo *patron* mas também entre os vários níveis dos estudantes²⁷.

É com este tipo de instrução que Marques da Silva contacta em Paris e procura adaptar enquanto pedagogo, iniciando uma prática de atelier em complemento ao ensino escolar.

No que diz respeito à mediação entre a Academia e o público, a realização de exposições anuais é uma prática que se inicia em França já no séc. XVII., assumindo-se que:

“para que as artes floresçam, menos importante é que sejam ensinadas em instituições Reais e mais importante é que haja bastante gente disposta a comprar pinturas e esculturas de artistas novos”²⁸

e não só dos mais velhos e reconhecidos mestres. Os artistas deixam de trabalhar para um mecenas, trabalhando agora para o êxito da exposição.

Em Portugal, desde a sua fundação, que as Academias de Belas Artes assumem como objectivo a “promoção e difusão do estudo das Belas Artes e a sua

²³ As Academias de Belas Artes de Lisboa e Porto são criadas por decreto de Manuel Silva Passos em 1936.

²⁴ Nuno Portas afirma que: “A ruptura dos saberes dá-se, como sabemos, com a especialização das universidades no séc. XIX: os novos politécnicos e as escolas de Belas Artes, separando os homens do progresso técnico e os guardiões dos estilos.”

In: “Ensino: os projectos dos architectos”, *JA Antologia*, p.26/27.

²⁵ “An atelier is a studio; an architectural atelier is a Drafting room.”

In: CHAFEE, R., “The Teaching of Architecture at the Ecole des Beaux-Arts”, p. 88.

²⁶ Os concursos eram provas de avaliação realizadas na academia.

Ibid., p. 83.

²⁷ Ibid., p. 89.

²⁸ GOMBRICH, E. H., *História da Arte*, p. 480.

aplicação à indústria”, adoptando como missão o desenvolvimento da actividade pedagógica, a promoção e divulgação da arte e o intuito de educar o público.

Com efeito, a Academia constituiu-se por académicos honorários, académicos de mérito e por professores, funcionando em paralelo uma escola que sempre sobressaiu no seio da instituição, acabando usualmente por designar-se Academia ao órgão escolar. No Porto, é ainda anexado à academia, em 1839, o Museu Portuense, ou Ateneu D. Pedro²⁹.

Nos estatutos inaugurais das Academias fixa-se uma duração de 5 anos para o curso de arquitectura³⁰ e são estabelecidas exposições trienais:

“momento de implicações pedagógicas, sociológicas e artísticas pois aí se projectam o panorama escolar, os estímulos da Escola, as afirmações qualitativas e de gosto da produção (pois que se apresentam os trabalhos dos alunos que mais se hajam distinguido), a abertura ao meio, com a exposição pública e a aceitação de «quaisquer pessoas que quiserem expor as suas composições à aprovação, ou censura do Público»³¹.

Expõem professores da Academia, alunos mais distintos, pensionistas do Estado, ex-alunos, amadores, artistas exteriores à instituição e estudos feitos no Centro Artístico Portuense, incentivavam-se os alunos com prémios, prevê-se a publicação de um catálogo das obras expostas³².

De facto, constantes ou não, estas exposições comprovam uma vontade de articulação entre a Academia e a cidade, demarcando um percurso ao longo do século XIX, onde foi possível o aparecimento de personagens essenciais na arte portuguesa.

²⁹ “Criado em 1933 pelo regente D. Pedro no intuito de conservar obras de arte sequestradas durante o Cerco do Porto e as que haviam sido abandonadas nos Conventos, a sua fundação foi oficializada pelo Decreto de 12 de Setembro de 1936.”

In: *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) e respectivos antecedentes.*

³⁰ GEORGE, F., *Considerações sobre o ensino de arquitectura*, p.23.

³¹ CARDOSO, A., *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*, p. 25.

³² *Ibid.*, p. 25/26.

Em 1881 é criada a EBAP como entidade autónoma da APBA³³. No entanto, apesar de ser bem “explícita nos Estatutos que regem as Academias de Lisboa e Porto a distinção entre a Academia e a Escola propriamente dita, no seio, de uma mesma instituição ” o que na realidade acontece é que “a justaposição entre a Academia e a Escola, no caso portuense, é quase perfeita e total”, situação que subsiste “nas várias reformas e que só a de 1911 aclara.”³⁴

Em 1881 é previsto um aumento dos cursos³⁵, a criação de aulas nocturnas, um tirocínio prático de dois anos (sempre que possível em obras do estado) e a abertura do curso ao sexo feminino³⁶. Institui-se que as exposições escolares sejam realizadas anualmente.

Este esforço promotor de um contacto entre as Belas Artes e o público mantém-se no projecto de reforma de 1908³⁷, mas agora com um âmbito mais alargado pois se define como um dos fins das Academias de Belas Artes “Organizar exposições d’arte e promover conferências sobre esthetica, historia da arte, monumentos nacionaes e archeologicos.” Mantêm-se os prémios “tanto aos alumnos da Escola de Bellas Artes, como aos expositores a quem tiverem sido conferidos”, entregues na cerimónia de abertura no início do ano lectivo³⁸.

Este projecto concretiza-se quase na totalidade em 1911, redefinindo-se a duração do curso de Architectura Civil e fixando-se definitivamente o tirocínio de 2 anos. Torna-se necessário para obtenção de diploma, para além do estágio e da

³³ “A Academia seria constituída pelo Inspector e pelos académicos e reuniria em Conferência Geral, com a participação do corpo escolar, sempre que convocada pelo inspector, com fins consultivos e para nomeação de académicos. Nela funcionaria um Conselho de Administração e Aperfeiçoamento (...). Quanto à Escola, seria presidida por um Director, nomeado pelo Governo, e administrada por um Conselho Escolar. Esta reforma nunca chegou a ser regulamentada como era então previsto, mas, apesar disso, teve alguns reflexos na organização da instituição.”

In: *Faculdade de Architectura da Universidade do Porto (FAUP), Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) e respectivos antecedentes.*

³⁴ CARDOSO, A., *O Architecto José Marques da Silva e a architectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*, pp. 17/18.

³⁵ Cursos gerais de: Desenho, Architectura Civil, Pintura Histórica, Pintura de Paisagem, Escultura Estatuária, Gravura a Talho Doce, Gravura em Madeira e ainda cursos de Belas Artes com aplicação às artes industriais.

In: *Faculdade de Architectura da Universidade do Porto (FAUP), Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) e respectivos antecedentes.*

³⁶ GEORGE, F., “Considerações sobre o ensino de architectura”, p.40.

³⁷ CARDOSO, A., *O Architecto José Marques da Silva e a architectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*, Anexo nº6, 8 de Janeiro de 1908; p. 760.

³⁸ *Ibid.*

carta de curso, a realização de três provas: gráfica, escrita e oral³⁹. A aplicação deste currículo na EBAP já irá ter a intervenção de Marques da Silva, como iremos ver mais à frente.

SAP (1903-1933)

A fundação do SAP⁴⁰, em 1902, aporta não só a emergência de uma nova consciência profissional, de uma preocupação com a importância da classe e sua defesa, mas também a noção de que o “aperfeiçoamento do gosto público (...) será um poderoso incentivo para a compreensão exacta da missão que nos cumpre exercer na sociedade”⁴¹. Esta preocupação com a “educação do povo português, a qual só poderá suprimir-se por um longo, tenaz e perseverante esforço”⁴² é também realizada no intuito de “trazer para seu lado a opinião pública que pudesse funcionar como um grupo de pressão junto dos poderes instituídos”⁴³. Para este efeito, a actuação junto do público seria feita através de “congressos, exposições, prelecções, conferências, publicações, excursões, concursos”⁴⁴, objectivos que, quer pelo panorama em que actua, quer pela instabilidade dentro da sociedade, resultarão em “lentos progressos no meio de protestos, reclamações e exposições de resto não muito bem sucedidas”⁴⁵.

No âmbito dos congressos nacionais, é no seio do SAP que surge a primeira proposta, feita por João Piloto em 1917. Sucede-lhe Pardal Monteiro em 1919, e Eduardo Cosmelli de Sant’Anna, em 1926. Já em 1939, Pardal Monteiro faz nova proposta que será “a mais longa e empenhada tentativa de realizar um

³⁹ GEORGE, F., *Considerações sobre o ensino de arquitectura*, pp.43-45.

⁴⁰ Pedro Vieira de Almeida, no intuito de demarcar um início para o estudo da arquitectura moderna em Portugal, referencia, entre outros factores, a formação do SAP.

In: ALMEIDA, P. V., “Carlos Ramos – Uma estratégia de intervenção”.

⁴¹ F. Carlos Parente, citado por:

RIBEIRO, A. I., *Arquitectos portugueses : 90 anos de vida associativa 1863-1953*, p. 47.

⁴² Adães Bermudes citado por:

Ibid., p. 56.

⁴³ Ibid., p. 48.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ ALMEIDA, P. V., “Carlos Ramos, Uma Estratégia de intervenção”.

Congresso e uma Exposição nacionais que só oito anos mais tarde, e com o envolvimento directo do Governo, teria lugar.”⁴⁶

O SAP irá ainda fomentar o contacto com os profissionais estrangeiros, verificando-se a partir do momento da sua criação uma participação mais assídua nos CIA⁴⁷.

Ainda importante para a sociedade, e relevante para este trabalho, é a preocupação com a qualificação e formação do arquitecto. Data de 1908 uma primeira proposta de reforma do ensino académico das Belas Artes, que será concretizada quase na totalidade em 1911⁴⁸. Esta proposta visava um programa de curso dividido por dois módulos, um Curso Preparatório e um Curso Especial com duração de 3 e 5 anos, respectivamente, e ainda evidenciava a necessidade da criação de cadeiras técnicas e científicas⁴⁹. Nesse mesmo ano forma-se a Delegação da Sociedade dos Arquitectos Portugueses do Norte, com sede no Porto⁵⁰.

Em 1933 cria-se também o SPN, entidade que irá controlar, no campo da cultura, uma série de exposições coloniais e a realização de pavilhões nas exposições internacionais, nomeadamente, a Grande Exposição do Mundo Português em 1940, “o grande “show” do regime (...) o grande espectáculo da restauração cultural” onde foram chamados a participar os arquitectos da primeira vaga moderna “ao que consta com entusiasmo (em vez de submissão ou vergonha, como se chegou a fazer crer)”⁵¹.

⁴⁶ RIBEIRO, A. R., “Relembrando o Congresso de 48”, pp. 23/24.

⁴⁷ Os CIA (Congressos Internacionais de Arquitectura) são realizados desde 1867, tendo o primeiro ocorrido em Paris e contando na altura com a presença de Possidónio da Silva. Os arquitectos portugueses participam nos CIA de Madrid (1904), Londres (1906), Viena (1908) e Roma (1911), contando este último com a presença de Marques da Silva.

Sobre o CIA de 1904 ver:

DIAS, F. S., “Elementos para a história da arquitectura moderna em Portugal”, in *Arquitectura*, nº 82, Junho de 1964.

⁴⁸ Já em 1903 se colocava a necessidade de reformar o curso da EBAL.

In: RIBEIRO, A. I., *Arquitectos portugueses : 90 anos de vida associativa 1863-1953*, p.52.

⁴⁹ *Ibid.*, p.59.

⁵⁰ *Ibid.*, p.65.

Sobre este assunto ver, na obra referenciada, o capítulo 1.2:

“Da Delegação Norte à Secção Distrital do Porto do Sindicato Nacional dos Arquitectos”, pp.139/170.

⁵¹ PORTAS, N., “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação”, p. 719.

1.2. Novas Associações – Marcas de uma afirmação

O final da II Guerra Mundial (1939-1945) levanta em Portugal a primeira crise do regime de Salazar⁵² e irá possibilitar o aparecimento de um novo fôlego, uma certa euforia de libertação, uma certa ruptura na sociedade portuguesa que, de alguma forma, a arte transmitia e alvitrava⁵³. Tendo que “a repressão a partir dos últimos 40s, será cada vez mais política, visando homens ou associações e cada vez menos persuasiva na moldagem das tendências culturais”⁵⁴, gera-se um “clima de maior agitação cultural” que vai fazer da “década de 40 particularmente importante na reflexão da arquitectura moderna em Portugal”⁵⁵.

Marcos dessa agitação cultural são a formação de novas organizações de arquitectos “unidas por ideais comuns”⁵⁶, nomeadamente, o ICAT e a ODAM. Envolvem uma nova geração em emergência e ainda alguns mais velhos, de uma segunda geração, que se podem considerar mentores destes movimentos. Facto é que a década de 40 cruza três gerações⁵⁷ e isso reflecte-se, por exemplo, na agitação representada pelo Congresso de 48⁵⁸.

No congresso, ICAT e ODAM juntam “esforços para dar cabo do chamado «português suave», da arquitectura dita nacional que a ditadura de Salazar, a exemplo de outros regimes totalitários, utilizava como instrumento de

⁵² Ver: ROSAS, F., “Os anos da guerra e a primeira crise do regime”, in: *Portugal Contemporâneo*, Vol. IV, Lisboa, Alfa, pp.35-36.

⁵³ FRANÇA, J. A., *A Arte em Portugal no Séc. XX*, p.366.

⁵⁴ PORTAS, N., “Arquitectura e Urbanística na Década de 40”, p.293.

⁵⁵ BOTELHO, M., “Anos 40: A ética da estética e a estética da ética”.

⁵⁶ TOSTÕES, A., “O Congresso e os “verdes anos” 50”, p.12.

⁵⁷ “A geração mais velha, a dos pioneiros modernistas, protagonizada por Cottinelli Telmo (1897-1948), Pardal Monteiro (1897-1957), Miguel Jacobetty Rosa (1901-1970) e Jorge Segurado (1898-1990), e representada pelo silêncio de Cristino da Silva, acusará um evidente desfasamento ideológico com os mais jovens. Será, certamente, a geração seguinte, de gente com 30/40 anos, a ter um papel determinante no tom geral do Congresso, aliando ao pragmatismo que a prática profissional já ensinara a um desejo de profunda mutação, defendida por Keil do Amaral (1910-1975), João Simões (1908-1994), Peres Fernandes (1911-1989), Paulo Cunha (1909-?) e pelos portugueses Arménio Losa (1908-1988), Viana de Lima (1913-1990) e Lobão Vital (1911-?). Finalmente a geração dos novíssimos – com Palma de Melo (1922-2003), Conceição Silva (1922-1983), Celestino de Castro (1920-2007), Herculano Neves (?), Costa Martins (1922-1996) e Nuno Teotónio Pereira (1922-); do Porto, Matos Veloso (1923-), Oliveira Martins (1918-1997) e Mário Bonito (1921-1976) – defenderá com convicção e sentido panfletário teses mais radicalmente reclamadas da arquitectura do movimento moderno.”

In: TOSTÕES, A., “O Congresso e os “verdes anos” 50”, p.17.

⁵⁸ É realizado em Lisboa, entre 28 de Maio e 4 de Junho de 1948, tendo como temas “A Arquitectura no Plano Nacional” e “O Problema Português da Habitação”. Em simultâneo é também realizada a exposição oficial *15 anos de Obras Públicas – 1932-1947*.

inoculação ideológica para fortalecer o poder.”⁵⁹ Simultaneamente, realiza-se ainda a exposição *15 anos de Obras Públicas – 1932-1947*, residindo nestes dois eventos “a ambiguidade e o sinal do fim de um tempo, o das obras públicas de Duarte Pacheco, que tanta encomenda fizera aos arquitectos.”⁶⁰

No entanto, a actuação de arquitectos do norte no congresso não se limitou às teses expostas pelo grupo. Em relação ao tema I – “Arquitectura no Plano Nacional”, conta-se com a presidência do arquitecto David Moreira da Silva, secretariado por Couto Martins, de Lisboa, e Fortunato Cabral, do Porto, e, como relator, I. Peres Fernandes. O tema II – “O Problema Português da Habitação” irá ter como presidente de mesa Carlos Ramos, secretariado por Veloso Reis, de Lisboa, e H. Fonseca Dias, do Porto, e, como relator Andrade Gomes⁶¹.

O ICAT e a revista *Arquitectura*

Forma-se em 1946 e é dinamizado por Keil do Amaral⁶². Uma das primeiras diligências é a aquisição da revista *Arquitectura* que irá ser o veículo de divulgação de um moderno vocabulário arquitectónico. Ao longo dos anos que tomam conta da revista, publicam-se obras dos jovens arquitectos portugueses bem como de arquitectos internacionais⁶³.

O ano de formação do ICAT corresponde também ao ano da realização da I EGAP, que inicia um ciclo de exposições realizadas anualmente na SNBA, entre

⁵⁹ PEREIRA, N. T., “O que fazer com estes 50 anos”, p.45.

⁶⁰ “Os projectos apresentados vinham dos anos 30, caracterizando toda uma arquitectura de regime, explanando “o cânone consagrado da monumentalidade vinda da tradição do Mundo Português”. A exposição governamental para além de oficialmente justificar e dar sentido ao Congresso, para os Arquitectos, que aí viam os últimos 15 anos de trabalho para o estado, funcionava “inesperadamente como elementos de acusação”, determinando o momento de uma inadiável autocrítica e facilitando a discussão do congresso na interpelação dos dois temas (...)”

In: TOSTÕES, A., *Os verdes anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50*, p. 34.

⁶¹ RIBEIRO, A. I., *Arquitectos portugueses : 90 anos de vida associativa 1863-1953*, pp.253/254.

⁶² Keil do Amaral legou várias publicações e artigos excepcionais sobre a arquitectura portuguesa durante a década de 40. Nomeiam-se: *A Arquitectura e a Vida* (1942), *A Moderna Arquitectura Holandesa* (1943), *O Problema da Habitação* (1945), uma série de artigos na revista *Arquitectura* intitulados *Maleitas da Arquitectura Nacional* (1947/48) e ainda o texto *Uma iniciativa necessária* (1947), onde revela a necessidade de se elaborar um estudo sobre a arquitectura regional portuguesa e que irá impulsionar a realização do Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa.

⁶³ Terragni, Marcel Breuer, Mendelsohn, E. N. Rogers, R. Neutra, Gropius, Alvar Aalto, Le Corbusier, etc.

In: TOSTÕES, A., “O Congresso e os “verdes anos” 50”, p.13.

1945 e 1956⁶⁴, e onde se confrontavam os “Salões de Arte Moderna organizados desde 1935 pelo Secretariado Nacional de Informação e que eram veículos de promoção da cultura oficial”⁶⁵. Demarcam “uma atitude polémica contra a arquitectura officiosa”⁶⁶, revelando uma crescente afirmação da arquitectura moderna em detrimento de uma via mais tradicionalista. Invocam o I Salão dos Independentes⁶⁷ no sentido de retomar “o caminho de já outros artistas independentes”⁶⁸.

Ainda que na I EGAP se denote um “grande ecletismo estético”⁶⁹ o seu papel é no entanto essencial para perceber uma interligação entre as várias artes.

“Assim se foi forjando uma cumplicidade democrática entre os «artistas» que partiam em busca de uma realidade contemporânea e autêntica, uma realidade existencial, que se converteu numa palavra de ordem para muitos arquitectos da nova geração que assim viram o seu meio formal e socialmente certo de aplicar os ideais estéticos e funcionalistas do Movimento Moderno em Arquitectura.”⁷⁰

De referir a participação da dupla portuense Arménio Losa e Cassiano Barbosa já na III EGAP, em 1948.

ODAM

Fundado no Porto em 1947 empenha-se na implementação e divulgação da arquitectura moderna. Fortemente influenciados pelos CIAM, revelam uma preocupação pela resolução de problemas sociais, culturais e técnicos.

O grupo O DAM é constituído por um conjunto de duas gerações de arquitectos modernos, ou três gerações escolares sucessivas, a primeira, formada

⁶⁴ Exceptuando em 1952, ano em que a SNBA é encerrada pela PIDE.

⁶⁵ RIBEIRO, A. I., *Arquitectos portugueses : 90 anos de vida associativa 1863-1953*, p.439.

⁶⁶ TOSTÔES, A., *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, p.22.

⁶⁷ Realizado em Lisboa em 1930.

⁶⁸ TOSTÔES, A., *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, p.22.

⁶⁹ *Ibid.*, p.21.

⁷⁰ *Ibid.*, p.22.

na escola do porto entre 1935 e 1940, ainda com Marques da Silva como professor e director, a segunda entre 1940 e 1945, e a terceira entre 1945 e 1950⁷¹.

A primeira geração de arquitectos da ODAM coincide com os jovens arquitectos de uma 2ª geração moderna, entre eles Arménio Losa, Cassiano Barbosa, Viana de Lima, Agostinho Ricca, António Lobão Vital e Artur Andrade. São arquitectos que estão já em pleno exercício da actividade liberal e, alguns deles, ligados à docência nas Belas Artes. Pertencem a uma formação escolar onde ainda prevalece a gramática *Beaux Arts*, com limitado acesso a informação vinda do exterior, com falta de bases teóricas e uma forma de projectar baseada nas regras de composição eclética e na arte de bem construir⁷². São, no entanto, sensíveis aos modelos que vêm do exterior e serão os primeiros a apostar na defesa e divulgação dos ideais do movimento moderno em Portugal. Serão estes e os seguintes que irão ter um papel fundamental da formação do grupo.

A 2ª geração, já com a presença de Carlos Ramos na escola, como docente, corresponde a arquitectos que concluem a formação por volta de 1945, sendo na altura da formação da ODAM recém-formados ou em início de actividade. Apesar de alguns já exercerem arquitectura, fazem-no ainda sem a realização do CODA, que normalmente só era feito após a realização do primeiro projecto.

A 3ª geração é composta pelos elementos que durante o curto período de vida do grupo são ainda estudantes da EBAP e terminam o curso já na década de 50.

Uma parte dos elementos do grupo liga-se directamente ao ensino, como professores na escola, alguns na altura em pleno exercício de docência, outros, os mais novos, os irão suceder (por exemplo, Távora, Carlos Loureiro, entre outros) e dar continuidade a alguns parâmetros fundamentais da estrutura de acção pedagógica.

⁷¹ ROSA, E., *ODAM: valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva*, p.48.

⁷² Ibid.

O Congresso e o Ensino

Não obstante, a questão do ensino foi também alvo de discussão no Congresso de 48, em associação ao primeiro tema, apresentando-se não só os problemas como hipóteses de solução.

No geral, identifica-se como principais deficiências o regime de admissão, a falta de uma cadeira de Teoria de Arquitectura, a má inserção da cadeira de Construção (que é leccionada apenas no 4º ano), a falta de contacto com materiais reais e visitas a obras, o deficiente quadro de professores, a desadequação do tirocínio na formação prática do estudante de arquitectura⁷³.

Keil do Amaral terá a posição mais crítica neste aspecto, fazendo uma breve reformulação de um artigo já publicado anteriormente na revista *Arquitectura* no âmbito das “Maleitas da Arquitectura Nacional”. Afirma que:

“Em realidade, os architectos concluem os cursos insufficientemente munidos de conhecimentos técnicos, sem espírito de colaboração, sem espírito de investigação, sem o culto da Arquitectura, mas superabundantemente exercitados na arte de conseguir improvisar e apresentar projectos fáceis e sem profundidade, com muito “molho decorativo” e pouca verdade.”⁷⁴

Aponta, para além dos elementos já referidos acima, que a escola deveria fomentar um “espírito de colaboração” e “intercâmbio de ideias entre os alunos dos vários cursos”, procurando nas provas de avaliação que “architectos, pintores e escultores tivessem de trabalhar juntos”. Reprova os edifícios em que o ensino é ministrado e dá como exemplo a *Cranbrook Academy of Arts*, nos EUA⁷⁵.

⁷³ Vejam-se as teses de:

Francisco Keil do Amaral, “A formação dos Architectos”; José Manuel Galhardo Zilhão, “O Ensino da Arquitectura em Portugal”; Candido Palma Teixeira de Melo e Francisco Conceição Silva, “O ensino da Arquitectura em Portugal”; João Simões e Francisco de Castro Rodrigues, “Do Ensino ao exercício da profissão”.

In: *1º Congresso Nacional de Arquitectura Promovido pelo Sindicato Nacional dos Architectos com o Patrocínio do Governo. Relatório da Comissão Executiva; Teses e Votos do Congresso.*

⁷⁴ AMARAL, K., “A formação dos Architectos”.

In: *Ibid.*

⁷⁵ *Ibid.*

PARTE II

“De Marques da Silva, a Ramos e Távora a Escola foi como eles, homens do século, Vitruvio e bom senso.”⁷⁶

COSTA, A. A., [Prefácio], In: FIGUEIRA, J., *Escola do Porto: Um Mapa Crítico*, p.13.

2. APBA/EBAP/ESBAP

Nesta segunda parte, faz-se uma abordagem aos percursos de José Marques da Silva e Carlos Ramos, focando a sua actividade de pedagogia e os diferentes momentos da sua actuação na Escola do Porto, de forma a clarificar algumas circunstâncias da formação dos arquitectos presentes em ambas as exposições.

Entre Lisboa e Porto

Pode dizer-se que há uma certa filiação entre as figuras mais significativas nas renovações pedagógicas realizadas nas duas escolas de Belas Artes em Portugal. José Luís Monteiro terá um papel essencial na introdução de uma renovação pedagógica, já em 1881⁷⁷, que na Escola do Porto irá ser desempenhado por Marques da Silva 20 anos mais tarde⁷⁸. Estes dois arquitectos pouco terão em comum para além da formação parisiense e da marcante prática pedagógica. No entanto, Monteiro é o Mestre que forma, em 1921, Carlos Ramos, sendo este o sucedâneo de Marques da Silva que, mais tarde, se revelará figura fundamental na renovação do ensino no Porto.

Nuno Portas afirma a existência de duas obras que marcam o início dos anos 20 “ainda pouco consciente do que seria o novo ciclo de arquitectura «modernista» em Portugal”, os Armazéns Nascimento (1914), no Porto, projecto de Marques da Silva, “um mestre neoclássico e eclético”, e o Edifício Havas (1921/22), em Lisboa, de Carlos Ramos, “um jovem que viria a dominar culturalmente a nova geração e, até, a tomar a liderança da sua formação na mesma

⁷⁷ ALMEIDA, P. V., FERNANDES, J. M., *A arquitectura moderna*, p. 26.

Sobre a inflexão que José Luís Monteiro introduz no ensino, Pedro Vieira de Almeida afirma que incidirá na substituição da prática académica romana, que “fornecia *modelos*, rigorosamente codificados e dificilmente adaptáveis aos novos programas sociais e urbanos”, por uma prática académica francesa, que “fornecia *tipologias*, que eram necessariamente mais abertas e adaptáveis em termos formais e funcionais a usos e necessidades que uma sociedade em formação, lenta embora, vinha progressivamente a exigir.” É ainda importante referir que Silva Sardinha, o mestre de Marques da Silva, contemporâneo de Monteiro e seu colega em Paris, não promoveu na academia portuense a mesma renovação.

In: *Ibid.*, p.32/33.

⁷⁸ *Ibid.*

escola portuense”⁷⁹. E são de facto estes os dois mestres que irão conduzir a Escola do Porto.

A Marques da Silva podemos atribuir a formação de sucessivas gerações de arquitectos que, no entanto, sobre ele deixam testemunho divergente. Pedro Viera de Almeida vai mais longe ainda e afirma que é possível separar-se “aqueles que a ele aderiram incondicionalmente e aqueles que a ele reagiram e o criticaram até com aspereza”⁸⁰. No entanto, Rogério de Azevedo revela que:

“Foi necessário o dobrar do tempo para que aqueles que mais contestaram (perdoe-se o termo que não dá novidade moderna) viessem confessar o seu engano. Foram os próprios contestadores que, passados anos, organizaram um jantar ao mestre onde, os brindes, confessaram publicamente o seu erro!”⁸¹

Carlos Ramos já terá uma intervenção mais influente numa geração emergente nos anos 40, sendo este o “mestre” que mais cedo regressará ao nacionalismo, como autor, mas cuja acção singular será vincada na actividade de pedagogo e protector da arquitectura mais nova⁸².

Beatriz Madureira diz-nos que “para as gerações que frequentaram a Escola entre 40 e 70, Marques da Silva não existiu. Nenhum sinal da sua passagem, do seu ensino, da sua obra”.⁸³

Alexandre Alves Costa afirma que a passagem de Carlos Ramos pela Escola do Porto sofre por vezes de simplificações, sendo olhada “sem passado ou como negação absoluta a ele”⁸⁴, levantando a hipótese de “uma leitura histórica contínua que venha encontrar o seu equivalente na própria história da arquitectura portuguesa”⁸⁵. Revela que:

“Foi com Marques da Silva que se avançou na profissão e na escola, já no seu caso tão interligadas, no aprofundamento tecnológico, no rigor da

⁷⁹ PORTAS, N., “A evolução da arquitectura moderna em Portugal: uma interpretação”, p. 706.

⁸⁰ Ibid., p. 66.

⁸¹ AZEVEDO, R., “Mestre Marques da Silva”.

⁸² PORTAS, N., “A evolução da arquitectura moderna em Portugal: uma interpretação”, p. 713.

⁸³ MADUREIRA, B., *Marques da Silva/ Arquitecto / 1896 – 1947*, p. 27.

⁸⁴ COSTA, A. A., “Á memória de Mestre Ramos”, p. 82.

⁸⁵ Ibid.

construção, na racionalidade compositiva. Com ele se exploram novos programas. O ensino que Ramos propunha ou ministrava pode ser definido com as mesmas palavras. Os seus alunos sabem como a sua crítica, sempre lúcida, utilizava o funcionalismo como argumento principal, sem nenhuma imposição de gramática estilística. Liberdade na responsabilidade, foi o lema da sua pedagogia.”⁸⁶

José Augusto França declara que, nos anos 20 foram “poucos os diplomados, numa escola de Belas Artes que, reformada em 11, exigia nova reforma de ensino que só teria lugar em 32”⁸⁷. De facto, as reformas de 1911 e 1932 introduzem as alterações mais significativas no ensino das Belas Artes e em ambas Marques da Silva terá um papel essencial na sua formulação e aplicação.

Este mesmo autor considera ainda que, só a partir de 52 na EBAP dirigida por Carlos Ramos, seria criada na arquitectura “uma cultura provincial, independente, de notável categoria profissional e ética, que não deixava de contestar orientações de uma Lisboa polemicamente mal considerada, senão desconsiderada”⁸⁸.

⁸⁶ Ibid., p.84.

⁸⁷ Ibid., p. 119.

⁸⁸ Ibid., p. 448.

2.1. Marques da Silva na APBA/EBAP

Formação

Marques da Silva ingressa na APBA em Outubro de 1882⁸⁹, no intuito de se preparar para a carreira de arquitecto mas recebendo formação simultânea nas três artes⁹⁰.

A sua formação no Porto é feita por três professores que haviam sido bolseiros em Paris⁹¹ e a prática pedagógica da escola incide no desenho, “com o peso da cópia, da repetição, da *mimesis*”⁹². De facto, a preparação dos alunos em desenho, arquitectura, pintura e escultura é na altura boa mas “sem uns certos estudos literários ou científicos nunca podem ser artistas completos”⁹³.

Está na altura em vigor o programa de reforma definido em 1881, “que se pretendia renovadora” mas terá, contrariamente, gerado um “acumulado ressentimento nos professores”⁹⁴. No entanto, na última década do século vem-se afirmando uma nova geração, da qual faz parte Marques da Silva⁹⁵. Esta última década na Academia é ainda marcada pelo “eco [d]o velho Samodães”⁹⁶, invocador de “Paris e dos debates entre realistas e impressionistas”⁹⁷ que acreditava que a

⁸⁹ CARDOSO, António, *O Arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*, p. 11.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 13.

⁹¹ José Geraldo da Silva Sardinha (arquitECTURA civil), João Marques da Silva Oliveira (desenho histórico) e Soares dos Reis (escultura).

In: *Ibid.*, pp. 19/20.

⁹² *Ibid.*, p. 21.

⁹³ *Ibid.*, p. 35.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 154.

Ver também Anexo nº 7, Janeiro de 1909:

“O diploma fundamental da creacção da Academia Portuense de Bellas Artes, com a data de 22 de Novembro de 1836, é ainda hoje, a sua lei estatutária, na parte referente á Escola de Bellas Artes, havendo sido refundida a parte respectiva á organização da Academia pela reforma da Academia de Bellas Artes de Lisboa, promulgada por decreto de 22 de Outubro de 1881. Já anteriormente os estatutos fundamentaes d’esta Academia padrão glorioso de verdadeira intuição artistica em mutilações sucessivas, tinham sido cerceados na maior parte dos professores, os quaes sendo primitivamente em numero de dez, ficaram reduzidos a quatro.”

⁹⁵ António Cardoso revela uma geração da qual constam António Carneiro, Abel Cardoso, Acácio Lino, Aurélio de Sousa, Sofia de Sousa, Cândido da Cunha, Júlio Vaz, Júlio de Pina, Fernandes de Sá, Joaquim Gonçalves da Silva, José Joaquim Teixeira Lopes Júnior, Eduardo da Costa Alves Júnior, Correia da Silva.

In: *Ibid.*, p. 154.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 151.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 152.

escola “deve ser veículo de tradições”⁹⁸, e pelo mestre Silva Sardinha (1845-1906)⁹⁹.

Marques da Silva frequenta a escola até 1888, ano em que se prepara para o concurso de pensionato em Paris, onde irá completar a sua formação entre 1889 e 1896¹⁰⁰.

Sobre a formação parisiense, Cardoso salienta o Desenho como principal herança, acentuando a atenção dada à planta como parte predominante e geradora do projecto. O próprio Mestre afirma que:

“No estudo da planta há a aplicação de toda a Arte e o conhecimento profundo do assunto a tratar, a fim de que ela corresponda, na sua aplicação, às necessidades a que tem de satisfazer.”¹⁰¹

Moreira da Silva acrescenta que o Mestre “gostava de dizer que a planta é tudo, e que uma boa planta dá sempre uma boa fachada”¹⁰².

Já no final da sua passagem pela academia em Paris, contacta com Julien Guadet (1834-1908)¹⁰³, professor de Teoria de Arquitectura, e que será inevitavelmente uma influência a nível teórico.

⁹⁸ Ibid., p. 154.

⁹⁹ José Geraldo da Silva Sardinha frequenta o curso de Arquitectura Civil da APBA entre 1863 e 1867. Em 1867 concorre ao lugar de pensionista do estado, sendo classificado em primeiro lugar, chegando a Paris em 1868 ou 1869, onde terá como colegas José Luís Monteiro e José António Gaspar. É admitido na École de Beaux Arts em Abril de 1870. Nesse mesmo ano, com o eclodir da guerra Franco Prussiana, retorna a Portugal. Regressa a Paris em 1872, prosseguindo os estudos até Agosto de 1873. Nesse mesmo ano é nomeado Académico de Mérito da APBA. Com o falecimento de João António Correia em 1896, director da Academia desde 1882, é nomeado para sua substituição, mantendo-se no cargo até 1906.

In: BERNARDO, J. F., “Silva Sardinha. 1845-1906”, in: *Desenho de Arquitectura/Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (cat.)*, p.16-19.

¹⁰⁰ Sobre o percurso de Marques da Silva em Paris ver:

CARDOSO, A., *O Arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*, pp.41/88

¹⁰¹ Marques da Silva, citado por Maria José Marques da Silva.

In: CARDOSO, A., et al., *Marques da Silva/ Arquitecto / 1896 – 1947*, p. 29.

¹⁰² David Moreira da Silva.

In: Ibid., p.32.

¹⁰³ Julien Guadet é professor de Teoria de Arquitectura da *École des Beaux Arts* de Paris entre 1894 e 1908 e a relevância do seu papel no âmbito do pensamento arquitectónico associa-se ao tratado que escreveu, *Éléments et théorie de l'architecture*, publicado entre 1901 e 1904. Com efeito, a *Teoria Elementarista* de Guadet irá ser uma referência incontornável para os arquitectos do início do século XX, exercendo uma influência que irá prevalecer durante várias décadas. Sobre este assunto ver:

RYKWERT, Joseph, “The École des Beaux Arts and the classical Tradition”, in *The Beaux arts and the nineteenth-century French architecture*, pp.9/17.

“Com Guadet, como professor de Teoria, parece haver uma atenção a novas realidades (...) são sobretudo eliminados temas anacrónicos, é prestada atenção à bibliografia respeitante ao tema dado, a redacção dos programas permite verificar uma melhor formulação teórica e pedagógica.”¹⁰⁴

Um outro aspecto de realçar na herança francesa, e talvez o mais importante, é a ideia de *atelier-escola* que transportou directamente para o seu próprio escritório, onde os seus alunos puderam adquirir uma formação complementar, um contacto mais directo com o Mestre, em contraste com a impessoal formação na escola.

Início de pedagogia na APBA

Será Silva Sardinha que fará a proposta de Marques da Silva para académico de mérito, ou seja, docente, actividade que vai iniciar em 1902, juntamente com Fernandes de Sá¹⁰⁵. Nesse mesmo ano, o discípulo Manuel Marques ingressa na escola. No ano anterior, 1901, Teixeira Lopes fora nomeado, sem concurso, para professor da cadeira de escultura, percebendo-se que a “escola de algum modo se renovava”¹⁰⁶.

Com a morte de Silva Sardinha, Marques da Silva assume a regência interina da cadeira de arquitectura civil em 1907. Já no final desse ano lectivo na *16ª Exposição dos Trabalhos Escolares*, é elogiado por Leopoldo Mourão, afirmando que “em tão pouco tempo se entrou n’um caminho diferente do que até [então] era seguido”, acrescentando ainda que “Marques da Silva operou com o seu método de ensino uma revolução”¹⁰⁷.

¹⁰⁴ CARDOSO, A., *O Arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*, p.68.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p.157.

¹⁰⁶ *Ibid.*

¹⁰⁷ *Ibid.*, p.162.

EBAP: 1911-1925

Com o Governo provisório da República, e mais especificamente pelo decreto de 26 de Maio de 1911, dá-se a extinção das Academias¹⁰⁸, agora transformadas em Escolas de Belas Artes. Altera-se a divisão do curso de Arquitectura Civil, aplicam-se dois anos de tirocínio em obras do estado ou de particulares, define-se nova legislação para a atribuição do diploma do arquitecto e faz-se uma substituição do regime de pensões no estrangeiro por bolsas de viagem¹⁰⁹, aqui retomando algumas propostas feitas em 1908 pela SAP.

A reforma de 1911 deverá a Marques da Silva “uma pequena parte que por José de Figueiredo passava”¹¹⁰. Pela reforma é eleito vogal da 3ª circunscção para o Conselho de Arte Nacional¹¹¹, sendo por isso escolhido para participar no IX CIA, em Roma¹¹². Nos congressos discutia-se o ensino, a profissão e a arquitectura em si mesma. Quanto ao ensino, revelava-se a necessidade de conhecimentos científicos, técnicos e artísticos, do estudo dos edificios antigos e modernos e da participação de todas as artes nas concepções arquitectónicas. Ao arquitecto procura definir-se os seus direitos e deveres legais. A arquitectura envolverá uma “panóplia de temas inesgotáveis e em constante actualização”¹¹³. De facto, qualquer um dos temas interessaria a Marques da Silva, seja pela actividade profissional que ia desenvolvendo, pelos problemas do ensino ou por toda a situação da arquitectura nacional que ia confrontando.

É com este currículo que assume o cargo de Director, em 1913¹¹⁴, e quando o seu papel será notório pois nessa altura se cumprirá a legislação de

¹⁰⁸ Ibid., pp. 167/168.

¹⁰⁹ RIBEIRO, A. I., *Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953*, p. 63.

¹¹⁰ Ibid., p. 166.

¹¹¹ A Extinção das Academias de Belas Artes leva à criação do Conselho de Arte Nacional. Preconiza ainda uma descentralização da política artística e criam-se 3 Conselhos de Arte e Arqueologia, nomeadamente, Lisboa, Coimbra e Porto.

In: Ibid., p.63.

¹¹² Ibid., p.169.

Da participação portuguesa no IX CIA, salienta-se a intervenção de Terra, incidindo sobre os “Direitos e Deveres do Arquitecto” e “A execução dos trabalhos de Arquitectura do Estado e de outras administrações públicas”.

¹¹³ Ibid., p.169.

¹¹⁴ CARDOSO, A., *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX*, p.172.

1911¹¹⁵. Já em Maio de 1914 reformula o programa de concurso para a 2ª Cadeira (Desenho e Modelação de ornato), introduzindo a prova de modelação e a lição oral, afastando-se de uma forma inovadora do concurso análogo da Escola de Lisboa. Aprova também o provimento da 8ª Cadeira, História da Arte que será preenchida por Joaquim de Vasconcelos¹¹⁶. Altera ainda as condições de admissão aos concursos da escola. A direcção vai igualmente permitir-lhe criar, em 1914, um conselho administrativo que transmite a gestão financeira para o director, possibilitando que, já em 1916, Marques da Silva peça no orçamento económico verba para construção de instalações da EBAP, acção pela qual vai incorrer ao longo da sua permanência da escola.

O programa de 1911 irá manter-se inalterado até 1918, ano em que, pelo Governo de Sidónio Pais, é publicado decreto para remodelação do ensino das Belas Artes¹¹⁷ que terá alguns reflexos na escola do Porto. Factor de contestação é a sobreposição de cursos de organização diferente¹¹⁸, aplicando-se o novo regulamento apenas a novos alunos inscritos, mantendo-se os alunos matriculados anteriormente de acordo com o regime de 1911¹¹⁹, incongruência que se vai arrastar durante toda a década de 20. É neste intervalo de tempo, com Marques da Silva na direcção, que ingressam na escola os discípulos mais velhos, nomeadamente, Júlio José de Brito (1910), Rogério de Azevedo (1912), José Fernandes da Silva (1914) e Artur de Almeida Júnior (1915)¹²⁰.

Em 1918 é obrigado a abandonar a direcção sendo substituído por Antero de Figueiredo, mas mantendo a regência da cadeira de Arquitectura Civil.

Já por esta época, António Cardoso assume que surge aqui uma nova geração que se vai aproximar mais do mestre: David Moreira da Silva, António

¹¹⁵ Ibid., p. 172.

¹¹⁶ Que será substituído por Aarão de Lacerda em 1917.

¹¹⁷ O decreto vai estabelecer o curso preparatório passará de 3 a 4 anos e introduz-se uma 4ª cadeira, Desenho de Figura (estátua e modelo vivo); a cadeira de História de Arte desdobra-se em *História da Arte da Antiguidade e História da Arte Moderna e História da Arte em Portugal*; criam-se as cadeiras de *Anatomia e Higiene dos Edifícios, Geografia e Etnografia e História universal e pátria, rudimentos de história das literaturas clássicas e de literatura portuguesa*.

In: Ibid., p. 178.

¹¹⁸ Ibid., p. 180.

¹¹⁹ Ibid., p. 167.

¹²⁰ Os arquitectos referidos são apenas os participantes na exposição de 1953.

Ferreira da Silva Janeira, Homero Dias, António Varela e Mário Abreu¹²¹, podendo aqui acrescentar-se ainda Fortunato Cabral, António Júlio Teixeira Lopes, Alfredo Duarte Leal Machado e António Maria Cândido de Brito, discípulos que ingressam na escola entre 1919 e 1921 e irão terminar no final dos anos 20. Nesse mesmo ano, Marques da Silva é eleito presidente honorário da Sociedade dos Arquitectos do Norte¹²².

1925-1931

Em 1925, Marques da Silva viaja para Paris para visitar a *Exposição Internacional de Artes Decorativas*, retornando com uma clara notícia das *Artes Déco*.

Será entre 1925 e 1931 que se revela o aparecimento de uma 3ª geração de discípulos que irá frequentar a escola antes da reforma de 1932. Em 1925 ingressam na escola Arménio Losa, Eduardo Raul da Silva Martins, Ernesto Korrodi e Januário Godinho; em 1927, António Soares Carneiro Júnior e Bernardino Basto Fabião; em 1928, Agostinho Ferreira de Almeida, Cassiano Barbosa e Celestino Pereira Leite; em 1929, Francisco Fernandes da Silva Granja e José Maria Moura da Costa; em 1930, Fernando de Sá e Santos Ferreira. Irão terminar o curso entre 1940 e 1947, tendo portanto alguns deles já contactado com Carlos Ramos como docente.

Em 1928, Marques da Silva irá declarar a necessidade de se fazer uma remodelação do plano de estudos da escola, propondo-se para estudar esse plano¹²³. No momento, as suas orientações pedagógicas terão ainda influência Francesa¹²⁴. Nesse mesmo ano é homenageado, aproveitando o momento para revelar o seu parecer sobre a afirmação da missão do arquitecto.

¹²¹ Ibid., p. 183.

¹²² Associação que ajudara a criar em 1920 junto com Correia da Silva, Baltazar de Castro, António Peres Guimarães, Oliveira Ferreira, Leandro de Moraes e Rogério de Azevedo.

Ibid., p.82.

¹²³ Ibid., p.187.

¹²⁴ “A sua prática pedagógica e as suas orientações didácticas muito deverão ainda às revistas *L’Architecte*, *L’Architecture*, *Croquis d’Architecture/Intime Clube*, *La Construction Moderne*, *L’Architecture d’Auhourd’hui* e às edições de Auguste Vincent, *la Librarie Centrale d’Art et d’Architecture*, *Librairie de la Construction Moderne*, Editions Albert Lévy, Vincent, Fréal et Cie,

A homenagem será presidida por Guedes de Oliveira, destacando-se as palavras de Aarão de Lacerda, Dr. Miguel Monteiro e do aluno Luís Benavente¹²⁵. É ainda nesta ocasião que o mestre lança a ideia da criação de uma associação de antigos e actuais alunos de arquitectura das belas artes¹²⁶, estimulando assim uma maior proximidade entre alunos e arquitectos já em exercício da profissão.

Por essa altura, 1928, os alunos do curso especial de Arquitectura Civil, na “falta da justa consagração publica que a Vossa Excelencia é incontestavelmente devida”, escrevem um breve texto e dedicam-lhe “uma pequena mas sentida festa de homenagem” na qual “vão descerrar nesta sala o medalhão de Vossa Excelencia” e fazem-no “com o fogo santo do seu entusiasmo de rapazes, homenageando um mestre que sempre aqui encontraram acolhedor e sabio lial nos seus actos, justo nos seus castigos, irradiando um entusiasmo bendito pela Arte e um amôr sincero pelo trabalho”¹²⁷. Deste acontecimento, Homero Dias irá relembra, em 1941, a declaração do Mestre:

“Nos meus queridos alunos eu vejo a continuação do meu Ser.”¹²⁸

Já nesta primeira homenagem poderemos destacar a presença de alguns alunos que irão participar na exposição e que se vão manter sempre perto do mestre, nomeadamente, Homero Dias, Alfredo Duarte Leal Machado, Ricardo Guilherme Spratley, Manoel Marques, Mário Abreu e David Moreira da Silva.

Charles Moureau, F. Contet, Imprimerie des Arts et Manufactures e Albert Morancé que informam a sua própria biblioteca.”

In: *Ibid.*, p.193.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 187.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 187/8.

¹²⁷ Arquivo FIMS, [2132].

Assinaturas de L. S. Perdigão, Homero Ferreira Dias, António Ferreira Janeira, Alfredo Duarte Leal Machado, Joaquim Santiago Areal e Silva, Joaquim Madureira (filho), João Pimentel Júnior, Ricardo Guilherme Spratley, João Pereira Braga, Manuel Pereira, Luís Benavente, Alberto Silva Bessa, Manoel Marques Pereira, Augusto Alberto L. C. Rocha, Mário Augusto Ferreira Abreu, Américo Alarcão, Alfredo Guedes de Oliveira, António Augusto de Figueiredo, Renato Montes, David Moreira da Silva, Álvaro da Fonseca, Humberto Reis.

¹²⁸ Arquivo FIMS, [699], “Discurso de Homero Ferreira Dias”, 1941.

Exposição do Grupo + Além

Em Abril de 1929 a EBAP promove uma homenagem a Marques de Oliveira, organizando exposição retrospectiva da sua obra.

Neste contexto surge o Grupo + Além que reúne, entre outros, Januário Godinho, Cunha Leão, Fortunato Cabral, Domingues Alvarez e Guilherme Camarinha. O grupo realiza uma exposição no Salão Silva Porto onde se afirma “a verdadeira personalidade de cada expositor, o valor da geração de amanhã”¹²⁹. Procedem ainda à publicação de um manifesto, “em defesa da arte”. Assumem uma posição claramente vanguardista, de “questionamento do Naturalismo”¹³⁰, defendendo a arte enquanto “qualquer coisa que grita, que nos contorce e nos abre a sensibilidade”¹³¹.

Marques da Silva não apoiará esta manifestação¹³², tal como não o farão alguns dos seus discípulos ao divulgarem no jornal *O Comércio do Porto*¹³³ uma carta onde se colocam exteriormente ao “manifesto infeliz publicado por alguns alumnos de Bellas Artes no Porto”. Subscrevem Homero Ferreira Dias, Ricardo Guilherme Spratley, António Janeira, Victor Mesquita, David Moreira da Silva, Licínio Perdigão, Ernesto Camillo Korrodi, Bruno Reis, Manoel Rodrigues, Alberto Bessa, Vasco de Lacerda Marques, João Pereira Braga, Arménio Losa e Eduardo Martins.

É curioso ainda observar que os elementos que participam na exposição do Grupo + Além, discípulos de Marques da Silva, e que irão expor em 1953, não são no entanto parte do grupo ODAM, e julgo poder afirmar-se que já aqui se denota um afastamento que parece perdurar ao longo dos anos. Talvez também não seja por acaso que, no congresso de 48, para além das teses apresentadas pelos elementos do grupo, duas outras de arquitectos do Porto não são normalmente referenciadas, nomeadamente, a de Fernando Cunha Leão, “Correcções ao

¹²⁹ CARDOSO, A., *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX*, p. 190.

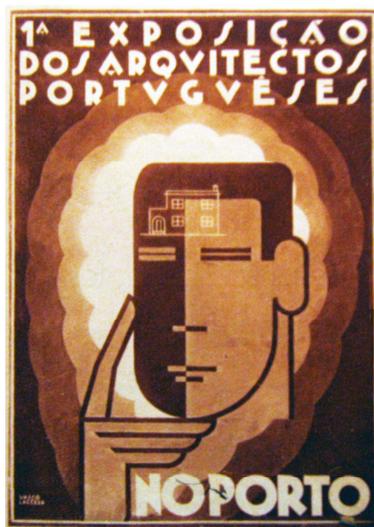
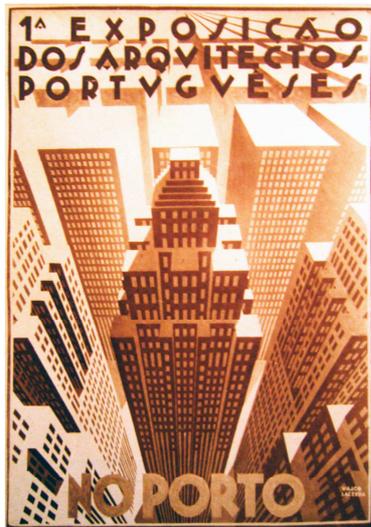
¹³⁰ *Ibid.*, p. 189.

¹³¹ Citado de “em defesa da arte”, p.46, por:

TAVARES, A., *Modernidade & construção : duas obras de Januário Godinho em Ovar*, p.77.

¹³² CARDOSO, A., *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX*, p.189.

¹³³ A 30 de Abril de 1929.



1. Cartazes do Concurso para a I Exposição dos Arquitectos do Porto, 1931:

1º Prémio: “Uma cidade moderna vista de cima”, Vasco Lacerda Marques

“Cabeça de um arquitecto”, Vasco Lacerda Marques

2º Prémio: “Um entablamento dórico e fracção da coluna respectiva”, Arménio Losa

3º Prémio: “Uma ruína Grega tendo por fundo construções modernas”, Ricardo Guilherme Spratley

4º Prémio: “Uma planta dum motivo decorativo clássico”, José Fernandes da Silva

regulamento dos honorários dos arquitectos, e de "Fortunato Cabral, "Do arquitecto e dos críticos – Da arquitectura e da critica", ambos do atelier ARS Arquitectos.

Exposição Dos Arquitectos Portugueses do Norte

Em Março de 1931 como iniciativa da SANP, presidida por Marques da Silva¹³⁴, realiza-se a I Exposição dos Arquitectos Portugueses no Porto, "réplica do salão dos independentes"¹³⁵, juntando arquitectos do norte e do sul.

A comissão de organização é composta pelos arquitectos Licínio Perdigão, presidente, Homero Ferreira Dias, secretário e Ricardo Spratley, vogal. A primeira iniciativa realizada foi um concurso de cartazes para anunciar a exposição, aberto para arquitectos e estudantes¹³⁶.

Não obstante, já nos aparecem alguns nomes de jovens estudantes de arquitectura no concurso para os cartazes, nomeadamente, Arménio Losa, Vasco Lacerda Marques, Spratley e José Fernandes da Silva que, como já vimos anteriormente, representam um campo oposto ao Grupo + Além.

Na exposição, para além da participação de Amoroso Lopes e Manuel Marques, talvez os mais velhos e experientes, todo o restante grupo se compõe de jovens arquitectos como Carlos Ramos, Jorge Segurado, Adelino Nunes, Manuel Pereira, Spratley, Camilo Korrodi, José Moreira, Rogério de Azevedo, António Janeira, Agostinho da Fonseca, José Ferreira Peneda, Júlio e António de Brito, António Azevedo e Fernandes da Silva¹³⁷.

¹³⁴ Presidido por Marques da Silva.

FRANÇA, J. A., *A Arte em Portugal no séc. XX: 1911-1961*, p. 228.

¹³⁵ Realizado em Lisboa, em 1930 onde expõem Cristino da Silva, Paulino Montez, Adelino Nunes, Able Pascoal, Carlos Ramos, Vasco Regaleira, Veloso Reis, Jorge Segurado, Cottinelli Telmo e Raul Tojal.

In: CARDOSO, A., *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX*, p. 201.

¹³⁶ Ver: "1ª exposição dos arquitectos portugueses", in *Noticias Ilustrado*, 22 Fevereiro 1931.

¹³⁷ Sobre as obras expostas ver: Anexo 1.

1931-1939

Em 1931 dá-se também início ao estudo de novo projecto de reforma e Marques da Silva participa na comissão¹³⁸, sendo publicado decreto em Maio desse ano. Esta nova legislação irá permitir a admissão de professores por convite¹³⁹ e reintroduzir as bolsas para pensionistas no estrangeiro, que teriam sido substituídas em 1911 por bolsas de viagem. É ainda notório que, ao contrário do que aconteceu em 1918, o novo programa com início no ano lectivo de 31-32, é aplicado aos “alunos que nas Escolas dessem entrada, como para os que n’elas já existindo, os conselhos escolares dariam a devida situação”¹⁴⁰.

Este novo programa é ainda caracterizado pela criação de um curso especial para cada uma das artes leccionadas na escola, agora com duração de 4 anos, onde se transmite cultura geral e conhecimentos considerados indispensáveis para a prática artística, seguido de um curso superior, sem duração determinada e em regime de frequência livre¹⁴¹. O aproveitamento final é feito pelos concursos de emulação que, em arquitectura, se completam com um tirocínio e um exame final, o CODA¹⁴². São alteradas as condições de admissão dos alunos¹⁴³ e, no que diz respeito aos docentes, continua a haver sujeição a prova pública, podendo-se excepcionalmente convidar individualidades da vida artística e cultural que recolham o consenso dos respectivos conselhos escolares¹⁴⁴.

Conquista-se com esta reforma as já muitas vezes pedidas cadeiras científicas, “conquista que custou não poucos esforços”¹⁴⁵ e que irá representar

¹³⁸Ibid., p.193.

¹³⁹Ibid., p.194.

¹⁴⁰ Ibid., p. 780.

¹⁴¹ COUTINHO, B., *Carlos Ramos (1897-1969): Obra, pensamento e acção. A procura do compromisso entre o Modernismo e Tradição*, p.264.

¹⁴² Concurso para Obtenção de Diploma de Arquitecto, que consiste na realização de um projecto, apresentando-se as plantas, alçados, cortes e detalhes de construção e completando-se com uma memória descritiva e cálculos orçamentais.

¹⁴³ Desaparece curso preparatório de desenho, aqui substituído por duas provas obrigatórias, uma de carácter artístico (eliminatória se classificação inferior a 12 valores) e outra de carácter literário e científico. Exceptuam-se os candidatos com diploma do curso geral dos liceus, certidão dos exames das cadeiras dos cursos gerais dos institutos industriais ou que tenham obtido aprovação num conjunto definido de disciplinas das escolas de ensino técnico e profissional.

¹⁴⁴ Como irá acontecer, por exemplo, com Carlos Ramos.

¹⁴⁵ CARDOSO, A., *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX*, p.191.

uma crescente afirmação técnica do curso de Architectura e alguma desvinculação ao modelo *Beaux Arts*.

Já em Maio de 1932 é publicado novo decreto que acaba com a distinção entre a carta de curso (atribuída a pintura e escultura) e o diploma de arquitecto.¹⁴⁶

No ano lectivo de 1932/33 realiza-se na escola a exposição escolar referente ao ano lectivo de 1931/32, acontecimento que demonstra que a escola estava a mudar¹⁴⁷. De facto, a exposição representa “na vida da escola um dos seus percursos notáveis” e pretende não só reatar “a tradição dos tempos áureos da Academia” mas também mostrar que “se inicia um período orgânico novo”. Defende-se o individualismo pois “todo o verdadeiro artista tem a sua forma, o seu estilo a sua própria linguagem, as suas melodias e harmonias próprias e, no domínio das artes plásticas, aquilo a que se chama o «cunho do artista»”, necessitando para tal uma educação que “proporcione liberdade e acção reguladôra”. Refere-se um “tumultuar intenso de renovação” que se tem afirmado nas duas últimas décadas, tanto na “produção do artista” como na sua “preparação educativa”. Conscientemente se afirma que “da escola parte a acção vivificante que, pela vida fóra, alimenta a sua marcha em seus variados aspectos, convindo, portanto abordar no ensino os problemas e assuntos que fóra déla devem ser tratados.”¹⁴⁸

Chegamos a 1933, ano em que entra em vigor a nova Constituição Portuguesa. É também o ano em que o SAP é transformado em SNA e em que reabre o Museu Nacional Soares dos Reis.

Por esta altura ingressa na escola a última geração de arquitectos formados por Marques da Silva: em 1932 Agostinho Ricca, em 1933 Jerónimo Ferreira Reis, e José António Sequeira Braga, e em 1935 Carlos Neves.

Já em 1936, em conferência¹⁴⁹ realizada para esclarecimento dos princípios essenciais do Estado Novo, Marques da Silva afirma serem “notórios os sucessos alcançados dentro e fóra da própria Escola”, onde as “obras difundidas e

¹⁴⁶ Ibid., p.203.

¹⁴⁷ Ibid., p.197.

¹⁴⁸ Ibid., p.780.

¹⁴⁹ Ibid., “Conferência de Marques da Silva na Comemoração do 28 de Maio de 1936 na Escola de Belas Artes do Porto”, Anexo nº24, pp.789/792.

espalhadas ressaltam nos domínios das artes plásticas, em exposições e museus, mas principalmente na arquitectura da habitação”, pairando “sobre nós um vento animador de grande actividade, certamente com falhas, mas progressivo”. Invoca a rapidez e a economia como os dois factores que imperam para “a mecânica vital do momento presente”, acrescentando, para os arquitectos, a necessidade de saber “interpretar os programas com a elasticidade necessária à aplicação lógica e racional do assunto” com a consciência de que “o melhor é o que melhor serve o seu perfeito destino”, não esquecendo a importância da composição e para esta o uso de elementos que procurem um “resultado pelo modo mais simples, barato e rápido e tendo em vista tudo o que o progresso nas ciências, nas artes e nas indústrias tenha produzido e possa produzir”. Remata com a ideia de que, como arquitectos não são apenas artistas, mas também portugueses. Em continuação lastima mais uma vez a precariedade das instalações, onde refere, entre outras considerações, a inexistência de salas de exposição.

Atingindo o limite de idade, 70 anos, retira-se da escola em Outubro de 1939, legando a Direcção a Acácio Lino que irá entregar as cadeiras leccionadas por Marques da Silva a Manuel Marques e Júlio José de Brito.

Pelos antigos alunos é realizado um banquete de homenagem, a 5 de Novembro, promovido por Cassiano Barbosa e Moura da Costa, aos quais se associam Moreira de Sá, Baltazar de Castro, Rogério de Azevedo, Sequeira Braga, Ferreira Peneda e Arménio Losa¹⁵⁰.

Já em 1940, Aarão de Lacerda assume a direcção e propõe que seja realizada uma sessão de homenagem ao Mestre. Pela mesma altura, Manuel Marques pretende demitir-se da regência da 4ª cadeira¹⁵¹ e Júlio José de Brito relembra a proposta do director para a admissão de Carlos Ramos em sua substituição, facto que se irá concretizar em Agosto de 1940.

Em 1941 é realizada homenagem pela Escola, onde são proferidos discursos de Júlio de Brito e Homero Ferreira Dias. Este último recorda a tarde de 25 de Abril de 1928, em que “foi colocado, a atestar perduravelmente a admiração

¹⁵⁰ Ibid., p.215.

¹⁵¹ Ibid., p.216

e aprêço pelo Mestre, o seu medalhão em bronze”¹⁵², e o banquete realizado em Outubro de 1939, também por iniciativa dos alunos, quando “a rigidez da Lei obrigou Mestre Marques da Silva a abandonar o lugar de Director e Professor desta Escola em plena pujança de inteligência e de actividade”, e onde “o grande Architecto português pôde escutar as melhores palavras de justa consagração”, afirmando que ao evocar estes dois acontecimentos, em “épocas diferentes e meios diversos” pretende salienta a “intimidade espiritual existente entre Professor e discípulos, dentro da Escola e fóra da Escola”, intimidade essa que o Mestre “sempre estimou, e estimulou”, pela realização e participação em almoços de confraternização dos Architectos do Norte.

Como era habitual, Marques da Silva escreve discurso, onde agradece “aos antigos e novos colegas” pela “prova de subjugante consideração”, não esquecendo “os actuais e antigos alunos, que já em diversas circunstancias me teem acumulado de atenções”. Relembra a academia e os seus mestres, o Museu D. Pedro, “aquela longa galeria tão desrespeitosamente tratada” onde figuravam permanentemente “as melhores produções academicas” e que “constituia um poderoso auxilio pedagogico”. Apesar do tom nostálgico, não esquece que “a novos tempos correspondem novas necessidades” e sendo necessário “dar nova elasticidade ao ensino e acompanhar o rodar dos tempos, modernamente” se realizou novo programa pedagógico que, apesar de não parecer “tem pontos de contacto com o primitivo diploma”. Recorda a sua participação nesse projecto de reforma, não esquecendo o auxílio do professorado da Escola na sua aplicação que “entrou em vigor em todas as cadeiras sem qualquer especie de periodo transitório”.

Refere mais uma vez o problema das instalações da Escola e termina humildemente, alegando:

“O que consegui foi o que porventura pretendia fazer para o lustre d’esta Escola? As minhas respostas são formalmente negativas; porém uma coisa coloco no pendão da minha vida de trabalho docente ou de direcção: é a paixão com que a procurei servir em qualquer emergencia.”¹⁵³

¹⁵² Arquivo FIMS [2132].

¹⁵³ Arquivo FIMS [3516].

2.2. Carlos Ramos e a EBAP/ESBAP

Antecedentes

Carlos Ramos frequenta a ESBAL entre 1914 e 1920, vigorando na altura o programa definido em 1911 e predominando a figura de José Luís Monteiro. Concilia a sua formação com a colaboração no atelier de Ventura Terra (1866-1919), entre 1918 e 1919¹⁵⁴, e de Raul Lino (1879-1974) entre 1916 e 1922¹⁵⁵, justificando-se aqui em Ramos o cruzamento das “duas linhas mestras” da evolução da arquitectura moderna portuguesa, constituintes da “estrutura da sua intervenção profissional e pedagógica”, tornando-o no seu contexto uma “peça charneira fundamental”¹⁵⁶.

Como arquitecto, sempre manteve uma actividade ligada a eventos culturais, como conferencista e como curador. Já em 1932, em conferência realizada na Sociedade de Belas Artes¹⁵⁷, afirma que “as características fundamentais de uma exposição de arte moderna são, acima de todas as outras, de ordem moral, histórica e social”. Assume o século XIX como um zero na arte, fala no aparecimento do betão e das novas possibilidades de construção¹⁵⁸.

Em 1933 fala novamente sobre a necessidade de integração das artes, revelando que:

“Arquitectos, pintores e escultores exigem, ainda dentro das Escolas, de uma educação colectiva e de um sentido de colaboração totalmente diferente daquele que, até este momento, só tem contribuído para os afastar e para que, pela vida fora não só se desconheçam, como ignorem reciprocamente as suas possibilidades e a sua sensibilidade estética.”¹⁵⁹

¹⁵⁴ COUTINHO, B., *Carlos Ramos (1897-1969): Obra, pensamento e acção. A procura do compromisso entre o Modernismo e Tradição*, p. 23.

¹⁵⁵ Uma colaboração de carácter pontual onde terá sido fomentada uma relação não só profissional mas também pessoal.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p.24.

¹⁵⁷ ALMEIDA, P. V., “Carlos Ramos – Uma estratégia de intervenção”.

¹⁵⁸ “Arquitectura Pura e Simplesmente”, no 1º Salão de Arte Moderna, 28 de Dezembro de 1932.

¹⁵⁹ *Ibid.*

¹⁵⁹ Prova de concurso para o lugar de Professor da 4ª Cadeira da EBAL, 24 de Agosto de 1933. Publicado em “Sudoeste”, nº 3, 1935; edição fac-similada de Contexto Editora, 1982.

Em 1934, juntamente com Paulino Montez, organiza uma exposição para o I Congresso na União Nacional onde apresentam uma montagem de fotografias, quadros e gráficos com os principais acontecimentos nacionais entre 1919 e 1934¹⁶⁰. Esta exposição pode considerar-se um ensaio para a celebração do ano X da Revolução Nacional, em 1936, tendo sido Carlos Ramos convidado para a sua organização mas a obrigatoriedade de ser membro da UN levou-o a recusar pois, apesar de manter simpatia pelo regime, sempre teve uma postura independente e apolítica¹⁶¹.

Já em 1935, em palestra dedicada a todos os alunos da Escola de Belas Artes de Lisboa¹⁶², Carlos Ramos afirma como referências no campo teórico Vitruvius, Le Corbusier (1887-1965) e Viollet le Duc (1814-1879).

A estes “nomes representativos”, podemos ainda juntar Walter Gropius (1883-1969), já em associação ao ensino de arquitectura, fazendo em 1940 a tradução do texto *Plano para um ensino de arquitectura – Walter Gropius*¹⁶³, que será um estímulo para o método de instrução que irá aplicar. Informa-se uma aprendizagem que se pretende contínua e uma abordagem dos temas que se quer do geral para o particular. Crítica o ensino intelectual académico, que fragmenta os componentes da aprendizagem, e entende a composição, a construção e a economia como os três elementos da obra e como entidades não divisíveis. Revela que o ensino deve ser composto de um conhecimento científico e teórico e de uma experiência prática.

Neste texto se faz também um contrapondo com o ensino do passado no qual que se chegava ao desenho “partindo da aprendizagem manual” e não da “platónica prancheta”, entendendo-se portanto que esse “desenho como simples auxiliar do homem que executava as coisas” se tornou numa “disciplina central do compositor”. Denomina o desenho como princípio director mas, no entanto, questiona se “o arquitecto pode vir a ser um mestre de obras sem uma prévia

¹⁶⁰ COUTINHO, B., *Carlos Ramos (1897-1969): Obra, pensamento e acção. A procura do compromisso entre o Modernismo e Tradição*, p. 78.

¹⁶¹ *Ibid.*, p.79.

¹⁶² In: COUTINHO, B., Anexo Documental – 2. Textos Teóricos.

¹⁶³ Tradução da “educação do arquitecto”, *Twice a Year*, Nova Iorque, 1939.
In: *Ibid.*

experiência de construção e de fabricação”, sendo necessário educar os futuros profissionais em “contacto estreito com as indústrias da construção e seus laboratórios”¹⁶⁴. Assim:

“O ensino habitual de composição só por si não é suficiente como preparação (...) O estudante deverá ser, antes de mais nada, iniciado nas experiências no espaço de três dimensões; isto é, aos elementos de “construção”, de composição no espaço com toda a espécie de experiências sobre os materiais.”¹⁶⁵

O estudo da história da arte e da arqueologia deve ter um “carácter intelectual e analítico” e fornecer ao estudante informação que lhe permita estabelecer um “código de princípios que possa ser útil para uma criação actual, consistente e duradoura”, sendo este conhecimento do passado um “meio oportuno de consolidar o seu pensamento sem que seja tomado de pânico numa atitude de imitação”¹⁶⁶.

Uma outra referência teórica de Carlos Ramos é John Ruskin (1819-1900), propondo-se, em 1941, a realizar uma tradução de “As sete lâmpadas da Arquitectura à luz dos nossos dias”¹⁶⁷.

Prática pedagógica

Octávio Lixa Filgueiras estabelece 5 fases da actuação de Carlos Ramos na Escola do Porto¹⁶⁸. Por questões cronológicas, e pelos momentos estudados neste trabalho, abordam-se apenas as duas primeiras.

¹⁶⁴ “Um treino contínuo da habilidade manual nos ateliers de trabalhos práticos, combinados com o ensino dos elementos fundamentais de superfície, de volume e de espaço de composição – deverá ser seguido por todos os níveis da educação geral e profissional. A um mesmo grau, o estabelecimento da prática manual do atelier e a introdução de cursos científicos conducentes a uma linguagem comum de educação plástica são condições primordiais de um ensino eficaz das artes plásticas, e especialmente da arquitectura.”

In: Ibid.

¹⁶⁵ Ibid.

¹⁶⁶ Ibid.

¹⁶⁷ A primeira edição deste texto é datada por Carlos Ramos de 1849.

In: Ibid.

1940 - 1946

Carlos Ramos assume a 30 de Outubro de 1940, com 43 anos de idade, a função de professor interino da 4ª cadeira de arquitectura da EBAP¹⁶⁹. No ano lectivo 1939/40, a cadeira ficou preenchida por Manuel Marques também responsável pela cadeira de *ornamentação, estilização e composição ornamental*, tendo este manifestado a indisponibilidade para leccionar as duas cadeiras. Será José de Brito que irá indicar Carlos Ramos para docente, convite que será efectuado pelo director da escola, Aarão de Lacerda (1890-1947)¹⁷⁰.

Está na altura em vigor o programa de ensino definido em 1932 e ainda um corpo docente ligado ao esquema de ensino *Beaux Arts*¹⁷¹.

Logo que entra para a escola, Ramos expõe não só “o que pensa fazer” mas também “o que se deveria fazer a bem do ensino de arquitectura”¹⁷². Na sua primeira intervenção no conselho escolar revela a necessidade de preparar convenientemente os alunos do curso superior para o tema anual seleccionado, procurando uma coerência entre o programa teórico e o exercício prático, sugerindo para isso a realização de duas lições, uma ministrada por ele e outra por um docente especializado na matéria e estranho á escola.

Já em 1942 demonstra a sua vontade de dinamização do ensino ao organizar um curso de Teoria de Arquitectura¹⁷³.

Para além da introdução a novas referências teóricas¹⁷⁴, Ramos procura para o ensino um maior contacto com o mundo profissional e a construção de uma

¹⁶⁸ 1ª Fase de Outubro de 1940 a Abril de 1946; 2ª Fase de Janeiro de 1948 a Agosto de 1952; 3ª Fase de Agosto de 1952 a Outubro de 1958; 4ª Fase de Outubro de 1958 a Janeiro de 1967; 5ª Fase de Janeiro de 1967 a Julho de 1969.

In: FILGUEIRAS, O. L., “O Pedagogo”.

¹⁶⁹ COUTINHO, B., *Carlos Ramos (1897-1969): Obra, pensamento e acção. A procura do compromisso entre o Modernismo e Tradição*, p. 259.

¹⁷⁰ *Ibid.*, p.216.

¹⁷¹ FILGUEIRAS, O. L., “O Pedagogo”.

¹⁷² Livro de Actas do Conselho Escolar da Escola de Belas Artes do Porto 1940-1961, Acta de 14 Novembro 1940.

In: COUTINHO, B., *Carlos Ramos (1897-1969): Obra, pensamento e acção. A procura do compromisso entre o Modernismo e Tradição*, p. 268.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 268.

¹⁷⁴ Para além das novas referências que introduz, empresta ainda aos alunos alguns livros, revistas, boletins, catálogos sobre a arquitectura e o urbanismo contemporâneos.

relação mais “real” entre os alunos e a arquitectura, promovendo visitas a obras (construídas e em construção), a museus e a exposições.

Em 1943 propõe ainda a alteração do sistema dos concursos e exames de arquitectura, sugerindo que o tema do concurso da cadeira de Construção seja extraído do concurso de Grande composição, procurando estabelecer uma maior unidade entre ambas as cadeiras. Paralelamente, sustenta a conveniência dos temas dos concursos de urbanismo serem assuntos ou problemas da Cidade do Porto, promovendo uma relação entre o ensino e a vida prática.

Esta procura da relação com a vida prática é ainda acentuada quando substitui os exercícios de cópia de estampas de antigos monumentos por levantamentos de pequenos edifícios ou de valor histórico ou artístico. Contacta ainda a Câmara Municipal procurando integrar a autarquia na formação escolar¹⁷⁵, colaboração que irá permitir aos alunos a realização de estudos arquitectónicos e urbanísticos sobre a cidade e à autarquia reunir um acervo documental.

A sua dinamização na escola é ainda revelada pelas iniciativas curriculares e extra curriculares a que dá início¹⁷⁶. Multiplicam-se as conferências, as visitas de estudo, as exposições¹⁷⁷.

Na relação com o aluno, privilegia um contacto directo e individualizado, afastando-se do sistema tradicional do mestre como orador que transmite conhecimentos e encaminha os estudantes para um estilo ou tendência, criando condições para que os alunos possam fazer as suas opções¹⁷⁸, vendo-se a si próprio como *uma galinha rodeada com os pintos á volta*. Na realidade, esta é uma prática já fomentada com Marques da Silva pois “os alunos seguiam-no de lugar em lugar, e

¹⁷⁵ Facto que está na origem da criação de um prémio camarário anual para o aluno melhor classificado nos cursos de urbanismo. As bases deste concurso e o programa de entrega do prémio são realizadas por Carlos Ramos, sendo o projecto aprovado em 1945.

In: Ibid., p. 270.

¹⁷⁶ Ver:

“Actividades artísticas e culturais organizadas pela EBAP (1947/1967)”.

In: Ibid., Anexo gráfico e documental.

¹⁷⁷ Ver:

Boletim Arte Portuguesa / Escola Superior de Belas Artes do Porto, pp.93/98.

¹⁷⁸ Será esta liberdade de opção que irá distinguir a prática pedagógica de Ramos no Porto da de Cristino em Lisboa.

In: Ibid., p.272.

sempre que se detinha mais tempo, a olhar para um trabalho em aparente interesse, juntavam-se a escutar o que ele tinha para dizer”¹⁷⁹.

Na redacção dos temas e programas de concurso, Carlos Ramos vai mais uma vez demonstrar uma proximidade com Marques da Silva pois em ambos se nota alguma simbiose com o trabalho que realizam profissionalmente, precavendo uma adequação a necessidades reais¹⁸⁰.

Uma das suas mais relevantes operações na escola foi a criação da cadeira de Urbanologia¹⁸¹. Já em 1946 surgem a 15ª e a 16ª cadeiras, *Urbanologia*¹⁸² e *Projectos e Obras de Urbanização*¹⁸³, que pelos respectivos objectivos aliam uma componente teórica e uma experimentação prática. O acesso a estas cadeiras era facultado a alunos que tivessem obtido pelo menos três pontos na cadeira de Grande Composição. Este alargamento curricular é completado com a previsão de contratação de mais dois professores e dois assistentes, os primeiros responsáveis pelas lições teóricas e direcção dos respectivos trabalhos práticos, e os segundos pela regência dos trabalhos práticos. Pela falta de arquitectos urbanistas em Portugal, prevê-se ainda, inicialmente, a colaboração de professores e urbanistas estrangeiros¹⁸⁴, mas a contratação acaba por ser apenas feita a profissionais portugueses. Um dos aspectos mais interessantes deste decreto é possibilitar a formação a arquitectos já formados, organizando-se durante 1945 um curso

¹⁷⁹ LOSA, A., *Marques da Silva/ Arquitecto / 1896 – 1947*, p. 34.

¹⁸⁰ COUTINHO, B., *Carlos Ramos (1897-1969): Obra, pensamento e acção. A procura do compromisso entre o Modernismo e Tradição*, pp. 272/273.

¹⁸¹ Em 1945 escreve ao ministro da Educação Nacional, José Caeiro da Mata, onde evidencia a urgência de instituir um curso ou criar cadeiras de urbanismo nas escolas de Lisboa e Porto, factor que possibilitaria a formação de técnicos que desempenhem uma função de destaque na concepção e na disciplina dos aglomerados urbanos e conjuntos rurais, cumprindo os objectivos governamentais no recém formado gabinete de urbanização colonial e na direcção geral dos serviços de urbanização (esta última criada em 1944). A cadeira de Urbanologia é criada por Decreto a 15 de Maio incumbindo as escolas de formar profissionais que dispondo de conhecimentos técnicos e teóricos colmatem a falta de urbanistas em Portugal.

In: *Ibid.*, pp. 275

¹⁸² Lecciona-se a evolução do Urbanismo, destacando as bases do pensamento moderno, a legislação específica em vigor.

¹⁸³ Aprendem-se as bases legislativas e regulamentares para a elaboração dos projectos de urbanização.

¹⁸⁴ Carlos Ramos nomeia como arquitectos estrangeiros Cesar Cort e De Gröer, que irão leccionar em Lisboa. No porto irá Lecionar José Fonseca Y Llamedo, professor da Universidade de Madrid, entre Novembro de 1945 e Maio de 1946.

In: *Ibid.*, p. 278.

intensivo de urbanismo onde seria feito um estudo sobre Urbanologia ou um trabalho de urbanismo¹⁸⁵.

No mesmo ano, David Moreira da Silva¹⁸⁶ e Júlio José de Brito são indigitados para assistentes da 15ª cadeira que irão acumular com a 16ª cadeira pelo facto de a contratação de Arménio Losa¹⁸⁷ ser indeferida.

Entre 1946 e 1948, Ramos ausenta-se da EBAP para leccionar a cadeira de urbanologia da ESBAL. Rescinde do contrato com a escola de Lisboa em Fevereiro de 1948, mas já em Novembro de 1947 regressava à EBAP como professor efectivo da cadeira de arquitectura, iniciando-se aqui a segunda fase do seu percurso como professor.

1946 – 1952

De regresso ao Porto vai continuar com a sua dinamização da actividade curricular e extracurricular, tendo agora o apoio de Rogério de Azevedo e Lemos de Matos¹⁸⁸.

¹⁸⁵ Ibid., pp. 276/277.

¹⁸⁶ É um dos arquitectos “pioneiros” na formação em urbanismo, relacionando-se esta escolha do urbanismo como formação específica a legislação de 1934 onde se institui a obrigatoriedade da elaboração de Planos de Gerais de Urbanização. Nesse ano parte para Paris como bolsheiro da Junta Nacional da Educação e do Instituto para a Alta Cultura, frequenta a École Nationale Supérieure des Beaux-Arts e, já em 1935, ingressa no Institut d’Urbanisme de l’Université de Paris. Concluindo os cursos em 1939 obtém Diploma de Estudos Especiais de Urbanismo e o de Arquitecto Diplomado pelo Governo Francês. O trabalho que desenvolve no atelier que criou com Maria José Marques da Silva incide no planeamento urbano, sendo compreensível que, pela sua formação e experiência, tenha assumido, entre 1946 e 1961, a docência da cadeira de Urbanologia na EBAP.

¹⁸⁷ A escolha de Arménio Losa é claramente justificada pela sua prática profissional. Entre 1936 e 1940 trabalha no Gabinete do Plano de Urbanização do Porto e é membro da Comissão de Estética (MENDES, Manuel, “Moderno e consciência de Cidade”, in *Homenagem a Arménio Losa*, p.37).

No *Jornal de Notícias*, 20 de Fevereiro de 1969 lê-se ainda: “Entre 1939 e 1945 foi arquitecto urbanista e chefe do Gabinete de Estudos do Plano de Urbanização da Câmara Municipal do Porto, onde, não obstante as dificuldades de vária ordem que então se lhe depararam (pela primeira vez na Câmara do Porto havia um gabinete do género!), deixou elevada soma de trabalhos de inquérito. Ficaram a dever-se-lhe ainda algumas realizações urbanísticas notáveis. O arranjo e valorização da zona da Sé, por ocasião das festas dos «Centenários», foi obra de concepção do Sr. Arquitecto Arménio Losa. (...) Como técnico urbanista, é autor do Plano Regulador do Concelho de Matosinhos e de vários planos parciais do mesmo concelho; do plano da Zona do Hospital Escolar do Porto e do Plano Regulador de Vila Nova de Gaia.”

¹⁸⁸ Azevedo acaba com a cópia de estampas dos exercícios do primeiro ano e realiza uma serie e visitas de estudo com os alunos da 8ª cadeira. e Lemos promove, no âmbito da cadeira de arqueologia, visitas de estudo ao norte do país, privilegiando o conhecimento directo dos materiais.

In: COUTINHO, B., *Carlos Ramos (1897-1969): Obra, pensamento e acção. A procura do compromisso entre o Modernismo e Tradição*, pp.282/283.

Nesse mesmo ano Joaquim Lopes é eleito director da EBAP. Será com este que irá criar as bases para um centro de estudos de arquitectura e urbanismo, promover conferências, palestras, debates e cursos sobre problemas de estética e filosofia das artes, exhibir filmes acompanhados de comentários e esclarecimentos¹⁸⁹. O centro de estudos pretende-se que seja responsável pela realização de cursos sobre temas actuais, promovendo também a publicação de traduções ou publicação de trabalhos originais¹⁹⁰.

Em 1951, por proposta de Carlos Ramos, o conselho escolar admite como docentes na escola Delfim Amorim, Mário Bonito, José Carlos Loureiro e Fernando Távora¹⁹¹.

Por motivos de saúde, Joaquim Lopes abandona a direcção da escola, sendo substituído por Carlos Ramos a 1 de Agosto de 1952. Nesse mesmo mês inaugura-se a 1ª Exposição Magna¹⁹² e faz-se a primeira publicação do boletim da escola, *Arte Portuguesa*¹⁹³.

A legislação de 1950 previa, na escola, a “realização de exposições periódicas dos trabalhos escolares relativos aos concursos de emulação entre os alunos dos Cursos Superiores de Arquitectura, Pintura e Escultura.”¹⁹⁴ No entanto, por proposta do conselho escolar, essas mostras serão substituídas por uma única “Exposição Magna”, anual, onde se reúnem os trabalhos dos alunos melhor classificados do ano lectivo anterior.

Para além das Magnas, são realizadas várias exposições, nomeadamente, a Exposição em Homenagem a Mestre Marques da Silva e Alguns dos Seus Discípulos.

¹⁸⁹ Ibid., p. 287.

¹⁹⁰ Ibid., p.288.

¹⁹¹ Ibid., p. 287.

Todos estes arquitectos se formaram no Porto e integram o grupo ODAM. Delfim Amorim e Mário Bonito cruzam na sua formação Marques da Silva e Carlos Ramos.

¹⁹² As Exposições Magnas realizam-se entre 1952 e 1968, sendo esta última em homenagem a Carlos Ramos.

¹⁹³ São publicados dois boletins, o primeiro por altura da 1ª Magna, em 1952, e um segundo, em 1954, publicação que reúne os anos de 1953 e 1954. Os boletins reúnem informação referente às actividades realizadas na escola, excertos de conferências e ainda alguns trabalhos realizados por alunos.

¹⁹⁴ ESBAP, *1ª Exposição Magna (Cat.)*, Outubro de 1952.

PARTE III

3. As Exposições

“Anos de ruptura, mas também de charneira, os anos 50 são particularmente importantes para entender o tempo de «longa duração» do século e fundamentais para clarificar a situação da nossa contemporaneidade.”¹⁹⁵

Na parte anterior reflectiu-se sobre Marques da Silva e Carlos Ramos e o papel que desempenharam na escola. Apesar de actuarem em contextos temporais diferentes, ambos são de facto peças fundamentais no ensino, na sua reformulação, aplicação e inovação, o que inevitavelmente teve reflexos na prática profissional dos seus discípulos.

Na terceira parte deste trabalho procede-se a uma descrição dos casos de estudo, não se incorrendo numa apreciação das obras expostas mas sim numa constatação dos eventos e das personagens envolvidas.

Não obstante, no encontro entre ambas as mostras parece residir o que é particular nos anos 50: momento de esforço de resumo de um “tempo de «longa» duração”, em 1953, e momento de ruptura e proposição, em 1951.

¹⁹⁵ TOSTÔES, A., “Modernização e Regionalismo, 1948-1961”, p. 41.

3.1. 1951: Exposição de Arquitectura Moderna do Grupo ODAM

«entre nós, já existe uma arquitectura moderna, com tal sentido de triunfo que nada poderá destruí-la»¹⁹⁶

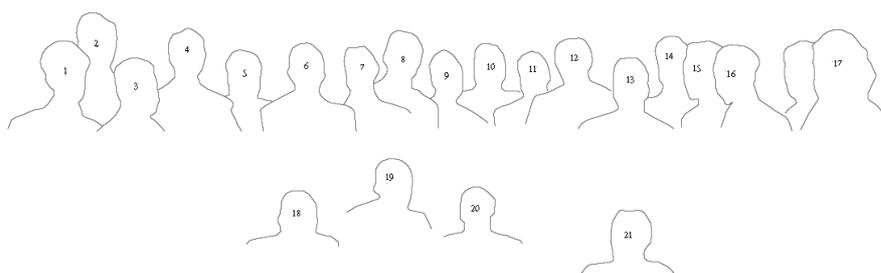
Entre 14 e 22 de Junho de 1951, o Grupo ODAM realiza uma exposição de Arquitectura Moderna no Ateneu Comercial do Porto. A mostra revela conjuntamente produção nova e já existente, agora com novo suporte e registo, vincando a sua pertinência e inegável relevância no campo de estudo e no património arquitectónico.

Sobre esta exposição sabe-se ser constituída por 125 pranchetas, “pequenas e uniformes” cuja concepção antevia uma “exposição volante” a repetir em diversos locais, tendo sido apenas repetida em 1952 em Aveiro. São 32 os projectos apresentados pelos 21 os expositores, a saber: António Corte Real, Adalberto Dias, Arménio Losa, Cassiano Barbosa, Carlos Loureiro, Eugénio Alves de Sousa, Fernandes Amorim, Oliveira Martins, Fernando Eurico, Anselmo Gomes Teixeira, Fernando Lanhas, Fernando Távora, João José Tinoco, João Andressen, Mário Bonito, Marques Araújo, Matos Veloso, Eduardo Matos, Rui Pimentel, Agostinho Ricca e Viana de Lima.

Em complemento à Exposição são ainda realizadas conferências por elementos do grupo: dia 18, “A Arquitectura de Hoje”, por Fernandes Amorim; dia 21, “Como viveremos amanhã”, por Matos Veloso; dia 22, “Problemas de Urbanismo”, pelo professor Carlos Ramos”. Pode-se ainda acrescentar, embora não incluídas no programa da exposição, “Da profissão do Arquitecto” de Arménio Losa¹⁹⁷ e a palestra de encerramento por Mário Bonito.

¹⁹⁶ BONITO, M., “Exposições: Primeira Exposição de Arquitectura Moderna da Odam”, Revista *Vértice*, p.443.

¹⁹⁷ Realizada anteriormente á inauguração da exposição, dia 12 de Junho de 1951, integrada num ciclo de conferencias realizado no Ateneu Comercial do Porto, com o tema “Das Profissões”, tendo em vista “o chamamento à compreensão, à colaboração e à dignificação profissionais”. In: *Jornal de Noticias*, 12 de Junho de 1951.



2. Fotografia dos elementos do grupo ODAM na Exposição no Ateneu Comercial do Porto

- | | |
|------------------------------|---------------------------------------|
| 1 – Adalberto Dias | 12 – João Tinoco |
| 2 – João Archer de Carvalho | 13 – Luís Oliveira Martins |
| 3 – Rui Pimentel | 14 – Guilherme Corte-Real |
| 4 – João Andressen | 15 – Octávio Lixa Filgueiras |
| 5 – Mário Bonito | 16 – Cassiano Barbosa |
| 6 – Fernando Lanhas | 17 – António Corte Real |
| 7 – Alfredo Viana de Lima | 18 – Arménio Losa |
| 8 – José Carlos Loureiro | 19 – Dr. António Macedo, Director ACP |
| 9 – Luís Amaral | 20 – António Matos Veloso |
| 10 – Delfim Fernandes Amorim | 21 – Eugénio Alves de Sousa |
| 11 – Carlos Loureiro | |

Em nota prévia à exposição afirma-se que a Arquitectura Nacional tem um atraso de cem anos, culpando-se os profanos que insistem “*que a actualização da Arquitectura é questão de moda*”, os estetas que a alcunham de “anti-tradicionista” e os arquitectos que não têm “*consciência de classe que os faça caminhar a passo seguro e certo*”. Contrapõe-se assim que:

“a progressão crescente enquanto se persistir na hostilidade à Arquitectura Moderna, que nem é moda, nem anti-tradicionismo, nem expressão puramente artística, desordenada e individual, mas sim pura ressonância das condicionantes da ordem humana, social e histórica em que se enquadram os homens de hoje, mesmo que o não queiram.”¹⁹⁸

Nas obras expostas no Ateneu¹⁹⁹ encontra-se um conjunto variado de assuntos “que vão desde a habitação individual à colectiva, passando pelas instalações industriais, pavilhões de exposição, arranjos de estabelecimentos comerciais, mobiliário, etc.”²⁰⁰. São obras já construídas ou em construção, os projectos de CODA de António Corte Real, Carlos Loureiro e Fernando Távora, e ainda projectos de concurso, um realizado por João Andressen para “Uma Casa de Férias no Alto Rodízio”²⁰¹, e outro por Viana de Lima e Agostinho Ricca para um “Hotel no Gerês”²⁰².

Pelas fotografias da sala de exposição é possível perceber que na composição dos painéis se inseriam vários tipos de informação (plantas, desenhos, textos, etc.) não se cingindo apenas à apresentação de uma imagem.

Quanto à organização dos materiais no espaço expositivo, assiste-se a uma certa liberdade de percurso, a um sistema flexível, permitindo uma fluidez nos trajectos em torno dos materiais expostos.

¹⁹⁸ In: O.D.A.M. *Organização dos Arquitectos Modernos Porto 1947-1952*.

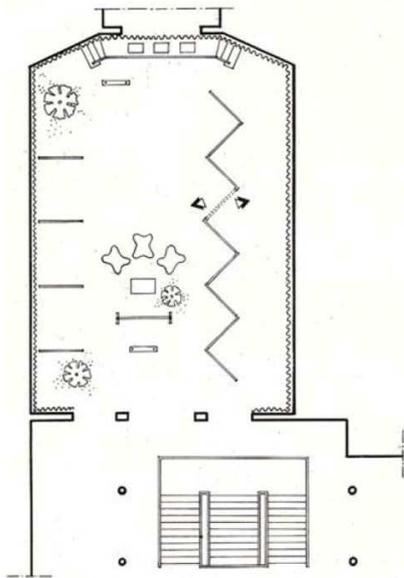
¹⁹⁹ Ver: Anexo 2 – Lista de obras expostas.

²⁰⁰ BONITO, M., Revista *Vértice*, p.442.

²⁰¹ Concurso lançado pela revista *Arquitectura*, tendo sido atribuído a J. Andressen o 1º prémio. Lançamento do Concurso em: *Arquitectura*, ano XX, 2ª série, nº 16, Lisboa, Julho de 1947; Carlos Ramos faz parte do júri.

In: COUTINHO, B, *Carlos Ramos (1897-1969): Obra, pensamento e acção. A procura do compromisso entre o Modernismo e Tradição*, p. 89.

²⁰² Também exposto em 1953.



3. Dois aspectos da sala de exposição.
4. Planta da exposição.

Conferências

No campo de debate em torno do qual se fazem as conferências de 1951, revela-se uma proximidade aos temas já discutidos no Congresso de 48. Denota-se, no geral, a necessidade de adequar a arquitectura ao seu próprio tempo, assumindo-se a urgência de integrar as novas técnicas, os novos materiais e os novos sistemas de construção na resolução do problema da habitação. Acresce, na consciência de um tempo histórico actual, a noção de um contexto específico, o português, sendo nesse contexto que devem ser resolvidos os problemas actuais da arquitectura.

Arménio Losa: Da Função Social do Arquitecto

Apesar da conferência de Arménio Losa não estar incluída no programa da ODAM, a proximidade temporal com que é feita, o sítio e a sua participação na exposição leva a que se possa entender como parte do manifesto. Dissertando sobre “A Função Social do Arquitecto”, logo no início afirma ser necessário o esclarecimento do seu papel na sociedade, algo que não se pode mais limitar a pequenas palestras para um “auditório limitado e normalmente já esclarecido”²⁰³.

Essa função “social, determinada, insubstituível e indispensável”²⁰⁴, reclama por uma devida protecção oficial, por organismos dedicados à arquitectura e ao urbanismo, concebidos e orientados por arquitectos e não por oficiais menos preparados que muitas vezes limitam o trabalho do arquitecto a questões decorativas e aplicação de elementos obsoletos e desadequados contra a “lógica e contra tudo o que constitue a sua consciência e cultura profissionais”²⁰⁵.

Reflecte sobre uma concepção de projecto integrada no conjunto urbano do qual faz parte e que satisfaça os fins a que se destina, correspondendo a uma necessidade funcional e não apenas a um desenho de fachada²⁰⁶.

Defende que se devem utilizar as novas técnicas e os novos métodos, as novas estruturas e novos materiais ao serviço da construção, aliando a estética e a

²⁰³ LOSA, A., “Da Função Social do Arquitecto”, Revista *Vértice* nº96, p.407.

²⁰⁴ *Ibid.*, p.407.

²⁰⁵ *Ibid.*, p.410.

²⁰⁶ *Ibid.*, p.411.

técnica, a arquitectura e a engenharia, as condições de uma emergente multidisciplinarietà.

Na segunda parte da conferência foca essencialmente a relação arquitecto – cliente, mais uma vez referindo a falta de protecção oficial, admitindo aqui que se devem criar leis que definam os deveres e obrigações de ambos; defende o papel da mulher e o conhecimento da vida privada do cliente, pois “intimidade é sinónimo de cultura”, referindo que esta cultura não parte só da formação pois se “não procurar continuamente cultivar-se, se não estiver atento ao que se passa à sua volta, o arquitecto de hoje não será um arquitecto completo, apto a bem desempenhar a sua função social”²⁰⁷.

Fernandes Amorim: Arquitectura de Hoje

Em prol de “arquitECTURA moderna” nomeia uma “arquitECTURA de hoje” como “produto de uma selecção de valores positivos de cada época”, revelando e aliando dois aspectos fundamentais, “o científico e o artístico, o utilitário e o emotivo”²⁰⁸.

Neste sentido, assume que “a descoberta de uma técnica e a sua exploração andam intimamente ligadas à formação de um estilo”, não se subordinando o domínio da técnica à sua definição (do estilo) mas sim à capacidade de o homem o submeter às suas necessidades. Apesar da importância da construção e do material para a arquitectura indica que é imprescindível perceber que “cada nova aquisição neste domínio tem por base, não os processos imitativos das aquisições anteriores, mas sim a luta persistente que a lição dos antepassados legou à geração posterior”²⁰⁹.

Para além de aliar a arquitectura e técnica, “dentro de coordenadas definidas de tempo e de espaço”²¹⁰, demonstra que ambas estão intimamente ligadas à organização social. Pelo conhecimento da história aprendemos que é “inconcebível alterar a relação entre determinada época e o tipo de construção que

²⁰⁷ Ibid., p.540.

²⁰⁸ AMORIM, F., “ArquitECTURA de Hoje”, Revista *Vértice*, p.227.

²⁰⁹ Ibid., p.228.

²¹⁰ Ibid.

nela teve um desenvolvimento específico”²¹¹ e que nesta variabilidade de tempo espaço a arquitectura sempre houve três elementos fundamentais: a Função (consequência das necessidades humanas), a Estrutura (consequência do progresso e da técnica, do conhecimento das leis da natureza) e a Forma (consequência da vida, das tendências, dos desejos, dos ideais humanos)²¹².

Assim sendo, afirma a existência de “uma arquitectura representativa dos nossos dias inconfundível e alicerçada numa doutrina” onde “nem os gritos dos saudosistas, nem as violências, nem os rancores poderão deter ou inverter o curso das coisas”²¹³. Revela uma crise da cultura pelo “divórcio nítido entre o artista e o público”, culpabilizando-os pelo facto de não existir “no nosso tempo uma arquitectura à altura dos estilos do passado”, apesar de todas as “possibilidades técnicas, conhecimentos, sensibilidades para abrir-lhe o caminho”²¹⁴.

Crítica os arquitectos seus contemporâneos pela sua falta de modernidade ao contrariarem o espírito científico e ao não colocarem os problemas no seu próprio tempo. Ainda neste sentido, contesta a confusão existente entre os conceitos de Regionalismo e Tradição, o primeiro devendo “ser tomado no sentido de integração no conjunto económico e mesológico de um determinado espaço” e, o segundo, “como interpretação à escala dos nossos dias, de todo o processo evolutivo da sua essência”²¹⁵.

Matos Veloso: Como viveremos amanhã²¹⁶

Justifica a sua presença pelo “simples facto de querer ver resolvido satisfatoriamente um dos problemas mais instantes na nossa Terra: a criação de habitações, que pudessem albergar a totalidade das nossas populações rurais e citadinas”. Atesta que “não se pode ficar indiferente a uma Exposição desta

²¹¹ Ibid.

²¹² Ibid., p.229.

²¹³ Ibid., p.230.

²¹⁴ Ibid., p.231.

²¹⁵ Ibid., p.232/233.

²¹⁶ Salvo excepção, todos os excertos citados são retiradas do texto da conferência de Matos Veloso, publicado no anexo documental de:

TENREIRO, J. P., *O grupo ODAM: organização dos arquitectos modernos: a construção do racionalismo portuense*.

natureza” pelo “espírito que a moveu” e pelo “apoio indiscutível de todos os arquitectos” que puderam “sem coações de qualquer espécie, sem limitações” expor os seus trabalhos. Aproxima o seu discurso ao de Arménio Losa quando refere a incompreensão que os arquitectos sofrem, muitas vezes deixados para segundo plano pelos “mestres de obras” e pelos “charlatães da ARQUITECTURA” que absorvem 90% dos trabalhos realizados e testemunham o “estado de atraso e total desconhecimento do FENÓMENO ARQUITECTURAL”

Como o próprio tema anuncia, dá especial importância à habitação, onde “a verdadeira arquitectura moderna se concretizará”, não esquecendo que o habitar é uma das “quatro funções do urbanismo actual” e que a resolução do problema da habitação só será exequível quando realizados planos nacionais e regionais.

Assume que pretende com a sua palestra prolongar temas discutidos no I Congresso Nacional, reprovando os arquitectos e os técnicos que após o certame se esqueceram “de tão grande e valiosa missão” e não fizeram do congresso um ponto de partida mas sim um ponto de chegada. Afirma que:

“a nossa vontade indómita de querer ver resolvidos os problemas referentes à habitação, que atormentam as populações das nossas cidades e campos, parece ter sido relegado para segundo plano (...) em benefício, assim se entendeu, de outras realizações que visavam apenas interesses de uma minoria, numa permanente demonstração de simples exercícios estéticos, de pura especulação de Arquitectura, de meros formalismos”.

Faz algumas referências à situação internacional (França, Bélgica, Holanda ou Suíça), demonstrando no entanto uma consciência de que os problemas e respectivas resoluções têm de ter presente um “quadro económico e social” próprio, o português.

Aliás, será Matos Veloso conferencista acerca do qual se nota maior relutância, lendo-se na imprensa:

“estudo interessante, com ideias e concepções talvez discutíveis, de evidente cunho pessoal, embora traduzindo uma espécie de tipo relativo, muito do gosto de certas predilecções modernistas, mas em todo o caso de evidente curiosidade.”²¹⁷

Mário Bonito: palestra de encerramento²¹⁸

Na sessão de encerramento, Mário Bonito apresenta a conferência de Carlos Ramos como o que melhor “poderia ocupar o lugar”, não só por “todo o seu empenho, competência, labor e compreensão ao serviço da Arquitectura” mas também porque “grande percentagem dos expositores, neste certame, são seus antigos alunos”, sendo este facto significativo pois:

“pode contribuir para elucidar os leigos e os arquitectos não modernos que, na luta que hoje se trava em prol da Actualização da Arquitectura, não enfileiram apenas os chamados jovens, mas todos aqueles que, pela frescura das ideias e pelo amor da humanidade, mantêm forte vitalidade em todas as idades”.

Sobre os jovens, acrescenta ainda que “especula-se com o termo jovem e contra as firmes convicções dos novos, argumenta-se em nome da experiência dos velhos”. Continua afirmando que “os jornais, as revistas, os salões de conferências e os Congressos, enchem-se por vezes de arrazoados que se erguem na apologia de um tradicionalismo estático e da perpetuação dos usos, dos costumes, das técnicas e das arquitecturas do passado” e que “todavia, essas revistas, esses jornais, esses conferentes, servem-se do avião, do automóvel e do microfone da rádio para propagandear tão fastidiosos como monótonos discursos”. Questiona ainda a razão pela qual, de acordo com o enunciado, “a Civilização actual não atingiu o desejável aperfeiçoamento” e que não “poderá atingi-lo sem completa compreensão do que são os nossos tempos, as nossas possibilidades”.

²¹⁷ *Jornal de Noticias*, 20 de Junho de 1951.

²¹⁸ Salvo excepção, todos os excertos citados são retiradas do texto da conferência de Mário Bonito, publicada em: “Vértice”, Coimbra, vol.XI, 96, Agosto de 1951.

Carlos Ramos: Alguns Problemas de Urbanismo

Ramos inicia por dedicar a conferência a todos os médicos com quem tem trabalhado e, também, “àqueles com quem aqui no Ateneu, ao fim de tarde, tenho privado mais de perto.” Esta inclusão da medicina na palestra é usada em tom metafórico, em “analogia entre o actual conceito clínico e o correspondente fenómeno urbano”, justificando-se não só pelas “afinidades recíprocas das nossas profissões” mas também por ambas lidarem com “todas as peças e segredos da mais complexa e delicada máquina sobre a terra: o ser humano.”

Assume as cidades como seres vivos “sujeitas às mesmas acções e reacções perante os fenómenos correntes da mais variável origem.” Reclama, para o urbanismo, “meios de diagnóstico e tratamento de todas as doenças”, sendo “precisamente o quadro e o clima de cuidados que interessa transplantar para as cidades”.

Relaciona os “actos da vossa vida pública (...) com os múltiplos aspectos do urbanismo moderno”, referenciando a Carta de Atenas como formulário onde se incluem e prevêm todos estes aspectos.

Declarando que “com a minha, acaba-se a geração dos transigentes”, reflecte ainda sobre a juventude pois:

“não está em causa, como alguns pretendem fazer acreditar, apenas “reacção” no sentido mais revolucionário e portanto desordenado e inconsciente do vocabulário, mas “evolução” de um movimento, de um estilo internacional que iniciado em cerca de meio século, interessa defender e fazer respeitar em nome dos conceitos humanos de que vem protegido.”

Esta observação de Ramos, associada ainda ao tom usado por Mário Bonito quando fala nos jovens, parece também revelar-se como contestação de uma conferência realizada por Raul Lino em Maio do mesmo ano, na ESBAP, intitulada “Arte, Problema Humano. A propósito da Sede da O.N.U. em Nova

Iorque”²¹⁹. Neste texto, Lino afirma que “não devemos ser injustos para com a juventude, que não tem culpa alguma de chegar atrasada ao momento actual”²²⁰ e que, aos que não se conformam com a situação actual, “e os jovens são, por definição, inconformistas, – cabe a tarefa de lutarem pelo restabelecimento das condições que permitam a revivescência de uma Arte que não seja apenas forte, mas também vivedeira.”²²¹

VI Congresso Luso-Espanhol

Em paralelo com a Exposição da ODAM, realiza-se no Porto, entre 18 e 22 de Junho, o VI Congresso Luso Espanhol e da “Federación de Urbanismo y de la Vivienda”²²², onde se reuniram cerca de trinta arquitectos portugueses e espanhóis²²³. Conta-se com a presença de Carlos Ramos, como presidente da Comissão Executiva do Congresso, Peres Fernandes, presidente do SNA e engenheiro Brito e Cunha, director dos serviços de Urbanização²²⁴.

Sobre as relações com os arquitectos espanhóis não existem muitos dados, sabendo-se que terá sido relevante o papel do SNA na organização de reuniões conjuntas, nas quais também era admitida a participação dos engenheiros

²¹⁹ Conferência proferida no Museu Nacional de Arte Antiga no dia 16 de Abril de 1951, e na ESBAP a 11 de Maio do mesmo ano, tendo sido acompanhada de projecções.

²²⁰ LINO, R. *Arte, Problema Humano*, p.44.

²²¹ Op.Cit., p.47.

²²² A FUV forma-se em Madrid em 1939 com o objectivo de contribuir para o estudo e disseminação dos preceitos do planeamento urbano e resolução de problemas tanto da urbanização como do urbanismo. A sua acção incide na organização de conferências, discussões e debates referentes à disciplina base de trabalho da federação; participação em congressos e conferências de outros organismos semelhantes; organização de informação, em Espanha e no estrangeiro, sobre os problemas da habitação e do planeamento urbano, de forma a acumular critérios de resolução dos problemas; organização de conferências nacionais e internacionais para facilitar a troca de informação e opiniões entre indivíduos de organizações semelhantes para clarificar e resolver problemas de habitação e planeamento urbano; organização de exposições sobre habitação, planeamento urbano e serviços que afectem a formação e a função de organizações locais; a organização de centros de estudo e laboratórios de experiencias com o papel de ensinar os indivíduos; publicar panfletos, livros e, se possível, um jornal, relacionado com as actividades da federação; criar uma biblioteca para uso dos membros, onde eram também admitidos estudantes de arquitectura e engenharia. Desaparece em 1954.

GONZÁLEZ, María Cristina Garcia, LÓPEZ, Salvador Guerrero, “The National Federation of Town Planning and the Housing (1939-1954): A Network of Urbanism in the Spanish Post Civil War Period.”

²²³ *Jornal de Noticias*, 19 de Junho de 1951.

²²⁴ *Jornal de Noticias*, 21 de Junho de 1951.

portugueses, tendo sido importante o papel de Pardal Monteiro no “aumento de actividade do sindicato, não só em acções de índole cultural, mas também de interesse profissional”.²²⁵ Para além disso, estes acontecimentos teriam tido “um efeito bastante positivo no seio da classe”²²⁶, apesar de provocarem uma certa agitação nos arquitectos intervenientes²²⁷.

Sabe-se que a 1ª Reunião Luso-Espanhola de Arquitectos se ligou com o III Congresso da FUV, em 1943²²⁸, e focou os temas “A protecção do campo contra as infiltrações da urbanização defeituosa” e “A habitação nos grandes núcleos urbanos”²²⁹, definindo-se ainda como temas para a reunião seguinte, em Abril de 1945, “A preparação escolar e profissional dos arquitectos” e “Sistemas de construção nacionais”²³⁰. Para esta segunda reunião, e IV Congresso FUV será ainda proposto no SNA a realização de um ciclo de conferências, a preparação de uma exposição de Arquitectura e a publicação de um número especial da revista *Arquitectura* para ser distribuída aos colegas espanhóis²³¹. A reunião acabará por ser realizada apenas em 1947, em Lisboa, tratando dos temas “Da restrição das rendas de casa e a economia geral” e “Da conservação dos valores históricos e artísticos nas povoações”²³². Este encontro será no entanto relevante por funcionar como “espécie de palco onde alguns arquitectos fizeram o seu ensaio geral para o grande espectáculo geral que viria a ser o seu próprio congresso.”²³³

A sessão inaugural do VI FUV no Porto teve lugar no Salão Nobre do Museu Soares dos Reis, estando presentes “elementos oficiais de representação, com o Governador Civil e o Presidente da Câmara à frente, vendo-se igualmente nas cadeiras do salão, professores da Escola de Belas Artes, engenheiros dos

²²⁵ RIBEIRO, A. I., *Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953*, p. 210-211.

²²⁶ *Ibid.*, p. 223.

²²⁷ *Ibid.*, p. 228-233.

²²⁸ Com início em Madrid, depois Sevilha e terminando em Lisboa.

In: *Ibid.*, p. 223.

²²⁹ Sabendo-se que Carlos Ramos interveio no II Tema.

In: *Ibid.*, p. 233.

²³⁰ Tema I terá sido proposto por Carlos Ramos.

Ibid.

²³¹ *Op. Cit.*, p. 234.

²³² Uma das conferências sobre o Tema II será de A. J. de Brito e Cunha.

In: *Ibid.*, p. 236.

²³³ *Ibid.*

serviços públicos e muitas senhoras”²³⁴. Presidiu o Subsecretário das Obras Públicas, engenheiro Saraiva e Sousa, ladeado pelo professor Carlos Ramos e por César Cort, presidente da FUV em Espanha, “organismo a quem se deve a iniciativa dos Congressos anuais, de urbanismo, nos quais têm participado os arquitectos portugueses.”

São dois os temas abordados: Inquéritos Urbanos e Condições Mínimas de Habitação. Para além das sessões de trabalho, o congresso será complementado com várias visitas: ao Minho, ao Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal e às mais recentes realizações do município, às exposições patentes na Escola de Belas Artes (dos trabalhos escolares e outros organizados pela Direcção Geral dos Serviços de Urbanização) e à Exposição da ODAM.

Carlos Ramos, como primeiro orador da sessão, mostra-se satisfeito pelo facto de o congresso se reunir na cidade do Porto e declara que um dos temas a discutir no congresso, Inquéritos Urbanos, foi sugerido pelo Ministro das Obras Públicas que, já em 1947, ao encerrar o IV Congresso, manifestou intenção de ver debatido o problema dos inquéritos urbanos que hão-de servir de base aos respectivos planos de urbanização “do limite a que deviam ser elevados, e da minúcia com que conviria estudá-los”²³⁵. Constata ainda que, tanto em Portugal como Espanha, se tem vindo a elaborar “um grande número de planos de urbanização” e a abordagem a este tema “assegurar-nos-á, certamente, o estudo sério do problema e as conclusões a tirar serão, sem dúvida, de grande importância para o prosseguimento desse estudo”²³⁶.

De seguida César Cort, afirma que a federação a que preside corresponde a uma necessidade, tendo principalmente em vista a solução dos problemas sociais implícitos nas condições habitacionais: “A casa é fundamental para dar ao homem e à família a noção de dignidade e existência”²³⁷. O mesmo, já na sessão de encerramento, irá salientar que a “demora da recolha de elementos para a elaboração dos projectos de urbanização, com a preocupação de procurar a melhor solução, leva ao perigo de nunca se fazer nada” e que “os técnicos mais

²³⁴ *Jornal de Noticias*, 19 de Junho de 1951.

²³⁵ *Ibid.*

²³⁶ *Ibid.*

²³⁷ *Ibid.*

escrupulosos, em conseguir a perfeição total, virem a ser os maiores inimigos da colectividade e o mais firme obstáculo ao progresso dos centros populacionais”, apontando que este factor pode levar à perda da “fé na ciência urbanística”, e torná-la um “empecilho, um entrave ao desenvolvimento dos núcleos urbanos”. Acrescenta ainda a necessidade de fornecer aos municípios um “instrumento de trabalho e desenvolvimento destes núcleos” cuja falta leve a um continuado “acumular erros sobre erros, cada vez mais difíceis de remediar”, sendo urgente elaborar esses planos e os respectivos inquéritos como “instrumento base do seu estudo”, sempre acompanhados pelo “bom senso” e “tendo em vista a importância actual e a previsível dos núcleos em estudo, as suas condições de desenvolvimento, os factores que o condicionam, etc.”.

Em banquete realizado no Palácio de Cristal, Carlos Ramos afirma que “Foi hoje o dia da cidade e o Porto deu o sinal da sua graça e da sua força viva”, homenageando ainda o “saudoso engenheiro Duarte Pacheco” e afirmando que “os dois problemas capitais de existência – o urbanismo e a habitação – têm de ser resolvidos definitivamente e cabalmente”, terminando com a convicção de que o “projecto da Ponte da Arrábida será o início de novas perspectivas e novos horizontes para a cidade, chamando para essa obra, de urgente necessidade, a atenção da Câmara e do seu presidente”²³⁸. Já em sessão de encerramento, agradece a “boa colaboração dos congressistas” e valoriza o segundo tema debatido pois “tinha sido importante chegar a conclusões que satisfizessem a necessidade dos que esperavam do congresso uma solução clara dos problemas debatidos”, mostrando-se no entanto um pouco céptico pois “a situação de permanente evolução e as circunstâncias várias que esta acarreta no momento, naturalmente que haviam de ditar um trabalho imperfeito, pouco completo”²³⁹.

A primeira sessão de trabalhos é realizada a 19 de Junho, na Escola de Belas Artes do Porto, sob a presidência de José Fernandez Hernardino, contando com a presença do engenheiro Brito e Cunha e arquitectos Unazo Ugaldá, Ferreira

²³⁸ *Jornal de Noticias*, 21 de Junho de 1951.

²³⁹ *Jornal de Noticias*, 23 de Junho de 1951.

Dias e D. Henrique Renelho Montinieros. Como relatores Guerrero Luiz e Carlos Ramos.

Discute-se o primeiro tema, “Inquéritos urbanos”, atribuindo-se a autoria a Augusto Celestino da Costa, engenheiro chefe da Repartição de Estudos da Direcção Geral, e abordando-se os seguintes pontos: “elementos de inquérito necessários e suficientes para a elaboração de planos de urbanização”, “relação geral dos assuntos a abranger pelos Inquéritos Urbanos” incluindo aqui as “características físicas do sítio, demografia, funções de núcleo urbano, organização de aglomerado e possibilidades económico-financeiras”, “forma ou formas de apuramento e apresentação dos elementos de inquérito” que deverão ser acompanhadas do respectivo mapa e “quais as entidades a quem deve caber a responsabilidade dos elementos de inquérito”²⁴⁰.

No debate deste tema salienta-se a participação portuguesa de Oliveira Martins e de Brito e Cunha, e ainda os espanhóis Muñoz Monasterio e César Cort. Este último apresenta ainda um estudo próprio, “Datos para las Urbanizaciones”, e, em conclusão, aconselha “que os dados para as urbanizações se devem limitar aos indispensáveis para se poder determinar as soluções racionais dos problemas propostos” e que “devem decidir-se no próprio terreno os diferentes detalhes de urbanização”²⁴¹.

No segundo dia de trabalhos, sobre o tema “Condições Mínimas de Habitação”, a sessão contou com a presidência de Júlio de Brito, secretariado por Fortunato Cabral, e ainda Rogério de Azevedo, Baldich Tiban e Carlos M. Gonçalves.

Discutiui-se a tese do arquitecto Silveira Borges sobre “habitação mínima em Portugal – necessidades da sua regulamentação”, trabalho dividido em “concepção, áreas e dimensões mínimas e o aspecto construtivo”, aludindo-se nas conclusões à necessidade de “regulamentação das normas a que deve satisfazer a habitação mínima”, a que “as áreas e dimensões mínimas” sejam adequadas a uma “concepção da habitação racional”, a evitar o uso “indistinto dos projectos – tipo nas diferentes regiões do país” pois que estes “satisfazendo os requisitos de ordem

²⁴⁰ *Jornal de Noticias*, 20 de Junho de 1951.

²⁴¹ *Ibid.*

funcional, construtiva e estética, não contrariem os usos e costumes tradicionais da população”. Acrescenta-se ser indispensável que “os planos das habitações mínimas sejam executados pelos técnicos que têm competência profissional para o fazerem – os arquitectos” e que se “procure melhorar as condições de habitabilidade pelo emprego de novos métodos e materiais de construção”²⁴².

A segunda tese discutida, do arquitecto Juan Figueras, defendendo a posição do Estado Espanhol e do Instituto Nacional de Vivenda, procurou estabelecer os números admissíveis, no ponto de vista económico, político e artístico, que autorizem o programa seguro de vivenda modesta, concluindo que se estabeleça um mínimo de 3 quartos de dormir para a habitação familiar.

Mais uma vez César Cort intervém e apresenta, para este segundo tema, uma “substanciosa tese histórico realista” na qual conclui que: “1º - as dimensões mínimas das moradias não devem fixar-se em números absolutos nem com carácter geral, mas devem, antes, relacionar-se com o meio físico e ocupação do género de vida dos seus habitantes; 2º - devem estudar-se novas estruturas que permitam conseguir-se o maior número de comodidades no menor espaço possível, com mobiliário adequado; 3º - para utilizar este género de habitações importa educar os indivíduos aos quais as mesmas sejam destinadas”²⁴³.

Na intervenção portuguesa sobre o segundo tema salientam-se Brito e Cunha, Almeida Garret, Oliveira Martins e Matos Veloso, este último defendendo a criação do Instituto Português da Casa Popular, que dará origem ao 4º ponto das conclusões.

Na visita realizada à EBAP são vistas duas exposições. A primeira, dos trabalhos dos alunos, tem o objectivo de dar aos congressistas espanhóis “uma ideia geral sobre o curso de arquitectura e as duas cadeiras de urbanismo”. A exposição junta cerca de 50 trabalhos, correspondentes às provas finais dos diferentes períodos escolares e às provas do concurso de emulação do curso superior, onde se encontram como temas: blocos residenciais, residências de

²⁴² *Jornal de Noticias*, 21 de Junho de 1951.

²⁴³ *Ibid.*

estudantes, uma adega cooperativa, vários tipos de garagem, salas de exposições, parques desportivos, etc.”

A outra exposição, da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, apresenta “uma grande variedade de documentários”, entre eles, “o plano rodoviário e ferroviário”, gráficos com “os planos de urbanização já organizados e referentes a muitas terras, tipos diversos de habitação promovidas e orientadas pelo estado, mapas especiais relativos a planos de urbanização de Vila Nova de Gaia, Caparica, Vila Verde, Lisboa, Cardas da Rainha, etc., bem como os Planos Regionais do Porto” e ainda a maquete do mercado de Matosinhos²⁴⁴.

Na visita ao Gabinete de Urbanização, o director dos serviços, Brito e Cunha, declara que “não será talvez descabido afirmar que no Porto, neste momento, se sente um impulso renovador, traduzido em imensas actividades nos campos mais variados”²⁴⁵.

A sessão final do congresso, e apresentação das conclusões, teve lugar na Escola de Belas Artes, sendo presidida por Peres Fernandes, e contando com a presença de Arménio Losa no secretariado.

Sobre o primeiro tema conclui-se a indispensabilidade dos inquéritos urbanos “como base para a elaboração dos planos de urbanização”, admitindo que os “elementos de inquérito necessários e suficientes para a elaboração de planos de urbanização varia com a definição dos objectivos dos referidos planos” e que

²⁴⁴ *Jornal de Noticias*, 20 de Junho 1951.

²⁴⁵ *Jornal de Noticias*, 21 de Junho de 1951.

Ainda no discurso de Brito e Cunha se pode observar quais eram de facto as actividades realizadas no Porto, lendo-se “São os Paços do Conselho que se concluem; um grande mercado em plena construção; um quartel de Infantaria acabado de entrar ao serviço; um hospital escolar a caminho de conclusão; um Liceu Feminino à pouco Inaugurado; um vasto programa em curso de Escolas Primárias – na Sé, na Foz, em Aldoar, em Rebordões; uma nova Escola Técnica elementar, a levantar-se já na Praça da Galiza, e outra – a Soares dos Reis – sofrendo profundas alterações; a Via Rápida de Leixões, prestes a ligar-se à Boavista e à Via Leste, prosseguindo para norte; o túnel da Estrada Marginal; obras no centro da cidade com o vulto da Praça D. João I, na Rua de Ceuta e na Avenida da Ponte, agora designada de D. Afonso Henriques; um estádio em plena construção; uma Igreja Paroquial que se vai erguendo; a construção do Bairro de 150 casas para pobres a iniciar-se em Sobreiras, logo após se ter concluído outro na Corujeira; um programa de 800 casas de renda económica em Ramalde, de que neste momento começa uma primeira fase de 180 moradias e outro de 314 casas económicas em Epitácio Pessoa e António Aroso, a adjudicar brevemente; e, para terminar esta breve resenha, cerca de 60 hectares de terreno urbanizado nas zonas residenciais de Montevideu, de Gomes da Costa, da Boavista, do Campo Alegre, de Costa Cabral e das Antas. São obras do Estado ou por ele comparticipadas; mas também são obras da Câmara que para elas retira 50 milhões de escudos do seu orçamento anual de 140 milhões.”

“conhecidos os propósitos dos projectos de urbanização, os inquéritos limitar-se-iam aos dados indispensáveis”. Revela-se ainda o papel das entidades oficiais que “procurarão metodicamente ordenar os dados, que se requerem para a preparação dos problemas regionais, municipais”; como metodologia “para a recolha e apuramento dos elementos de Inquérito considera-se da maior vantagem a adopção de um processo normalizado que facilite a garantia do rigor do trabalho executado, aconselhando-se um sistema já apresentado com êxito”²⁴⁶, sendo de desejar que “os planos de urbanização se preparem sempre que seja possível sobre o terreno”. Propõe-se finalmente que “seja intensificada a propaganda de urbanismo por meio de conferencias, exposições, etc., de maneira a fazer bem compreender, às autarquias locais e ao grande público, que o urbanismo trabalha para eles e para as suas melhores condições de vida.”

Para o segundo tema apontam-se como conclusões que “as condições mínimas de habitação não podem definir-se, concretizar-se, sem se analisarem o género de vida e actividade dos seus habitantes, assim como a sua localização, pois em última análise, se trata de um problema não só de urbanismo mas também social”, sendo de desejar que “se façam experiencias com tipos de habitação não só dos propostos pelas instituições e organismos especiais existentes ou a criar com estes objectivos, mas também de iniciativa particular”. Paralelamente, torna-se evidente “rever a legislação sobre a habitação, ou suspendê-la provisoriamente, a fim de se facilitar as experiencias, muito embora os organismos oficiais promovam as medidas necessárias para se evitarem abusos.” E finalmente, proposta exclusiva para Portugal e feita pelo architecto Matos Veloso, “que a análise deste importante problema se faça na totalidade e à escala nacional, através de um organismo de intervenção e informação, coordenador e experimental: – Instituto Português da Habitação, que reveria toda a legislação existente e as experiencias feitas, a fim de facilitar a resolução do problema que se reveste de extrema urgência.”²⁴⁷

²⁴⁶ Não se revela qual é este “sistema”.

²⁴⁷ *Jornal de Noticias*, 23 de Junho de 1951.

3.2. 1953: Exposição de Homenagem a Mestre Marques da Silva e alguns dos seus discípulos

“A exposição, seria, concerteza, a “homenagem ao ancião, o tirar o chapéu ao defunto”, mas ela continha a linha subjacente que religa as gerações. Como passa? Por onde passa? É um exercício a fazer, no “campo fértil” das paixões...da Architectura.”²⁴⁸

Em Dezembro de 1953 Marques da Silva é homenageado pela ESBAP, junto com a ANBA, o SNA e alguns dos seus discípulos.

A exposição resulta de uma iniciativa da escola, que estabelece entre os seus docentes uma Comissão Organizadora, constituída por Mestre Joaquim Lopes (professor da ESBAP e Delegado da ANBA), Carlos João Chambers Ramos (professor e director da ESBAP), Homero Ferreira Dias (discípulo expositor e Presidente da secção distrital do Porto do SNA), Júlio José de Brito, Manuel Marques, António Maria Cândido de Brito, Rogério dos Santos Azevedo, António José de Brito e Cunha e David Moreira da Silva (antigos discípulos de Mestre Marques da Silva, expositores e professores da ESBAP)²⁴⁹. Já aqui se antevê em Joaquim Lopes e Homero Dias uma plataforma directa para a ANBA e o SNA.

Preparativos:

Em Março de 1953, o “professor Joaquim Lopes, relembra a homenagem e exposição de trabalhos dos antigos alunos do falecido professor e antigo Director desta Escola Marques da Silva”, declarando o director, Carlos Ramos²⁵⁰, que fará o possível para que a exposição seja ainda realizada no ano corrente. David Moreira da Silva, em seu nome e da família, agradece ao Conselho, propondo uma Comissão para levar a efeito a dita homenagem, nomeando-se para tal os

²⁴⁸ CARDOSO, A., *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX*, p.598.

²⁴⁹ Ver: *Marques da Silva, Exposição Conjunta das Principais Obras do Mestre e de Alguns dos seus Discípulos. Homenagem Promovida pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, com a colaboração da Academia Nacional de Belas Artes e do Sindicato Nacional dos Arquitectos (cat.)*.

²⁵⁰ Já em acta de Reunião Ordinária do Conselho Escolar da E.S.B.A.P. de 15 de Outubro de 1952, Carlos Ramos preside como Director da Escola.

professores Joaquim Lopes, Manuel Marques, António de Brito e David Moreira da Silva²⁵¹.

O evento fica previsto para o dia 18 de Outubro de 1953, data do 84º aniversário do nascimento de mestre Marques da Silva²⁵². No entanto, a dez dias do evento, Joaquim Lopes, na qualidade de Presidente da Comissão Organizadora, informa o conselho dos trabalhos realizados para a homenagem e propõe “que a sessão de homenagem a efectuar na Escola seja transferida para o dia três de Dezembro próximo”²⁵³, sendo ainda publicada uma circular onde se define a nova data e as condições gerais para a apresentação dos trabalhos a expor²⁵⁴.

Já a 1 De Dezembro de 1953, é apresentado na imprensa nacional o programa previsto para a Homenagem ao Mestre, referindo ainda que:

“Está sendo preparada a edição de um volume com as reproduções de todos os trabalhos do saudoso professor Marques da Silva e que incluirá um estudo sobre o artista e a sua obra. O produto desse livro ficará constituindo capital cujo juro se destinará a instituir na escola que ele dirigiu um prémio com o seu nome para os alunos de arquitectura.”²⁵⁵

Esta proposta terá sido feita por David Moreira da Silva à comissão de organização sugerindo “que os trabalhos de Mestre Marques da Silva que, na sua maioria, não deixarão de figurar na exposição que se projecta levar a efeito por essa mesma altura, constituam documentação gráfica bastante e digna de se reunirem em volume, acompanhada do relato das restantes manifestações que se projectam, e que o produto da venda desses exemplares constitua um fundo que, perpetuando a memória de tão ilustre professor e antigo Director desta escola, sirva para premiar um aluno que se distinga segundo normas regulamento a elaborar posteriormente”²⁵⁶. No entanto, o catálogo produzido não será tão abrangente, limitando-se a uma identificação da comissão organizadora, um breve texto de

²⁵¹ Livro de Actas da E.S.B.A.P., Acta de Reunião Ordinária, 27 de Março de 1953.

²⁵² Veja-se:

O Século, 29.08.1953; *Diário de Notícias*, 29.08.1953, onde se divulga o evento e o programa previsto.

²⁵³ Livro de Actas da E.S.B.A.P., 8 de Outubro 1953.

²⁵⁴ Arquivo FIMS [1517], Circular ESBAP, 16 de Outubro de 1953.

²⁵⁵ *Jornal de Notícias*, 1 de Dezembro de 1953.

²⁵⁶ Livro de Actas da E.S.B.A.P., Reunião Ordinária de 8 de Outubro de 1953.

introdução em homenagem ao Mestre e à enunciação das obras expostas e respectivos autores.

Actos de Homenagem

O programa realizado descreve-se por, às 16 horas, uma romagem ao túmulo do Mestre, no cemitério da Lapa, onde o arquitecto Carlos Ramos, director da ESBAP profere discurso escrito por Mestre Manuel Joaquim Lopes (que não comparece por motivos de saúde), do qual se salienta:

“Marques da Silva era, com efeito, a mais rara e mais completa organização de arquitecto que no seu tempo em Portugal existiu o que, por certo, até hoje ainda não foi igualada. Mesmo no estudo da pintura a aguarela, modalidade que muitas vezes interessadamente praticou, conseguiu trabalhos que alguns pintores não hesitariam assinar. Foi esse conjunto de qualidades que fez dele um verdadeiro mestre e um dos arquitectos que a mais alto elevaram a arte do nosso país e, como referi, o esteta e critico de mais sólidos princípios que entre nós existiram. Foi ainda essa admirável força que legitimamente o levou à cátedra de uma Escola Superior, a qual lhe permitiu melhor granjeio de elementos favoráveis à conquista da justa fama de primacial arquitecto português.”²⁵⁷

Em outro exemplar de imprensa nacional, conclui-se o mesmo discurso afirmando que:

“Graças a esse excepcional poder de culto realizador a ele coube a honra – por direito e por conquista – de elevar e conduzir o vasto e notável conjunto de discípulos que actualmente são por todos considerados valores maiores da moderna geração de arquitectos em Portugal”²⁵⁸.

²⁵⁷ *O Comércio do Porto*, 4 de Dezembro de 1953.

²⁵⁸ *Jornal de Noticias*, 4 de Dezembro de 1953.



5. Romagem ao túmulo do mestre. Carlos Ramos a ler discurso de Joaquim Lopes.
6. M^a José Marques da Silva a descerrar o “fac simile” da assinatura do mestre no Teatro S. João.
7. Pardal Monteiro a discursar na sessão solene.
8. M^a José Marques da Silva a ler discurso.

Após o término da Romagem, os presentes dirigiram-se ao Teatro S. João, em cuja fachada Maria José Marques da Silva descerrou o “Fac-simile” da assinatura do mestre.

Pelas 18 horas, realiza-se uma sessão solene no Salão Nobre da ESBAP, onde se pronunciaram discursos do arquitecto Porfírio Pardal Monteiro, orador oficial e representante da ANBA, e da filha do Mestre, Maria José Marques da Silva, que expressa “um simples mas bem português, muito obrigado”²⁵⁹. Na continuação inaugura-se na escola a Exposição fotográfica das obras do arquitecto Marques da Silva e de alguns dos seus discípulos, “que completa, de modo admirável, a homenagem prestada à memória do saudoso Mestre”²⁶⁰.

Sessão Solene

Das personalidades presentes encontravam-se, na mesa de honra, Carlos Ramos (director da ESBAP e em representação do Sr. Ministro da Educação Nacional), ladeado à direita por Domingos Braga da Cruz (Governador Civil do Distrito), e general Cotta Morais (comandante da I região militar), e à esquerda por comandante João Pais (Chefe do Departamento Marítimo dos Portos do Douro e Leixões) e Manuel Figueiredo (vereador, em representação da Câmara Municipal do Porto); em lugar de destaque encontrava-se ainda D. António Ferreira Gomes (Bispo do Porto).

Destaca-se ainda a presença de Homero Ferreira Dias (delegado no Porto do SNA) e, na primeira fila, do Dr. Valadão Chagas (delegado do INTP), escritor Sousa Costa, tenente Coelho Dias (sub director da PIDE), coronéis Serafim de Morais, Carlos Moreira e Américo de Oliveira. Da família do Mestre comparece a filha, arquitecta Maria José Marques da Silva, o seu genro, o arquitecto David Moreira da Silva, sobrinha, Elvira Rosa Marques Coelho Pires, e irmãos, Manuel e Arnaldo Marques da Silva. Ainda na assistência, professores e alunos da ESBAP.

²⁵⁹ Arquivo FIMS [1357], Discurso de Maria José Marques da Silva, documento manuscrito.

²⁶⁰ *O Comércio do Porto*, 4 de Dezembro de 1953.



9. Carlos Ramos a discursar na sessão solene
10. Pardal Monteiro a discursar na sessão solene
11. Fotografia de grupo

A sessão é aberta pelo arquitecto Carlos Ramos que afirma “não ser este um dia de luta mas, pelo contrário, um dia de festa, de consagração ao mérito”²⁶¹, apresentando de seguida o orador oficial, Pardal Monteiro.

Este, por sua vez, agradece o convite e inicia o seu discurso com algumas referências à formação e a actividade profissional de Marques da Silva que:

“Como profissional excepcionalmente competente, soube exprimir na sua obra a sua personalidade e o carácter do seu tempo”.

Afirma que nas visitas que o mestre lhe fez em Lisboa sempre falou com “enternecedora paixão da sua Escola, dos seus alunos e, de um modo geral, do ensino das Belas Artes”, declarando que o mestre “formou pelo menos duas gerações de bons arquitectos” e que “alguns dos seus alunos são actuais professores desta escola e tal facto é já por si uma prova do valor do seu ensino”.

Relembra que nessas visitas “Marques da Silva tinha, como é natural, o pudor de confessar os sofrimentos que devia à maldade, à prepotência, à ignorância e à vaidade dos homens de quem por vezes dependia a realização das suas concepções” sendo este um “aspecto quase desconhecido da sua vida, dramático mas sempre honroso, que mais o elevou ainda no profundo respeito, na admiração e na alta estima que sempre lhe dediquei.”

Aos novos expressa que:

“Apesar do muito que por ela sofremos, que linda e maravilhosa é esta profissão de arquitecto! Que orgulho e honra de vivermos como verdadeiros homens ela nos dá! Artistas e Construtores, somos por natureza de formação ecléticos, mas não enciclopédicos: outra especialização não temos que não seja a de servir pela Arquitectura com o nosso coração e a nossa inteligência a Sociedade de que fazemos parte.”

Reflecte também na proximidade entre o arquitecto e os outros artistas, entre o arquitecto e o engenheiro, admitindo que “a nossa missão se desvia e diferencia das do pintor e do escultor” pois não resulta “de temas livremente

²⁶¹ *O Comércio do Porto*, 4 de Dezembro de 1953.



12. Três aspectos da sala de exposição

escolhidos nem visam apenas o subjectivo, o puramente espiritual”. Na relação com os engenheiros aponta um afastamento similar pois o arquitecto “não procura apenas satisfazer aspirações de ordem interessada e exacta ou pelo menos de suficiência útil” porque a obra deve ter sempre “um sentido estético que a enobreça e a dignifique” não se limitando “apenas a dar satisfação às exigências de ordem utilitária dos programas e da estática da construção”.

Exposição²⁶²

Na Exposição inaugurada na escola encontramos uma totalidade de 166 obras²⁶³ expostas pelo Mestre e seus discípulos.

São 81 os painéis que ilustram a obra de Marques da Silva, com um conjunto de 25 obras de arquitectura realizadas ou em projecto, concursos, monumentos e arquitectura funerária, completando-se ainda com peças de mobiliário, desenhos, aguarelas, paisagens e apontamentos. Apresenta a produção realizada pelo mestre desde o início da sua actividade profissional até meados dos anos 30.

Os 33 discípulos presentes na mostra expõem 141 obras onde se reúnem trabalhos que testemunham os anos “20-30 de Marques da Silva e os anos 40-50 de Carlos Ramos”, não se apoiando esta sobreposição no “exercício de novos temas” mas sim na introdução de um novo “estilo de trabalho numa escola renovada”²⁶⁴. De facto, a exposição reúne sucessivas gerações de arquitectos formados por Marques da Silva em diferentes momentos da escola, e ainda por Carlos Ramos nos seus anos iniciais de pedagogia.

Encontra-se uma vasta variedade de programas, “garagens, hotéis, pousadas, sanatórios, cinemas, hospitais, fábricas, blocos de habitação, prédios de

²⁶² Ver: Anexo 3 – Lista de obras expostas.

²⁶³ Exclui-se nesta contagem o mobiliário, aguarelas, paisagens e apontamentos do Mestre, correspondentes aos números 51 a 81 do catálogo, e desenhos expostos de Ricardo Guilherme Spratley, correspondentes aos números 271 a 277 do catálogo.

²⁶⁴ CARDOSO, A., *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX*, p. 596.

rendimento, bairros residenciais e as moradias nas novas zonas da cidade”²⁶⁵, realizados pelos discípulos a partir dos anos 30. Alguma inovação será representada por David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva nos planos de urbanização patentes na exposição.

“Mas nela estavam os principais protagonistas do modernismo portuense ou das convicções modernas e ainda os sinais para uma reconversão e clarificação de novas poéticas de habitar, na visão antropológica dos espaços e dos lugares.”²⁶⁶

A pertinência desta exposição revela-se na responsabilidade de transmissão de um património arquitectónico, tornando-se o lugar de encontro de vários momentos. Não só se fixa um passado mas também a consciência de um percurso, sintetizando uma evolução de formas construídas, de tendências e de transformações.

Homenageia não só Marques da Silva mas também sucessivas gerações de arquitectos, juntando num mesmo evento personagens usualmente referenciados e, uns outros, regularmente relegados para o desconhecido.

²⁶⁵ Ibid., p.596.

²⁶⁶ Ibid., p.598.

Nota Final

Abordou-se neste trabalho algumas condições do ensino nas Academias de Belas Artes em Portugal, apontando as suas influências e o seu papel na mediação entre uma produção artística académica e o público. Seguidamente, uma referenciação ao contexto português do final dos anos 40 e início dos anos 50, onde se posiciona o começo de uma nova fase na arquitectura portuguesa e nas suas manifestações culturais.

Reflectiu-se sobre duas personagens e a sua actuação no evoluir do ensino em Portugal, justificando-se a sua relevância no contexto formativo.

O recurso à exposição como momento de comunicação/mediação entre produção e público, repousa sobre uma história de práticas, ideias e representações, reflecte uma trama de narrativas e de pensamento que se compõem em seu torno. O enquadramento histórico, do ensino e seus protagonistas, funcionou como situador de um universo complexo.

Teria sido demasiado imprudente forçar a presença de um denominador comum, unificador e justificativo das várias manifestações individuais presentes nas mostras estudadas. Mas apesar desta diversidade, e do diferente carácter de ambos os acontecimentos, a sua coincidência revela-nos actos pioneiros representando assim um contributo valioso na reflexão do panorama da arquitectura portuguesa.

Bibliografia

AAVV., *Arquitectura moderna portuguesa 1920 1970*. IPPAR- Instituto do Património Arquitectónico e Arqueológico/ coord. Manuel Lacerda, Miguel Soromenho, Ana Tosões, textos Ana Tostões... [et al.], Lisboa, IPPAR, D.L., 2003.

AAVV, *1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e votos do Congresso* [edição fac-similada], Lisboa, Ordem dos arquitectos, 2008.

AAVV, *Troisième Congrès de l'Union Internationale des Architectes: rapport final*, Union Internationale des Architectes, Lisboa, UIA, 1953.

ALMEIDA, Pedro Viera, FERNANDES, José Manuel, *A arquitectura moderna*, in “História da arte em Portugal”, 14º Vol., Publicações Alfa, Lisboa, 1986 – imp.1988.

AMARAL, Francisco Keil do, “A formação dos Arquitectos”, in *1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e votos do Congresso* [edição fac-similada], Lisboa, Ordem dos arquitectos, 2008.

Arte Portuguesa, Boletim da Escola Superior de Belas Artes do Porto, nº1, Porto, 1952.

Arte Portuguesa, Boletim da Escola Superior de Belas Artes do Porto, nº2/3, Porto, 1954.

BENEVOLO, Leonardo; *Historia de la arquitectura moderna*, Barcelona, GG, 2002.

BOTELHO, Manuel, “Anos 40: A ética da estética e a estética da ética”, in *R.A. Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, Ano I, Número 0, Outubro 1987.

CALADO, Maria, O Ensino de Arquitectura em Portugal: Abordagem Histórica, in *Jornal Arquitectos*, nº55, Março 1987.

CALDAS, João Vieira, “Cinco entremeios sobre o ambíguo modernismo”, in *Portugal 1900*, Fundação Calouste Gulbenkian, dir. João Castel-Branco Pereira, Lisboa, FCG, 2000.

CARDOSO, António... [et al.]; *Marques da Silva/ Arquitecto / 1896 – 1947*, Porto, 1986.

CARDOSO, António, *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX*, 2ª ed., Porto, Faup Publicações, 1997.

Carlos Ramos : exposição retrospectiva da sua obra, Lisboa, F.C.G., 1986.

CHAFEE, R., “The Teaching of Architecture at the Ecole des Beaux-Arts”, in *The architecture of the Ecole des Beaux-Art*, edited by Arthur Drexler, London, Secker & Harburg, 1977.

COSTA, Alexandre Alves, “Á memória de Mestre Ramos”, in *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*, Porto, FAUP edições, 1995.

COSTA, Alexandre Alves, “Considerações sobre o ensino da Arquitectura”, in *Jornal Arquitectos*, nº55, Março de 1987.

COSTA, Alexandre Alves, “Arquitectura Portuguesa”, in *Jornal Arquitectos, Antologia 1981-2004*, Lisboa, 2005.

Desenho de Arquitectura / Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (cat.), Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, Maio de 1987, ed. Universidade do Porto, 1987.

FERNANDES, Fátima, CANNATÀ, Michelle, *Guia de Arquitectura Moderna, Porto, 1925-2002: Maia, Matosinhos, Vila Nova de Gaia*, Porto, Asa, 2002

FERNANDEZ, Sérgio; *Percurso / Arquitectura Portuguesa / 1939 / 1974*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988.

FIGUEIRA, Jorge, *Escola do Porto : um mapa crítico*, Coimbra, Ed. DARQ, 2002.

FRAMPTON, Kenneth; *Historia critica de la arquitectura moderna*, 11ª ed, Barcelona, GG, 2002.

FRANÇA, José Augusto; *A Arte em Portugal no séc. XX: 1911-1961*, 2º ed. Revista; Vendonova, Bertrand, 1984.

GEORGE, Frederico, *Considerações sobre o Ensino da Arquitectura*, Lisboa, 1964.

GONZÁLEZ, María Cristina Garcia, LÓPEZ, Salvador Guerrero, *The National Federation of Town Planning and the Housing (1939-1954): A Network of Urbanism in the Spanish Post Civil War Period*, in [<http://www.iphs2010.com/abs/ID50.pdf>]

J. Marques da Silva : arquitecto : 1869-1947, Porto, SRNAPA, 1986.

Marques da Silva e a fotografia : imagens de uma época, Porto, Instituto Marques da Silva, Instituto de Recursos e Iniciativas Comuns da Universidade do Porto, 2005.

Marques da Silva – Exposição Conjunta das Principais Obras do Mestre e de Alguns dos seus Discípulos. Homenagem Promovida pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, com a colaboração da Academia Nacional de Belas Artes e do Sindicato Nacional dos Arquitectos (cat.), Porto, E.S.B.A.P., Dezembro 1953.

Marques da Silva : o aluno, o professor, o arquitecto, Porto, IMS, 2006.

MENDES, Manuel, “Nós”. Uma Modernidade de Fronteira – Nós para uma Passagem Inconclusa”, in *Arquitectura del Movimiento Moderno (1925-1965). Registo DOCOMOMO Ibérico*, Barcelona, DOCOMOMO, Fundació Mies van der Rohe, 1996.

O.D.A.M. Organização dos Arquitectos Modernos Porto 1947-1952; Compilado por Cassiano Barbosa, Porto, Edições ASA, 1972.

PEDREIRINHO, José Manuel, *Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade*, Porto, Afrontamento, 1994.

PEREIRA, Nuno Teotónio, *Escritos : 1947-1996 (selecção)*, Porto, Faup Publicações, 1996.

PEREIRA, Nuno Teotónio, “O que fazer com estes 50 anos”, in *1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e votos do Congresso* [edição fac-similada], Lisboa, Ordem dos arquitectos, 2008.

PORTAS, Nuno; “A evolução da arquitectura moderna em Portugal: uma interpretação”, in Bruno Zevi, *História da Arquitectura Moderna*, 2º vol., Lisboa, Arcádia, 1973, pp.687-746.

PORTAS, Nuno, “Ensino: os projectos dos arquitectos”, *Jornal Arquitectos, Antologia 1981-2004*, Lisboa, 2005.

PORTAS, Nuno, “Arquitectura e Urbanística na Década de 40”, in *Arquitecturas : história e crítica, ensino e profissão*, Porto, Faup Publicações, 2005.

Portugal 1900, Fundação Calouste Gulbenkian, dir. João Castel-Branco Pereira, Lisboa, FCG, 2000.

R.A. *Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, Ano I, Número 0, Outubro 1987.

RAMALHO, Pedro, MENDES, Manuel; *Homenagem a Arménio Losa*, Porto, C.M. Matosinhos, 1995.

Raul Lino : exposição retrospectiva da sua obra, Lisboa, F.C.G., 1970.

RIBEIRO, Ana Isabel, *Arquitectos portugueses : 90 anos de vida associativa 1863-1953*, Porto, Faup Publicações, 2002.

RIBEIRO, Ana Isabel, “Relembrando o Congresso de 48”, in *1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e votos do Congresso* [edição fac-similada], Lisboa, Ordem dos arquitectos, 2008.

RICCA, Agostinho, RODRIGUES, A. Jacinto, *Agostinho Ricca: projectos e obras de 1948 a 1995*, Porto, Ordem dos Arquitectos – Secção Regional do Norte, D.L., 2001.

ROGERS, Ernest Nathan, *A arquitectura moderna desde a geração dos mestres*, trad. Sílvia Viana de Lima, Porto, Edições CIAM, 1960.

TOSTÕES, Ana, “O Congresso e os “verdes anos” 50”, in *1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e votos do Congresso* [edição fac-similada], Lisboa, Ordem dos arquitectos, 2008.

TOSTÕES, Ana, *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*, 2ª ed., Porto, Faup Publicações, 1996.

TOSTÕES, Ana, “Modernismo e Regionalismo, 1948-1961”, in *Portugal 1900*, Fundação Calouste Gulbenkian, dir. João Castel-Branco Pereira, Lisboa, FCG, 2000.

AZEVEDO, Rogério, *Arquitectura no Plano Nacional*, Conferência realizada no club Fenianos Portuenses, em 18 de Maio de 1934, Porto, Imprensa Social, 1936.

Trabalhos Académicos

COUTINHO, Beatriz, *Carlos Ramos (1897-1969): Obra, pensamento e acção. A procura do compromisso entre o Modernismo e Tradição*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2001.

LISBOA, Fernando, *Arquitecturas do Porto - Uma análise historiográfica*, Relatório de Estágio, Porto, FAUP, 1989 (policopiado)

OLIVEIRA, Filipe Tiago Gomes, *Camilo Korrodi : experimentação e modernidade*, Prova Final, Faup, 2008, Porto.

TAVARES, André Carinha, *Modernidade & construção : duas obras de Januário Godinho em Ova*, Prova Final, Porto, Faup, 2000.

TENREIRO, José Pedro de Galhano, *O grupo ODAM : organização dos arquitectos modernos : a construção do racionalismo portuense*, Prova Final, Porto, Faup, 2008.

RIBEIRO, António Filipe Costa, *O mercado municipal de Matosinhos e o mercado do Bom Sucesso: uma contribuição para o que foi ser moderno em Portugal entre os anos 30 e 50*, Prova Final, Faup, 2008, Porto.

ROSA, Edite, *ODAM – valores modernos e a confrontação com a realidade*, Tese de Doutoramento, Barcelona, ESTAB, 2005, in [<http://www.thesisenxarxa.net/TDX-0218110-160940/>]

Revistas

“Apartamentos Gémeos, arq. Alfredo Ângelo Magalhães”, in *Arquitectura*, série 2, nº33-34 (Maio 1950), Lisboa.

“Casa de Habitação em Valongo: Arquitecto João Andressen”, in *Arquitectura*, 2ª série, nº49 (Outubro 1953), Lisboa.

“Concurso para uma casa de férias no Alto Rodízio, relatório do júri pelo arquitecto Carlos Ramos”, in *Arquitectura*, 2ª série, nº23/24 (Maio-Junho 1948), Lisboa.

“Exposição dos arquitectos do Porto ao Presidente da Câmara Municipal acerca da imposição de um estilo às novas edificações”, in *Arquitectura*, 2ª série, nº 32 (Agosto-Setembro 1949), Lisboa.

“Fábrica de motores eléctricos: propriedade da empresa fabril de máquinas eléctricas”, in *Arquitectura*, 2ª série, nº46 (Fevereiro 1953), Lisboa.

“Moradia: arquitectos Arménio Losa, Cassiano Barbosa”, in *Arquitectura*, 2ª série, nº44 (Setembro 1952), Lisboa.

“Moradias gémeas, arquitectos Delfim Amorim e Luís Oliveira Martins”, in *Arquitectura*, 2ª série, n.25 (Julho 1948), Lisboa.

AMORIM, Delfim Fernandes, “Arquitectura de Hoje”, conferência realizada no Ateneu Comercial do Porto, in *Vértice*, Coimbra, vol.XII, 105, Maio de 1952.

AZEVEDO, Rogério; “Arquitecto Marques da Silva”, in *O Tripeiro*, II série, Ano III, Nº2, Junho 1947.

AZEVEDO, Rogério; “Mestre Marques da Silva”, in *O Tripeiro*, VI série, Ano IX, Nº11, Novembro 1969.

BONITO, Mário, “Primeira Exposição de Arquitectura Moderna da ODAM”, in *Vértice*, Coimbra, vol.XI, 96, Agosto de 1951.

GOMES, Paulo Varela, “Teoria da Arquitectura em Portugal: 1915-1945 – O Modernismo e Raul Lino”, in *Vértice* nº 11, Coimbra, Fevereiro de 1989.

LOSA, Arménio, “Da Profissão do Arquitecto”, conferência realizada no Ateneu Comercial do Porto, in *Vértice*, Coimbra, vol.XI, 96, Agosto e Outubro de 1951.

PALLA, Maria Antónia, “Útil ou nefasto à arquitectura Portuguesa – A grande polémica em torno de Raul Lino”, in *Século Ilustrado (O)*, 26 de Dezembro de 1970.

TÁVORA, Fernando, “O Porto e a Arquitectura Moderna”, in *Panorama*, nº4, 1952.

Artigos em Jornal

“1ª Exposição dos Arquitectos Portugueses”, in *Noticias Ilustrado (O)*, 22 de Fevereiro de 1931.

“1ª Exposição dos Arquitectos Portugueses”, in *Primeiro de Janeiro (O)*, 24 de Março de 1931.

“VI Congresso da “Federación del Urbanismo y de la Vivienda””, in *Jornal de Noticias*, 20 de Junho de 1951.

“A arquitectura moderna nas Belas Arte”, in *Noticias Ilustrado*, 5 de Janeiro de 1930 .

“A homenagem prestada pela Escola Superior de Belas Artes e pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos – à memória do arquitecto Marques da Silva”, in *Primeiro de Janeiro (O)*, 4 de Dezembro de 1953.

“A importância do tema da Habitação Mínima – salientada no congresso luso-espanhol de urbanismo”, in *Jornal de Noticias*, 21 de Junho de 1951.

“Arte, Problema Humano – pelo arquitecto Raul Lino, in *Jornal de Noticias*, 12 de Maio de 1951.

“Banquete de confraternização de arquitectos – Homenagem aos novos diplomados”, in *Primeiro de Janeiro (O)*, 8 de Agosto de 1930.

“Como viveremos amanhã” – pelo arquitecto Matos Veloso, in *Jornal de Noticias*, 19 de Junho de 1951.

“Da profissão do arquitecto” – por Arménio Losa, in *Jornal de Noticias*, 13 de Junho de 1951.

“Exposição dos Arquitectos no Palácio da Bolsa”, in *Jornal de Noticias*, 24 de Março de 1931.

“Exposição dos Arquitectos Portugueses”, in *Jornal de Noticias*, 25 de Março de 1931.

“Exposição dos Arquitectos Portugueses”, in *Diário de Noticias*, 25 de Março de 1931.

“Expressiva homenagem à memória e Marques da Silva – portuense ilustre e arquitecto insigne”, in *Jornal de Noticias*, 4 de Dezembro de 1953.

Jornal de Noticias, 19 de Junho de 1951.

Jornal de Noticias, 22 de Junho de 1951.

“Na 1ª Exposição dos Architectos Portugueses no Norte”, in *Primeiro de Janeiro (O)*, 25 de Março de 1931.

“Na escola superior de belas artes”, *Primeiro de Janeiro (O)*, 12 de Maio de 1951.

Noticias Ilustrado (O), 29 de Março de 1931.

“O VI congresso da Federación del Urbanismo y de la Vivienda encerrou os seus trabalhos”, in *Jornal de Noticias*, 23 de Junho de 1951.

Primeiro de Janeiro (O), 15 de Junho de 1951.

Primeiro de Janeiro (O), 19 de Junho de 1951.

Primeiro de Janeiro (O), 20 de Junho de 1951.

“Uma exposição de arquitectura, no Ateneu Comercial”, in *Jornal de Noticias*, 15 de Junho de 1951.

Referências na Internet

<http://arquivo.fba.up.pt/alumni.html>

http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?P_pagina=122498

Referenciação de Imagens

01. Noticias Ilustrado, 22 de Fevereiro de 1931.
02. BARBOSA, Cassiano, *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos Porto 1947-1952*.
03. BARBOSA, Cassiano, *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos Porto 1947-1952*.
04. BARBOSA, Cassiano, *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos Porto 1947-1952*.
05. Arquivo FIMS.
PT/IMS/FAM/JMS-AP/DA1630
06. Arquivo FIMS
PT/IMS/FAM/JMS-AP/DA1627
07. Arquivo FIMS.
PT/IMS/FAM/JMS-AP/DA1625
08. Arquivo FIMS.
PT/IMS/FAM/JMS-AP/DA1619
09. Arquivo FIMS.
PT/IMS/FAM/JMS-AP/DA1620
10. Arquivo FIMS.
PT/IMS/FAM/JMS-AP/DA1626
11. Arquivo FIMS.
PT/IMS/FAM/JMS-AP/DA1621
12. Arquivo FIMS.
PT/IMS/FAM/JMS-AP/DA1622
PT/IMS/FAM/JMS-AP/DA1631
PT/IMS/FAM/JMS-AP/DA1632

ANEXO

ANEXO 1

EXPOSIÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES DO NORTE, 1931¹

CARLOS RAMOS

Maquetas dos projectos do “Grande Hotel de Espinho”, do “Liceu Feminino de D. Filipe de Lencastre”; casas de habitação; plano geral de melhoramentos em Moledo do Minho; dois fontenários de sentido histórico.

AMOROSO LOPES E MANUEL MARQUES

Projecto de urbanização Geral da Cidade do Porto; projectos para uma Escola de Belas Artes, Ampliação do Hospital da Lapa e da Estação da Trindade e casas dos Estudantes Portugueses na cidade universitária de Paris.

JORGE SEGURADO, CARLOS RAMOS, ADELINO NUNES

Plantas gerais para os Liceus Nacional e de “Júlio Henriques”, de Coimbra.

MANUEL PEREIRA

Fachada de um hotel à beira-mar.

RICARDO GUILHERME SPRATLEY

Fachada de um circo; o projecto de um apeadeiro para a C. C. F. do Norte de Portugal; casas económicas.

ERNESTO CAMILO KORRODI

Projectos de uma igreja para a cidade do Porto; parque de recreio a executar na margem direita do Liz, em Leiria.

JOSÉ MOREIRA

Projecto e maquete dum campo de aviação.

ROGÉRIO DE AZEVEDO

Projecto para o Pavilhão Português na Exposição Colonial de Paris; Creche e edifício de “O Comércio do Porto”.

ANTÓNIO JANEIRA

Sala de concertos; projectos de casas para habitação.

AGOSTINHO DA FONSECA

Projecto para “Colónia de pescadores”.

ADELINO NUNES

Habitação para Coimbra.

JOSÉ FERREIRA PENEDA

Plantas do sub-solo e rés-do-chão e maquete de um restaurante-café concerto para a praia da Foz do Douro; casas para habitação.

JÚLIO DE BRITO E ANTÓNIO DE BRITO

Projecto para um liceu.

JORGE SEGURADO

Ante-projectos para os “Cinemas Condes e Sant’Iago”.

RICARDO GUILHERME SPRATLEY E CAMILO KORRODI

Projecto de um apeadeiro; monumento a Carvalho de Araújo; um circo; clube para oficiais da marinha; Hospício na montanha; casas para habitação.

FERNANDES DA SILVA

Projecto para uma Câmara de Deputados; Laboratório de ensaios técnicos.

ANTÓNIO AZEVEDO E FERNANDES DA SILVA

Fontanário intitulado de “No paiz das uvas”.

TERTULIANO MARQUES

Projecto do Pavilhão Português para a Exposição de Sevilha.

¹ Desta exposição não foi publicado catálogo. Informação retirada de:
O Primeiro de Janeiro, 24 de Março de 1931.
Jornal de Notícias, 25 de Março de 1931.

ANEXO 2

EXPOSIÇÃO DO GRUPO ODAM, 1951²

ANTÓNIO CORTE REAL

Pousada em Vila do Conde (Albergue para Reformados), projecto CODA (1951-52).

ADALBERTO DIAS

Duas habitações no Porto (em parceria com Cassiano Barbosa).

AGOSTINHO RICCA

Fábrica de motores eléctricos em Arroteia; bloco residencial no Porto.

ARMÉNIO LOSA E CASSIANO BARBOSA

Moradia em Vila Nova de Gaia; moradia no Porto; casa de férias no Porto (maqueta); casa em Ofir (maqueta), bloco residencial no Porto; imóvel urbano (maqueta).

CARLOS LOUREIRO

“Luz e Sombra”; “A minha casa”, projecto CODA (1949-70).

CASSIANO BARBOSA

Moradia no Porto.

E. ALVES DE SOUSA

Estação de Serviço Austin, Porto (1948-52).

FERNANDES AMORIM E OLIVEIRA MARTINS

Moradia em Guimarães (1947); casa em A-ver-o-mar (1949); Escola de Natação e Piscina do Clube Naval Povoense (1946-50).

FERNANDO EURICO E ANSELMO TEIXEIRA

Pavilhão de Exposição.

FERNANDO LANCHAS

Habitação no Porto (1950).

FERNANDO TÁVORA

Casa sobre o mar na Foz do Douro, projecto CODA (1951).

JOÃO JOSÉ TINOCO

Bloco residencial (estudo).

JOÃO ANDRESSEN

Casa de férias em Valongo (1947-48); blocos de habitação em Ramalde; projecto de bairro e casas económicas (1948-49).

MÁRIO BONITO

Bloco residencial no Porto (1950-54).

MARQUES ARAÚJO

Habitação no Cabo do Mundo.

MATOS VELOSO E EDUARDO MATOS

Fábrica de Calçado no Porto (1951); duas habitações em Miramar (1951).

RUI PIMENTEL

Habitação no Porto.

VIANA DE LIMA

Habitação no Porto (1941); habitação no Porto (1951).

VIANA DE LIMA E AGOSTINHO RICCA

Hotel no Gerez.

² In: *O.D.A.M. Organização dos Arquitectos Modernos Porto 1947-1952*; Compilado por Cassiano Barbosa, Porto, Edições ASA, 1972.

ANEXO 3

EXPOSIÇÃO DE HOMENAGEM A MESTRE MARQUES DA SILVA E ALGUNS DOS SEUS DISCÍPULOS, 1953

JOSÉ MARQUES DA SILVA

ESTAÇÃO DE S. BENTO

1. Planta do Conjunto, Projecto do Diploma, Porto, 1896.
2. Fachada Principal, Projecto do Diploma (1º projecto), Porto, 1896.
3. Esboceto.
4. Exterior.

IGREJA DE CEDOFEITA

5. Planta (projecto), Porto, 1899.
6. Fachada principal (projecto).

PALÁCIO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

7. Fachada Principal (elaborado em 1900, exposto em Paris no *Salon* dos Artistas Franceses).
8. Exterior, Guimarães, 1899.

RESIDÊNCIA URBANA

9. Exterior, Rua de D. João IV, Porto, 1904.
10. Exterior, Rua de Fernandes Tomás, Porto.

EDIFÍCIO DE RENDIMENTO

11. Exterior/fachada principal, Rua das Carmelitas, Porto, 1905.

CASA DO ARTISTA

12. Exterior, Praça do Marquês do Pombal, Porto, 1909-1910.

MONUMENTO AOS HERÓIS DA GUERRA PENINSULAR

13. Esboceto, Praça Mouzinho de Albuquerque, Porto, 1909.
14. Escultor Alves de Sousa, ano 1910; interpretação escultórica de Henrique Moreira e José de Sousa Caldas, 1952.

TEATRO S. JOÃO

15. Esboceto, Praça da Batalha, Porto, 1910.
16. Plantas.
17. Exterior.

18. Pormenores da sala de espectáculos e do “foyer” .

19. Pormenores do Vestíbulo e da escada.

EDIFÍCIO DOS ANTIGOS ARMAZÉNS NASCIMENTO

20. Exterior, Rua de Santa Catarina e Rua Passos Manuel, Porto, 1914.
21. Interior

MONUMENTO AO MARQUÊS DO POMBAL

22. Esboceto. Projecto sucessivamente classificado em 2º e 1º lugares no respectivo concurso e finalmente excluído, Lisboa, 1914.

23. Fotografia de modelo (maqueta de gesso), escultor Alves de Sousa.

LICEU ALEXANDRE HERCULANO

24. Vista aérea, Porto, 1914.

25. Exterior.

26. Pátio e Galeria, peça desenhada.

PAÇOS DO CONCELHO DE GUIMARÃES

27. Esboceto. Projecto sucessivamente classificado em 2º e 1º lugar no respectivo concurso e finalmente excluído, Guimarães, 1916.

28. Planta do rés-do-chão, peça desenhada.

29. Planta do entre solo, peça desenhada.

30. Fachada principal, peça desenhada.

31. Fachada poente, peça desenhada.

32. Fachada nascente.

33. Estado Actual.

LICEU D. MANUEL II

34. Esboceto. Projecto classificado em 1º lugar em concurso público, Porto, 1919.

35. Exterior

DELEGAÇÃO DA COMPANHIA DE SEGUROS “A NACIONAL”

36. Plantas. Avenida dos Aliados, Praça da Liberdade, Porto, 1920.

38. Escada principal, atrium de entrada

RESIDÊNCIA URBANA

39. D. João IV, Porto

PALACIO CONDE DE VIZELA

40. Exterior, fachada Rua das Carmelitas e de Cândido Reis, 1920.

EDIFÍCIO “JORNAL DE NOTÍCIAS”

41. Anteprojecto. Avenida dos Aliados, Porto, 1926.

42. Fachada principal. Avenida dos Aliados, Porto, 1927.

EDIFÍCIO DE RENDIMENTO

43. Exterior, fachada principal. Rua Alexandre Braga, Porto, 1925/1928.

MONUMENTO A D. ANTÓNIO BARROSO

44. Vista de conjunto. Escultor José de Sousa Caldas. Barcelos, 1930.

SANTUÁRIO EUCARÍSTICO DA PENA

45. Exterior. Teixeira Lopes. Guimarães, 1930.

MONUMENTO A JOÃO FRANCO

46. Vista do conjunto. Escultor Teixeira Lopes. Barcelos, 1933.

MONUMENTO AO INFANTE D. HENRIQUE

47. Último projecto de vulto apresentado pelo Mestre em concurso público (não classificado), Lisboa, 1934.

JAZIGOS NO CEMITÉRIO DA LAPA E AGRAMONTE

48. Porto.

PALACIO DA BREJOEIRA

49. Biblioteca, Monção.

50. Interior.

DISCÍPULOS

AGOSTINHO FERREIRA DE ALMEIDA (? - 1913)

82. BLOCO DE RENDIMENTO, Rua de Antero de Quental, Porto.

83. FÁBRICA DE TECIDOS DE SEDA LIONESA, LDA, Leça do Balio, 1945.

Colaboração de Alfredo Rodrigo Casais Rodrigues e Francisco Augusto Baptista.

AGOSTINHO RICCA GONÇALVES (1915 - 2010)

84/87. EMPRESA FABRIL DE MÁQUINAS ELÉCTRICAS, S. Mamede, 1948.

_ Exterior, Pormenor de grupo de escritórios.

_ Fachada norte das oficinas.

_ Escada de Acesso aos escritórios.

_ Aspecto das oficinas (interior).

88. PROJECTO DE UM HOTEL, Gerez.

_ Esboceto. Colaboração de Alfredo Evangelista Viana de Lima.

ALFREDO DUARTE LEAL MACHADO (1903 - 1954)

89/90. SANATÓRIO DE D. MANUEL II, Vila Nova de Gaia.

_ Pavilhão de Mulheres e Crianças, exterior

_ Pavilhão de Homens, exterior

91. EDIFÍCIO DAS OBRAS PÚBLICAS, Coimbra.

92. FÁBRICAS TRIUNFO, Coimbra.

93. RESTAURANTE ABADIA, Porto.

ANTÓNIO JÚLIO TEIXEIRA LOPES (1903 - 1971)

94/96. ESTAÇÃO DE SERVIÇO CHEVROLET, Gaia.

_ Modelo

_ Exterior

_ Interior

97. EDIFÍCIO DE RENDIMENTO, Rua Santa Catarina, Porto.

98. FÁBRICA INDUSTRIAL TEXTIL DO AVE, Louzado.

ANTÓNIO MARIA CANDIDO DE BRITO (1904 - 1989)

99. EDIFÍCIO DE RENDIMENTO, Rua do Ameal, Porto.

100. GARAGEM E HABITAÇÃO, Rua do Bonfim.

101. RESIDÊNCIA PARTICULAR, Rua de António Cardoso com Rua de Feliciano Castilho, Porto.

102. RESIDÊNCIA PARTICULAR, Rua Tristão da Cunha, Porto.

ANTÓNIO SOARES CARNEIRO JÚNIOR (1910 - 1966)

103. CASA ALDEÃ, Perafita.

ARMÊNIO LOSA (1908 – 1988), CASSIANO BARBOSA (1911 – 1998)

104. IMÓVEL DE HABITAÇÕES, Rua de Carlos Malheiro Dias, Porto, 1949.

105. IMÓVEL DE HABITAÇÕES, Rua de Olivença, Porto, 1951-52.

106. MORADIA, Rua de Tristão da Cunha, Porto, 1948.

ARS ARQUITECTOS – FERNANDO DA CUNHA LEÃO (1909 – 1990),
FORTUNATO CABRAL (1903 – 1978), MÁRIO CANDIDO MORAIS SOARES
(1908 – 1978)

107. IGREJA DE CRESTUMA

108. IGREJA DE S. PEDRO DE COVA

109. MERCADO DE MATOSINHOS, Matosinhos, 1936.

_ Fachada principal

_ Interior.

111/112. MERCADO DO BOM SUCESSO, Porto, 1949 – 1952.

_ Fachada principal e lateral

_ Interior

113. ARRANJO DA PRAÇA D. JOÃO I, Porto, 1944.

114. PALÁCIO ATLÂNTICO, Porto, 1945- 1951.

115. PRAÇA DE D. JOÃO I, Antevisão.

116. CRUZEIRO MONUMENTAL NA SERRA DÁRGO.

117. SEMINÁRIO DE AVEIRO, Aveiro.

118. CAPELA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, Porto.

119. BALNEÁRIO NAS CALDAS DE AREGOS.

120. ESTALAGEM DO GALO, Maia.

121. FÁBRICA DE MÁQUINAS DE COSTURA.

ARTUR DE ALMEIDA JÚNIOR (1902 - ?)

122. EDIFÍCIO COMERCIAL, Praça da Liberdade, Porto.

123. EDIFÍCIO DE RENDIMENTO E INSTALAÇÕES DA COMPANHIA
“SINGER”, Rua Sá da Bandeira, Porto.

124. BLOCO DE HABITAÇÕES NA AVENIDA DA BOAVISTA, Porto.

125. SINAGOGA DA COMUNIDADE ISRAELITA DO PORTO, Rua Guerra
Junqueiro, Porto, 1929-38.

Colaboração com A. dos Santos Malta.

BERNARDINO BASTO FABIÃO (1912 - ?)

126. BIBLIOTECA POPULAR/PARTICULAR DE PEDRO IVO, Praça do Marques
de Pombal, Porto, 1948.

127/130. BLOCO DE MORADIAS S. VICENTE DE PAULA, Corujeira, Porto.

_ Ângulo nascente – sul.

_ Alçado norte.

_ Pormenor das galerias.

_ Pormenor de escada.

131. AEROPORTO DE PEDRAS RUBRAS, Perspectiva do átrio.

BRUNO ALVES DOS REIS (1916 – 1984)

132. CAPELA DE SANTO AMARO, Matosinhos (modelo).

133. BLOCO DE QUATRO RESIDÊNCIAS, Leça da Palmeira.

134. DUAS RESIDÊNCIAS, Leça da Palmeira.

135. RESIDÊNCIA E ESTABELECIMENTO, Matosinhos.

136. CASA DE HABITAÇÃO EM LEÇA DA PALMEIRA.

CARLOS HENRIQUES DA SILVA NEVES (1916 – ?)

137. IMÓVEL DE RENDIMENTO, Rua de Ceuta, Porto.

138. BLOCO DE DUAS HABITAÇÕES, Rua de Pedro Hispano, Porto.

139. JAZIGO – CAPELA _ Ordem da Trindade, Agramonte, Porto.

140. RESIDÊNCIA PARTICULAR, Rua Câmara Sinval, Porto.

141. RESIDÊNCIA PARTICULAR, Avenida da Boavista, Porto.

142. CONJUNTO RESIDENCIAL, Chaves.

143. IMÓVEL DE RENDIMENTO, Praça de Sidónio Pais, Porto.

144. CASA DE REPOUSO DO “LAR DO COMÉRCIO”, Catassol, Matosinhos.

CELESTINO PEREIRA LEITE (1909 -?)

145. CASA DE HABITAÇÃO, da Rua da Torrinha e Rua da Boa Hora, Porto.

146. EDIFÍCIO DE RENDIMENTO, Rua da Boa Hora, Porto.

DAVID MOREIRA DA SILVA (1090 – 2002)

147. RESIDÊNCIA, Póvoa de Varzim.

148. ANTEPLANOS DE URBANIZAÇÃO, Praia do Moledo do Minho e Vila de Águeda.

MARIA JOSÉ MARQUES DA SILVA (1914 – 1994) E DAVID MOREIRA DA SILVA (1909 - 2002)

149/154. PALÁCIO DO COMÉRCIO, Porto.

_ Fachadas sobre a Rua Fernandes Tomás e de Sá da Bandeira.

_ Fachadas sobre as Ruas de Sá da Bandeira e da Firmeza.

_ Aspecto do pátio.

_ Pérgula no 7º andar.

_ Garagem no 2º sub solo.

_ Acesso à garagem e posto abastecedor de gasolina.

155. SANTUÁRIO DA NOSSA SENHORA DO SAMEIRO, Braga.

_ Modelo.

_ Cruzeiro Monumental, Braga.

157. EDIFÍCIO DE RENDIMENTO, Rua de Nossa senhora de Fátima, Porto.

158/159. SEDE DE OFICINAS DA COOPERATIVA DE PEDREIROS DO PORTO, 1937.

_ Modelo.

_ Fachada sobre a Rua de D. João IV, Porto.

160. PADRÃO COMEMORATIVO, 1º Centenário da Vila de Matosinhos.

161. CASA DE CHÁ, Boa Nova, Matosinhos (projecto).

162. GRADEAMENTO, Adro da igreja de Nossa Senhora da Conceição, Porto.

163. ANTEPLANO DE URBANIZAÇÃO, Cidade de Guimarães.

164. ANTEPLANO DE URBANIZAÇÃO, Cidade de Barcelos.

165. ANTEPLANO DE URBANIZAÇÃO, Vila de Paredes.

166. ANTEPLANO DE URBANIZAÇÃO, Vila de Valongo e Estância Termal do Gerês.

EDUARDO RAÚL DA SILVA MARTINS (1906 -?) E MANUEL DA SILVA PASSOS JÚNIOR (1908 -?)

167. IMÓVEL DE RENDIMENTO, ângulo noroeste das Ruas Firmeza e de Sá da Bandeira.

168. IMÓVEL DE RENDIMENTO, ângulo nordeste das Ruas Firmeza e de Sá da Bandeira.

169. EDIFÍCIO “CAPITÓLIO”, Praça Sidónio Pais, Porto.

170. IGREJA DE CRISTO – REI, Foz do Douro, Porto.

171. BAIRRO DE RESIDÊNCIAS PARTICULARES, Vila do Conde.

172. RESIDÊNCIA PARTICULAR, Rua de Gondarém, Porto.

173. RESIDÊNCIA PARTICULAR, Rua de Diu, Foz do Douro, Porto

ERNESTO CAMILO KORRODI (1905 – 1985)

174/179. GARE RODOVIÁRIA CAPRISTANOS, Caldas da Rainha.

_ Exterior.

_ Sala-restaurante.

_ Passagem interior.

_ Passagem Interior.

_ “Hall” das bilheteiras.

180/181. CINE TEATRO DE LEIRIA.

_ Ante-projecto de reconstrução.

182. BLOCO DE RENDIMENTO, Leiria.

183. BLOCO DE RENDIMENTO, zona residencial de Leiria.

184. BLOCO DE RENDIMENTO, e duas habitações, Leiria.

185/186. MORADIA, Tomar.

187/188. MORADIA, S. Pedro de Moel.

FERNANDO DE SÁ E SANTOS FERREIRA (1914 -?)

189. CASA DE HABITAÇÃO, Porto.

- 190. EDIFÍCIO DE RENDIMENTO, Porto.
- 191. PRÉDIO DE RENDIMENTO, Porto.
- 192. CONSTRUÇÃO INDUSTRIAL, Gaia.
- 193. CASA DE HABITAÇÃO, Porto.
- 194. EDIFÍCIO DE RENDIMENTO, Porto.
- 195. CONSTRUÇÃO INDUSTRIAL, Gaia.
- 196. EDIFÍCIO, Rua de Entreparedes, Porto.

FRANCISCO FERNANDES DA SILVA GRANJA (1914 - ?)

- 197/198. BLOCO DE RENDIMENTO, Av. Fernão de Magalhães, Porto.
- 199/201. CINE TEATRO VALE FORMOSO, Porto.
 - _ Perspectiva.
 - _ Interior.
 - _ Exterior.
- 202/204. GARAGEM PEUGEOT, Porto
- 205. RESIDÊNCIAS PARTICULARES, Rua de António Cândido, Porto.
- 206. EDIFÍCIOS DE RENDIMENTO, Rua de Santa Catarina, Porto.

HOMERO FERREIRA DIAS (1904 – 1960)

- 207. IMÓVEL, Avenida Montevideu, Porto.
- 208. IMÓVEL, Rua Formosa com Rua Santa Catarina.
- 209/210. RESIDÊNCIA PARTICULAR, Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, Porto.
- 211. BLOCO DE DUAS HABITAÇÕES, Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, Porto.

JANUÁRIO GODINHO DE ALMEIDA (1910 – 1991)

- 212/213. POUSADA DE SALOMONDE.
 - _ Exterior.
 - _ Interior.
- 214/215. POUSADA DE VENDA A NOVA, Ferral, Montalegre (1950).
 - _ Exterior.
 - _ Interior.
- 216. FÁBRICA “GOMES NETO”, Senhora da hora, Matosinhos.

JERÓNIMO FERREIRA REIS (1916 – 1984)

- 217. HOTEL MIRAMAR, Miramar.
- 218. RESIDÊNCIA, Espinho.
- 219/220. EDIFÍCIO DE RENDIMENTO, Espinho (1952).
- 221/222. RESIDÊNCIA EM ESPINHO, Espinho (modelo).
- 223. HOSPITAL SUB – REGIONAL, Misericórdia de Espinho.
Perspectiva em colaboração com o arquitecto José António Sequeira Braga.

JOSÉ ANTÓNIO M. SEQUEIRA BRAGA (1913 – 1980)

224/225. FONTE COMEMORATIVA, Guimarães.

Escultura de Eduardo Tavares.

226/229. HABITAÇÃO, arredores de Guimarães.

_ Fachada Principal.

_ Fachada Posterior.

_ 2 aspectos.

_ Pormenor da escada.

JOSÉ FERNANDES DA SILVA (1900 – 19??)

230. CASA DE HABITAÇÃO EM MIRAMAR

231. CASA DE HABITAÇÃO EM MIRAMAR

232. CASA DE HABITAÇÃO EM MIRAMAR

JOSÉ MARIA MOURA DA COSTA (1911 -?)

233. HABITAÇÃO, Rua de D. Dinis, Gaia.

234/235. HABITAÇÃO, Rua de Conceição Fernandes, Gaia.

236. BLOCO DE HABITAÇÕES, Rua Duque de Loulé, Porto.

237/238. BLOCO DE HABITAÇÕES, Rua Morgado de Mateus e Rua Visconde de Bóveda, Porto (em construção).

239. BLOCO DE HABITAÇÕES, Avenida Fernão de Magalhães, Porto.

240. BLOCO DE HABITAÇÕES, Praça de S. João de Brito, Porto.

241. BLOCO DE HABITAÇÕES, Rua de Ceuta, Porto.

JOSÉ JÚLIO DE BRITO (1896 – 1965)

242. TEATRO RIVOLI, Porto.

243/244. EMPRESA INDUSTRIAL DO NORTE

_ Creche.

_ Refeitório.

245. COMPANHIA INDUSTRIAL DE FIBRAS ARTIFICIAIS, Sobrado, Valongo.

246/247. SEDE DA COMPANHIA DE FIAÇÃO DE TECIDOS DE FAFE, Avenida dos Aliados, Porto.

_ Exterior.

_ Pormenor da escada.

248. RESIDÊNCIAS PARTICULARES, Avenida Marechal Gomes da Costa, Porto.

MANUEL MARQUES (1890 – 1956)

249/254. CASA, Vila Nova de Gaia.

_ Aspecto do pátio

MÁRIO AUGUSTO FERREIRA DE ABREU (1908 – 1953)

255. GARAGEM “PASSOS MANUEL”, Rua Passos Manuel, Porto.

256/257. HABITAÇÃO, Caldas da Saúde, Santo Tirso.

- 258/259. HABITAÇÕES, Avenida da Boavista, Porto.
260. CAPELA, Grijó, Vila Nova de Gaia.
261. EDIFÍCIO E SALÕES FLÓRIDA, Porto.
262. BLOCOS DE RENDIMENTO, Dr. Alves da Veiga, Porto.
263/264. CASA, numa quinta na Trofa.
265/277. RESIDÊNCIA, zona da Rua Guerra Junqueiro, Porto.
268. RESIDÊNCIA, Rua de Luís Woodhouse, Porto.
269. RESIDÊNCIA, S. Roque da Lameira, Porto.
270. CASA DE PRAIA, Granja.

ROGÉRIO DOS SANTOS AZEVEDO (1898 – 1983)

278. BAIRRO RESIDENCIAL, Campo 24 de Agosto, Porto
_ Modelo
279. PRÉDIO MAURÍCIO, Porto.
280. HOTEL INFANTE SAGRES, Praça D. Filipa de Lencastre, Porto.
281. FÁBRICA DE VILA FLOR, Guimarães.
282. ABRIGO DOS PEQUENINOS, Porto.
283. EDIFÍCIO DO JORNAL “O COMÉRCIO DO PORTO”, 1929-1932.
Colaboração com Baltazar da Silva Castro.
284. GARAGEM DE “O COMÉRCIO DO PORTO”, 1931.
Colaboração com Baltazar da Silva Castro.
285. CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE LANHOSO
Colaboração com Januário Godinho de Almeida.
286. POUSADA DO MARÃO
Colaboração com Januário Godinho de Almeida.
